



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RODRIGO MAIA MARINELLO

**A DOXA SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA
BRASILEIRA DE AERONÁUTICA S.A (EMBRAER):
NARRATIVAS DE DOCUMENTOS ANALISADAS À LUZ DA
SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA**

Londrina
2022

RODRIGO MAIA MARINELLO

**A DOXA SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA
BRASILEIRA DE AERONÁUTICA S.A (EMBRAER):
NARRATIVAS DE DOCUMENTOS ANALISADAS À LUZ DA
SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA**

Dissertação a nível de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Marinello, Rodrigo Maia.

A DOXA SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA BRASILEIRA DE AERONÁUTICA S.A (EMBRAER) : NARRATIVAS DE DOCUMENTOS ANALISADAS À LUZ DA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA / Rodrigo Maia Marinello. - Londrina, 2022.
160 f.

Orientador: Rafael Borim de Souza.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Administração - Tese. 2. Bourdieu - Tese. 3. Narrativas - Tese. 4. Sustentabilidade - Tese. I. Borim de Souza, Rafael. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658

RODRIGO MAIA MARINELLO

**A DOXA SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA
BRASILEIRA DE AERONÁUTICA S.A (EMBRAER):
NARRATIVAS DE DOCUMENTOS ANALISADAS À LUZ DA
SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA**

Dissertação a nível de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de- Souza
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Luis Miguel Luzio dos Santos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dr^a. Danielle Denes dos Santos
Universidade Positivo – UP

Londrina, 24 de novembro de 2022.

MARINELLO, Rodrigo Maia. **A doxa sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer):** narrativas de documentos analisadas à luz da sociologia bourdieusiana. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). Para isso, argumenta-se que as empresas listadas no ISE-B3 (Índice de Sustentabilidade Empresarial da Bolsa de Valores de São Paulo) apresentam narrativas “sustentáveis” que se apoiam em um ideal euro- americano de sustentabilidade, porém, suas motivações para adesão ao índice são majoritariamente econômicas. Nas produções narrativas, há uma filosofia subjacente, um conjunto de elementos dados como garantidos, verdades inquestionáveis, nas quais as narrativas se apoiam para abordar um tema ou veicular uma interpretação. Esse conjunto de elementos é entendido por Bourdieu pelo conceito de doxa. Nos relatórios de sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer) há a presença de entendimentos padronizados do que é sustentabilidade e de como ela é apresentada. Essa recorrência de padrões argumentativos ou de uso de símbolos são indícios de manifestação da doxa sobre sustentabilidade. Pretende-se então expor, por meio da análise de narrativas contidas nos relatórios de sustentabilidade das empresas selecionadas, das publicações em mídias sociais e nos canais de YouTube dessas empresas, qual a doxa sobre sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). A pesquisa foi desenvolvida por uma abordagem qualitativa e descritiva, que se utiliza da pesquisa documental e da análise de narrativas para interpretar e descrever os documentos selecionados. Analisou-se 21 relatórios corporativos e mais de 600 vídeos da Embraer, nos quais identificou-se a reprodução de um ideal euro-americano de sustentabilidade que se apoia no entendimento de sustentabilidade como um equilíbrio entre as dimensões ambientais, sociais e econômicas. Em suas narrativas, há a presença constante da apresentação da tecnologia e de novos produtos como promotores da sustentabilidade, vetores da sociedade rumo a um futuro sustentável com equilíbrio social, econômico e ambiental. A doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer é configurada a partir do entendimento de que sustentabilidade está apoiada em ecoeficiência, tecnocentrismo, sustentabilidade ambiental-social-econômica, futuro sustentável e responsabilidade (social, ambiental e econômica). A Embraer não apresenta detalhes profundos de seus programas e de como eles promovem a sustentabilidade. A narrativa da Embraer não apresenta o que a empresa entende por sustentabilidade de forma clara e definida. São narrativas que se utilizam da doxa, importada do ideal euro-americano de sustentabilidade, para se fazer ver e se fazer crer. Não descrevem seu processo produtivo e seus impactos sobre as regiões onde atuam. Como estudos futuros, sugere-se uma pesquisa empírica que descreva os impactos da empresa e a atuação social e ambiental da Embraer, a fim de relacionar como a Embraer se relaciona com seus próprios impactos sociais, econômicos e ambientais.

Palavras-chave: bourdieu; doxa; índice de sustentabilidade empresarial; narrativas; símbolo; sustentabilidade.

MARINELLO, Rodrigo Maia. **The doxa about sustainability of Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer):** documental narratives analyzed in the light of bourdieusiana sociology. 2022. 160 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

This research aims to describe, in the light of Bourdieusian sociology, the doxa on the sustainability of Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). For this, it is argued that the companies listed on the ISE-B3 (Corporate Sustainability Index of the São Paulo Stock Exchange) present “sustainable” narratives that are based on a Euro-American ideal of sustainability, however, their motivations for joining to the index are mostly economic. In narrative productions, there is na underlying philosophy, a set of elements taken for granted, unquestionable truths, on which the narratives are based to approach a theme or convey na interpretation. This set of elements is understood by Bourdieu by the concept of doxa. In the sustainability reports of Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer) there are standardized understandings of what sustainability is and how it is presented. This recurrence of argumentative patterns or use of symbols is evidence of the manifestation of the doxa on sustainability. It is then intended to expose, through the analysis of narratives contained in the sustainability reports of the selected companies, the publications on social media and on the YouTube channels of these companies, what is the doxa on sustainability of Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). The research was developed using a qualitative and descriptive approach, which uses documental research and narrative analysis to interpret and describe the selected documents. 21 corporate reports and more than 600 Embraer videos were analyzed, in which the reproduction of a Euro-American ideal of sustainability was identified, based on the understanding of sustainability as a balance between environmental, social and economic dimensions. In their narratives, there is a constant presence of the presentation of technology and new products as promoters of sustainability, vectors of society towards a sustainable future with social, economic and environmental balance. The doxa on sustainability built by Embraer is based on the understanding that sustainability is based on eco-efficiency, technocentrism, environmental-social-economic sustainability, sustainable future and responsibility (social, environmental and economic). Embraer does not provide in-depth details of its programs and how they promote sustainability. Embraer's narrative does not present what the company understands by sustainability in a clear and defined way. These are narratives that use doxa, imported from the Euro-American ideal of sustainability, to make themselves seen and believe. They do not describe their production process and their impacts on the regions where they operate. As future studies, empirical research is suggested that describes the company's impacts and Embraer's social and environmental performance, in order to relate how Embraer relates to its own social, economic and environmental impacts.

Key words: bourdieu; corporate sustainability index; doxa; narratives; symbol; sustainability.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Teoria das vantagens comparativas e a interpretação bourdiesiana de dominação	48
Imagem 2 - Relatório de 2005	107
Imagem 3 - Relatório de 2006	108
Imagem 4 - Tópico sobre sustentabilidade no relatório de 2008	111
Imagem 5 - Metas de sustentabilidade da Embraer (2021).....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Tabela procedimental.....	85
Tabela 2 -	Carteira ISE-B3 2005-2022	90
Tabela 3 -	Levantamento de vídeos do canal do YouTube da Embraer	93
Tabela 4 -	Tabela procedimental.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Orientações temáticas.....	78
Quadro 2 - Resumo da distribuição e participação dos vídeos da Embraer por duração	95
Quadro 3 - Temas e número de vídeos por tema.....	96
Quadro 4 - Distribuição do número de vídeos por narrativa	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de publicação de vídeos no YouTube por ano	94
Gráfico 2 - Distribuição da quantidade de vídeos por duração	95
Gráfico 3 - Participação relativa de cada tema	96
Gráfico 4 - Participação relativa de cada narrativa no total.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B3	Brasil, Bolsa, Balcão
BOVESPA	Bolsa de Valores de São Paulo
DJSI	Dow Jones Sustainability Index
EMBRAER	Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A
ESG	Environmental, Social and Governance
GRI	Global Reporting Initiative
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IEEP	Instituto Embraer de Educação e Pesquisa
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
ISE	Índice de Sustentabilidade Empresarial
ONU	Organizações das Nações Unidas
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
TPL	Triple Bottom Line
WBCSD	World Business Council for Sustainable Development

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA.....	22
1.2	OBJETIVOS	24
1.2.1	Objetivo Geral.....	24
1.2.2	Objetivos Específicos	24
2	REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1	SOBRE A SOCIOLOGIA BOURDIESIANA.....	25
2.1.1	As duas Dimensões da Realidade.....	25
2.1.2	A Relação Estrutura-Agente	28
2.1.3	Sobre a Linguagem	32
2.1.4	O Conceito de Doxa para Pierre Bourdieu	36
2.2	A MUNDIALIZAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE.....	41
2.2.1	Mundialização e Neoliberalismo	43
2.2.2	A Internacionalização do Ideal do Estado Euro-Americano e a Sustentabilidade	50
2.2.3	O Anti-Ecologismo: Uma Resposta aos Movimentos Ambientais.....	59
2.3	ARGUMENTO DE PESQUISA: A SUSTENTABILIDADE ENQUANTO UM SÍMBOLO PARA AS ORGANIZAÇÕES	65
2.3.1	Sustentabilidade e a Representação de um Sistema Simbólico cultural Euro-Americano.....	66
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
3.1	CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA	74
3.2	ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	75
3.3	UNIDADE DE ANÁLISE	77
3.4	ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS	77
3.5	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	82
4	APRESENTAÇÃO DA EMBRAER S.A. E DO ISE-B3	86
4.1	SOBRE A EMBRAER	86

4.2	PARTICIPAÇÃO DA EMBRAER NO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL B3 (ISE-B3)	88
5	ANÁLISE DE DADOS	92
5.1	MATERIAL PRODUZIDO E DIVULGADO NO YOUTUBE	92
5.1.1	“Responsabilidade Social”	97
5.1.2	“Ecoeficiência”	98
5.1.3	“Saúde Pública”	99
5.1.4	“Relações Humanas”	99
5.1.5	“Defensivos Agrícolas”	100
5.1.6	Sobre as Narrativas Presentes nos Vídeos	100
5.2	RELATÓRIOS CORPORATIVOS E A SUSTENTABILIDADE	104
5.2.1	Relatório Embraer 2000, 2002 e 2004	104
5.2.2	Relatório Embraer 2001	105
5.2.3	Relatório Embraer 2003	105
5.2.4	Relatório Embraer 2005	105
5.2.5	Relatório Embraer 2006	106
5.2.6	Relatório Embraer 2007	109
5.2.7	Relatório Embraer 2008	109
5.2.8	Relatório Embraer 2009	112
5.2.9	Relatório Embraer 2010	114
5.2.10	Relatório Embraer 2011	115
5.2.11	Relatório Embraer 2012	116
5.2.12	Relatório Embraer 2013	117
5.2.13	Relatório Embraer 2014	119
5.2.14	Relatório Embraer 2015	120
5.2.15	Relatório Embraer 2016	121
5.2.16	Relatório Embraer 2017	122
5.2.17	Relatório Embraer 2018	124
5.2.18	Relatório Embraer 2019 e 2020	125
5.2.19	Relatório Embraer 2021	126
5.2.20	Indicadores de Sustentabilidade Embraer 2021	127
5.2.21	Sobre as Narrativas Encontradas nos Relatórios de Sustentabilidade	129
5.3	ANÁLISE BOURDIESIANA DAS NARRATIVAS LEVANTADAS	132

5.3.1	A Ortodoxia sobre Sustentabilidade nas Narrativas da Embraer.....	133
5.3.2	A Heterodoxia sobre sustentabilidade nas Narrativas da Embraer	136
5.3.3	A Allodoxia sobre Sustentabilidade nas Narrativas da Embraer.....	139
5.3.4	A Doxosofia sobre Sustentabilidade nas Narrativas da Embraer	140
5.3.5	Os Guardiões da ordem Simbólica da Sustentabilidade Narrada pela Embraer	141
5.3.6	A Doxa sobre Sustentabilidade Construída pela Embraer.....	142
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	150
	ANEXOS	155
	ANEXO A - Lista de relatórios corporativos da Embraer	156
	ANEXO B – Lista de vídeos do YouTube da Embraer.....	158

1 INTRODUÇÃO

A emergência do debate sobre sustentabilidade na política mundial, suscitada pela Conferência de Estocolmo em 1972 e pela produção do Relatório de Brundtland apresentado em 1987, trouxe à tona a necessidade de se analisar os impactos ambientais, econômicos e sociais das atividades das organizações para o mundo (MEBRATU, 1998; PIERRI, 2001; TAYLOR, 2000).

A Conferência de Estocolmo e o Relatório de Brundtland foram motivados pelo crescimento, tanto em número quanto em influência política e social, dos movimentos sociais verdes, movimentos ambientalistas que incorporaram demandas sociais em suas pautas. O crescimento destes movimentos se deu por meio de propagandas que contavam com narrativas e imagens para mobilizar a opinião pública a entender que as organizações trouxeram consigo efeitos nefastos para o meio-ambiente das regiões em que se instalaram (PIERRI, 2001; TAYLOR, 2000).

Os movimentos sociais verdes passam então a pressionar organizações e nações para que estes apresentem iniciativas que promovam a sustentabilidade. Algumas respostas são apresentadas, tal como a realização de reuniões entre nações como: a Conferência do Rio em 1992; a Rio +20 em 2012; e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2016 (LAYRARGUES, 2017).

No Brasil, uma iniciativa foi criada pela bolsa de valores de São Paulo, a BOVESPA, para promover a sustentabilidade empresarial. Esta iniciativa foi inspirada em uma movimentação política elaborada em 1999 nos Estados Unidos, que foi o primeiro índice de sustentabilidade empresarial do mundo: Dow Jones Sustainability Index. A BOVESPA criou em 2005 o Índice de Sustentabilidade Empresarial, o ISE-BOVESPA (hoje ISE-B3) como uma forma de avaliar empresas com políticas e iniciativas que promovam a sustentabilidade ambiental, econômica e social no país (B3, 2022; ISE-B3, 2022c).

O ISE-B3 é composto por uma carteira de empresas com ações na B3, que passaram voluntariamente por um processo de avaliação documental e audição externa realizada pela KPMG, para que possam ser consideradas empresas listadas no ISE-B3. A avaliação é realizada a partir de um conjunto de diretrizes, tal como a presença de políticas e iniciativas voltadas para a

comunidade, modelos de gestão voltados para o bem-estar de seus funcionários, presença de gestão ambiental e demonstrações financeiras sustentáveis (B3, 2021).

As empresas listadas no ISE-B3 podem se utilizar do índice em suas propagandas para veicular e legitimar suas práticas organizacionais como sustentáveis (B3, 2021).

Conforme apresenta o site InfoMoney (2021):

Desde a sua criação, o ISE apresentou rentabilidade de +203,8%, contra +175,38% do Ibovespa. O processo da carteira 2019 do ISE contou com a asseguuração externa da KPMG. A empresa emitiu parecer de "Asseguuração Limitada sem Ressalvas". A asseguuração do processo do ISE é realizada desde 2012.

Para as empresas, a participação em iniciativas como o ISE-B3, além de um aumento em sua rentabilidade, apresenta ainda um incremento no valor de mercado percebido por investidores (ANDRADE et al., 2013). Conforme aponta Beato, de Souza e Parisotto (2009) as empresas listadas no ISE-B3 apresentam maiores percentuais de aumento de rentabilidade e menor volatilidade e menores perdas em momentos de crise, como ocorreu entre 2005 e 2008 com a crise imobiliária nos Estados Unidos.

Grandi, Jasinski e Andreoli (2020) realizaram um comparativo entre as empresas listadas no ISE-B3 e concorrentes não listadas para analisar um possível ganho econômico com a adesão de uma empresa ao índice. Entre seus achados, ressaltam que 75% das empresas pesquisadas apresentaram um aumento superior ao de concorrentes em seu valor de mercado e no preço de suas ações. Porém, resalta-se que não há estudos que abordam a relação entre a participação no ISE-B3 com aumento ou perda de *marketshare*. Foi pesquisado na Scielo, *Web of Science*, Periódicos CAPES e Emerald Insight pelas palavras-chave "ISE", "ISE-B3", "ISE-BOVESPA", "Índice de Sustentabilidade Empresarial", "Corporate Sustainability Index", "Business Sustainability Index" e "*Marketshare*". O termo "*marketshare*" foi pesquisado em conjunto com cada um dos termos anteriormente citados, buscando encontrar variações de nomenclaturas para se referir ao ISE-B3. Não houve resultados em periódicos com fator de impacto superior a 7 ou classificação superior a B2 (B1, A2 e A1).

Há uma ressalva a ser realizada: as empresas listadas no ISE-B3, apesar de algumas possuírem concorrentes fora do índice, encontram-se

majoritariamente em segmentos de mercado nos quais há a presença de monopólios ou oligopólios, dificultando assim uma análise mais precisa (ANDRADE et al., 2013; BEATO; DE SOUZA; PARISOTTO, 2009; GRANDI; JASINSKI; ANDREOLI, 2020).

Tais estudos apontam que as motivações das organizações listadas em programas e índices que promovem a sustentabilidade tenham interesses distintos dos movimentos ambientalistas (ANDRADE et al., 2013; BEATO; DE SOUZA; PARISOTTO, 2009). Andrade et al. (2013) demonstra que durante os períodos de crise entre 2005 e 2009, o ISE-B3 apresentou os menores números de empresas listadas e os menores números de empresas interessadas em participar do índice. Em períodos de crise financeira, os investimentos em sustentabilidade realizado pelas organizações tendem a diminuir (ANDRADE et al., 2013).

Os índices e as iniciativas que buscam promover a sustentabilidade atuam enquanto respostas a serem dadas para as demandas de movimentos sociais verdes, ao mesmo tempo em que evitam a regulamentação imposta pelo Estado. São resultados do processo de mundialização pautados em uma agenda neoliberal produzida no eixo euro-americano (BOURDIEU, 2001; JACK; WESTWOOD, 2009; LAYRARGUES, 2017). O processo de mundialização é a integração cultural e econômica das nações, nas quais o eixo euro-americano produz políticas e ações que serão replicadas pelas nações em desenvolvimento (BOURDIEU, 1998, 2001). Tais produtos (como os índices empresariais) são incorporados e reproduzidos pelas nações fora do eixo euro-americano, promovendo um processo de replicação da cultura e do pensamento econômico produzido nos Estados Unidos e na Europa (BOURDIEU, 2001).

As organizações atuam enquanto instrumentos de disseminação e promoção das ideologias dos países ricos, de onde se originam. São estruturas capazes de reconfigurar a realidade social, ambiental e econômica das regiões nas quais se instalam, com a promessa de prover o desenvolvimento cultural e econômico, por meio da oferta de capital econômico escasso (O'CONNOR, 2002; QUIJANO, 2005).

Buscando aumentar seus lucros e diminuir as barreiras para sua atuação, as organizações apresentam o interesse em participar de índices e

iniciativas que promovam a sustentabilidade como uma forma de demonstrar responsabilidade perante a opinião pública (LAYRARGUES, 2017).

Porém, há alguns casos que demonstram políticas de gestão insustentáveis de organizações certificadas por tais índices, como aconteceu nos municípios de Mariana e de Brumadinho, nos quais os crimes ambientais que ocorreram nessas regiões foram causados por uma organização listada no ISE-B3 antes e durante o crime (ZANONI et al., 2021).

Aponta-se que possivelmente, a participação das organizações no ISE-B3 tenha motivações puramente econômicas. Conforme indicam Zanoni et al. (2021) e Andrade et al. (2013), as organizações listadas no ISE-B3 podem apresentar políticas e iniciativas insustentáveis, como são os casos de empresas ainda presentes no índice como a Vale S.A., a J.B.S., Hydro, que apresentam denúncias realizadas pelo Ministério Público Federal por crimes ambientais (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018; UOL, 2019; ZANONI et al., 2021).

Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis IBAMA (2020), entre o período de 2011 até 2015 houve mais de 80 mil crimes ambientais no país. Os maiores números estão nas regiões Norte e Nordeste. É o equivalente a 20 mil crimes ambientais por ano, ou a aproximadamente 54 crimes ambientais por dia. Dentre estes, menos de 10% apresentam-se solucionados (IBAMA, 2020).

Entre 2010 e 2020, empresas listadas no ISE-B3 cometeram crimes ambientais de grandes proporções e foram responsáveis por inúmeras mortes e por um impacto ambiental que ainda em 2022 encontra-se não recuperado (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018; UOL, 2019; ZANONI et al., 2021). Em 2018, a empresa Hydro Alunorte foi denunciada pelo Ministério Público Federal por conta do transborde de uma bacia de rejeitos químicos líquidos em Barcarena, na região metropolitana de Belém do Pará, provocando contaminação da região por metais pesados (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018).

Porém, há ainda empresas que foram listadas no ISE-B3 no passado e que passaram por processos de exclusão da carteira de empresas sem cometerem crimes ambientais, como é o caso da Embraer que participava da carteira desde sua criação em 2005. A empresa brasileira de tecnologia

aeronáutica ficou de fora da carteira 2012/2013, retornou em 2013/2014 e novamente foi excluída em 2017/2018 e não mais voltou (ISE-B3, 2022a).

Apesar de sua relação prática com a sustentabilidade ser aparentemente diferente das empresas excluídas do ISE-B3 por crimes ambientais, a Embraer foi excluída do índice em duas oportunidades (ISE-B3, 2022a; ZANONI et al., 2021). Os motivos de ambas as exclusões não foram revelados pela B3 ou pela Embraer, mas, coincidem com dois momentos relevantes de sua história: a exclusão de 2012/2013 foi seguida após os primeiros passos para a internacionalização da empresa que culminou com a inauguração de duas fábricas em Portugal em 2012 (CAVOK, 2012); e a exclusão de 2017/2018 foi seguida da confirmação em 2018 da conclusão das negociações para a criação de uma *joint venture* entre Boeing e Embraer (UOL, 2017).

Há duas exclusões da Embraer do ISE-B3, nas quais ambas as remoções sucederam movimentações de internacionalização, visando aumento do valor da empresa e incremento de seus lucros (CAVOK, 2012; ISE-B3, 2022a; UOL, 2017).

Em períodos de crise econômica, o interesse de organizações na participação de índices tende a diminuir. Logo, a adesão ao ISE-B3 pode se configurar como um instrumento de incremento da rentabilidade e do valor de mercado da organização. Verifica-se que em 2008, ano da crise internacional, foi o período com menor número de empresas listadas no ISE-B3, contendo 23 empresas (ANDRADE et al., 2013).

O ISE-B3, suas diretrizes e suas narrativas apresentam um entendimento sobre sustentabilidade que se apoia na interpretação euro-americana de sustentabilidade, como um equilíbrio entre as dimensões sociais, econômicas e ambientais (O'CONNOR, 2002). Essa interpretação representa aquilo que O'Connor (2002) identifica como o *mainstream* dos debates sobre sustentabilidade, são as narrativas dominantes sobre o que é sustentabilidade e como ela deve ser debatida.

As narrativas dominantes apresentam um conjunto de elementos tidos como garantidos, verdades inquestionáveis, nas quais se apoiam para impor sua interpretação. Estes elementos e essas verdades inquestionáveis atuam como justificativas e argumentos que sustentam e que são reforçados pela narrativa

dominante. Este conjunto de elementos tidos como garantidos e verdades inquestionáveis é o conceito bourdieusiano de doxa (BOURDIEU, 1996).

A doxa é aquilo que confere à narrativa sua força simbólica de imposição e de reconhecimento como dominante, uma vez que a doxa é entendida como algo não passível de resignificação, é a representação imediata do mundo. É capaz de se apresentar não como um conjunto de elementos socialmente construídos, mas como um conjunto de verdades inquestionáveis. Podem se apresentar como inquestionáveis devido ao seu aparente alto grau de lastro com a realidade e seu alto poder de explicação para as manifestações na realidade (BOURDIEU, 1972, 1977, 1996, 2009, 2012).

Quando uma narrativa reforça a interpretação dominante e se apoia nas verdades inquestionáveis, ela é uma ortodoxia. A ortodoxia é a narrativa legitimada pela doxa, e ao mesmo tempo, reforça os elementos tidos como garantidos. As narrativas concorrentes que buscam romper com a interpretação dominante e questionar as verdades inquestionáveis de um ambiente, depara-se então com uma heterodoxia. A heterodoxia busca subverter a dominação, romper com a interpretação dominante para que possa então dominar (BOURDIEU, 1972, 1977, 1996). Tanto na ortodoxia quanto na heterodoxia, há uma filosofia subjacente, uma linha de raciocínio que orientam as produções narrativas ao mesmo tempo em que mantem um certo grau de lastro com a realidade (BOURDIEU, 1996).

Porém, há algumas manifestações narrativas que se apresentam como artifícios, estratégias narrativas para a promoção da ortodoxia ou da heterodoxia. A estes casos Bourdieu (1972, 1977, 1996, 2009) trata como allodoxia e como doxosofia.

A allodoxia é uma narrativa que se utiliza de argumentos coerentes lastreados na realidade, mas que não possuem correlação entre si. Produzem narrativas com relações incoerentes. Com argumentos que, isoladamente, são produtos lógicos e coerentes de outros sistemas de relações, mas que não possuem correlação entre si (BOURDIEU, 2001).

A doxosofia é o ato de empregar artifícios linguísticos em uma narrativa para conferir a ela um falso grau de cientificidade. Trata-se da utilização de termos técnicos e linguagem na norma culta do idioma, para a promoção de

narrativas que visam construir argumentos sem lastro algum com a realidade (BOURDIEU, 1972, 1977).

A doxa e a ortodoxia são mantidas pelos guardiões da ordem simbólica, agentes e estruturas capazes de mobilizar narrativas que se apresentam como palavras de ordem, como aquilo que é óbvio e como a melhor interpretação disponível para a análise da realidade. São jogadores dotados de uma força simbólica tamanha que podem construir a realidade por meio da manipulação dos esquemas de percepção e ação daqueles sob sua influência. Reproduzem a doxa e a ortodoxia, prezam pela manutenção da dominação e são responsáveis pela promoção e manutenção da adesão dóxica. A adesão dóxica é a disseminação, legitimação, incorporação e reprodução da doxa pelos dominados e até entre os próprios dominantes (BOURDIEU, 2001).

O argumento de pesquisa deste trabalho é interpretar a sustentabilidade enquanto um símbolo para as organizações. As organizações se utilizam do termo “sustentabilidade” e de todo o conjunto de significados atrelados a ela para construírem narrativas, estruturando uma imagem empresarial verde e responsável para a organização. Porém, na prática, isso pode não representar a realidade operacional de tais organizações (BOURDIEU, 1990, 1996, 2012; LAYRARGUES, 2017; O’CONNOR, 2002; REDCLIFT; WOODGATE, 2010; TAYLOR, 2000).

A presente pesquisa busca descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). Busca-se desvelar as verdades inquestionáveis sobre a sustentabilidade nas quais apoiam-se as narrativas da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). O problema de pesquisa é: **qual a doxa sobre sustentabilidade presente nas narrativas da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer)?** Para responder a esta pergunta estabelece-se como objetivo geral desta pesquisa, o seguinte: **descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).**

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva bourdieusiana, que se caracteriza pela reflexividade e se apoia em uma ontologia historicista e em uma epistemologia histórica (BOURDIEU, 1990, 1996, 2009, 2012). É classificada como qualitativa subjetivista e descritiva (MERRIAM, 2009;

RICHARDSON, 2017). Por conta da abordagem epistemológica, optou-se para análise de dados o uso da análise de narrativas, cujo instrumento utilizado de coleta de dados foram os relatórios de sustentabilidade produzidos pelas organizações analisadas, desde o primeiro relatório de sustentabilidade produzido enquanto membro na carteira do ISE-B3 até seu relatório mais recente produzido enquanto membro ou não do ISE-B3.

A pesquisa foi organizada da seguinte forma: uma revisão teórica dos conceitos bourdieusianos de realidade, de símbolo, de simbólico, de agência, de estrutura, de linguagem e de doxa. Então, aborda-se sobre a sustentabilidade, o processo de mundialização, a ideologia neoliberal e o anti-ecologismo. Em seguida, encontra-se o argumento de pesquisa para a interpretação da sustentabilidade como um símbolo para as organizações. Após a discussão teórica apresentado nestes três tópicos, apresenta-se os procedimentos metodológicos da presente pesquisa.

1.1 Justificativa

Esta pesquisa busca contribuir com a identificação: do entendimento de sustentabilidade presente nas narrativas de organizações em relatórios de sustentabilidade; da sustentabilidade enquanto um símbolo que representa um conjunto de valores e ideais euro-americanos empregados nas narrativas organizacionais sobre sustentabilidade; das verdades inquestionáveis que sustentam a narrativa euro-americana de sustentabilidade.

Busca-se aqui contribuir para os estudos organizacionais enquanto uma área temática ao reforçar as relações presentes entre as teorias sociológicas e as teorias organizacionais, no que tange às contribuições advindas da sociologia para interpretar a relação entre homens, organizações e sociedade como fenômenos em suas múltiplas dimensões (KOONTZ, 1961; REED, 2007). Nos estudos organizacionais, a presente pesquisa contribui com sua interpretação de realidade, de agência e de estrutura, nos quais os indivíduos e as organizações são entendidos a partir de uma existência dual objetiva-simbólica.

Para os estudos que se utilizam da sociologia bourdieusiana, a presente pesquisa apresenta novas relações entre o processo de mundialização e a dominação simbólica exercida pelos sistemas simbólicos produzidos nos países ricos, que se utilizam da sustentabilidade para a disseminação da cultura euro-

americana e seu ideal de sustentabilidade. É uma nova abordagem a partir da qual possibilita-se perceber e entender uma dimensão não economicista da economia, onde há a construção de valor para organizações que podem resultar em maiores lucros financeiros e simbólicos, ainda que possa acarretar incoerências entre suas narrativas e suas práticas. A reflexividade presente na sociologia bourdiesiana permite questionar aquilo que apresenta conflito, cuja relação teoria-prática não esteja alinhada, ou ainda, refletir e questionar sobre aquilo que é dado como certo ou como garantido.

Busca-se ainda contribuir para com os estudos sobre internacionalização, globalização e mundialização, com a identificação de novos instrumentos e novos meios de dominação que os países ricos exercem sobre os países pobres a partir das organizações. As organizações atuam enquanto instrumentos de promoção de desenvolvimento econômico das regiões pobres nas quais se instalam, levando o capital escasso, extraindo recursos humanos e naturais ao mesmo tempo em que dissemina a cultura do país de origem, promovendo um processo de colonização simbólica.

Para os estudos sobre sustentabilidade e sustentabilidade corporativa, apresenta-se a sustentabilidade enquanto um símbolo, uma representação de um conjunto de valores e interesses da região que produz a narrativa dominante e que dita o que é sustentabilidade e como ela deve ser operacionalizada ou debatida. A sustentabilidade atua enquanto um instrumento de imposição de produtos culturais e intelectuais euro-americanos. Ainda, contribui para a análise das narrativas organizacionais sobre sustentabilidade e as práticas organizacionais e sua relação com a sustentabilidade, que em alguns casos, apresentam uma dissonância, onde as narrativas apresentam as organizações como sustentáveis, mas que na prática, apresentam operações e modelos de gestão insustentáveis.

Para a sociedade e as pessoas, apresenta-se contribuições que visam apresentar uma nova leitura das organizações, de suas ações e propagandas. Visa-se fornecer elementos e conhecimentos para que as pessoas possam se emancipar de narrativas que visam manipular suas percepções e suas ações, tornando-as peões em um jogo de poder no qual a preocupação principal das empresas é o lucro.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

- Descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar a ortodoxia sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).
- Distinguir a heterodoxia sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).
- Apresentar manifestações allodóxicas sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).
Reconhecer declarações doxosóficas sobre a sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).
Expor os guardiões da ordem simbólica da sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo aborda-se sobre a sociologia bourdiesiana e seu conceito de doxa; sobre a sustentabilidade, o processo de mundialização e a dominação euro-americana, e o Anti-Ecologismo; e por fim, apresenta-se a interpretação da sustentabilidade enquanto um símbolo para as organizações.

2.1 Sobre a Sociologia Bourdiesiana

O presente capítulo desta pesquisa tem por objetivo apresentar o conceito de doxa de Pierre Bourdieu. Para isto, resgata-se sobre a realidade social para Bourdieu; a relação estrutura-sujeito e sua interpretação bourdiesiana; o que é linguagem e o mercado de trocas linguísticas; e por fim; o conceito de doxa. Optou-se pela exposição nesta ordem para que se possa demonstrar o percurso de Bourdieu em reinterpretar a relação entre agente-estrutura; o papel da linguagem nas relações entre agentes e estruturas e a economia das trocas linguísticas; e por fim, o que é a doxa e os meios pelos quais se manifesta.

2.1.1 As duas dimensões da realidade

Diversas perspectivas buscam interpretar ou descrever o que seria aquilo que tomamos pela palavra realidade, qual seu entendimento e o que representa (BOURDIEU, 1996). Há um debate na filosofia que busca por tais respostas – a ontologia (MARSH; FURLONG, 2002).

A ontologia é o ramo da filosofia dedicado a buscar entender a natureza da existência, do que pode ser considerado real ou virtual (MARSH; FURLONG, 2002). Neste debate há duas correntes principais: o objetivismo e sua visão descritiva de mundo; e o subjetivismo e sua visão interpretativa de mundo (ROWE; BROADIE, 2002).

Uma visão objetivista entende que o existir é um ato inato de tudo aquilo que de fato existe, independentemente de sua capacidade de apreciação. É uma perspectiva que acredita que a existência depende de si mesma e não depende da capacidade humana de percebê-lo e reconhecê-lo. Como resultado, tudo aquilo que o homem percebe e interpreta, na verdade, é uma descoberta e uma descrição da realidade que a natureza íntima da existência manifesta. O homem

só pode manipular os elementos químicos, as leis da física, e até mesmo outros homens, caso entenda e se submeta a atuar conforme os mecanismos naturais de funcionamentos dos mesmos (MARSH; FURLONG, 2002).

Por outro lado, a perspectiva subjetivista que entende que a realidade é tudo aquilo que possa ser apreciada e que, o significado e o valor para as coisas são dados a partir da capacidade humana de interpretação, ou seja, a realidade é aquilo que o homem pode acessar. Se algo não pode ser percebido e conhecido, não existe. As leis das ciências naturais são frutos da percepção humana da realidade de como o homem as entende, são produtos da consciência humana (MARSH; FURLONG, 2002).

Influenciado pelas discussões ontológicas presentes nas obras de autores como Marleau-Ponty, Lukács, Marx, Weber, Durkheim, Levi-Strauss, Saussure, Wittgenstein, Sartre, entre outros, Bourdieu aborda a realidade como a relação entre uma dimensão objetiva e uma dimensão simbólica da existência (BOURDIEU, 1996).

Para Bourdieu (2012) a realidade é o conjunto de tudo aquilo que pode ser diretamente percebido pelo homem, tudo aquilo que foi construído pela capacidade humana de interpretação, e de tudo aquilo que está velado permeando a dimensão visível aos sentidos do homem. Para Bourdieu (1996), as ciências exatas abordam sistemas cujos mecanismos de funcionamento são dados por leis objetivas que são passíveis de serem descobertas pelos homens, e que estes as interpretam e promovem a produção de conhecimento para que outras tecnologias possam ser criadas.

As ciências sociais pesquisam fenômenos sociais, construídos a partir da relação entre os próprios homens e seu ambiente. Os mecanismos de funcionamento tendem a variar de acordo com o ambiente e o momento pesquisado (BOURDIEU, 1996).

A interpretação bourdiesiana de realidade é uma abordagem que entende que a realidade é ao mesmo tempo descoberta e criada. Há coisas na realidade que independem a capacidade humana de interpretação para serem como são, mas também há elementos dependentes dos homens para se fazerem existir (BOURDIEU, 2012).

Entende-se que a realidade é um emaranhado complexo de relações entre elementos objetivos e os sistemas simbólicos, que produzem aquilo que

podemos perceber e o que não percebemos (BOURDIEU, 2012). A dimensão objetiva compreende aquilo que pode ser diretamente acessado e apreciado pelos órgãos dos sentidos, ou seja, tudo aquilo que possui existência material. Porém, há ainda a dimensão simbólica, que compreende todo um conjunto de sentimentos, interesses e emoções que permeiam a dimensão objetiva (BOURDIEU, 1996, 2012).

O simbólico é aquilo que se encontra velado, mistificado, protegido de ser acessado. A dimensão simbólica refere-se ainda a um sistema de significados e valores socialmente construídos e que se encontram inscritos nos sistemas sociais que inculcam na mente dos homens valores e protocolos informais de comportamento como a cultura, religião e família (BOURDIEU, 2012). O simbólico é abstrato, não é objetivamente delimitável, atua por meios de sistemas simbólicos de construção de sentido e valor para o mundo, como a linguagem (BOURDIEU, 1977, 2012).

Bourdieu aborda que a realidade social é permeada por símbolos que possuem uma representação objetiva que evoca os sistemas simbólicos de significação, e que os símbolos se encontram entre as primeiras formas de comunicação entre os homens (BOURDIEU, 1996).

Os símbolos são os instrumentos por excelência da «integração social»: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração «lógica» é a condição da integração «moral» (BOURDIEU, 2012, pg. 10).

São responsáveis por tornar as relações de comunicação possíveis, de gerar entendimento e consenso. Os símbolos são meios de manifestação dos sistemas simbólicos, é um instrumento de objetivação parcial da dimensão simbólica. É parcial devido ao seu caráter vago e pouco explicativo, refere-se a algo ou a alguém, mas sem explicar ou justificar com profundidade. Representa todo um conjunto de pensamentos e ações próprios de um sistema simbólico como a arte, a religião, a cultura, a linguagem e a família (BOURDIEU, 1977, 1996, 2012).

O símbolo pode se apresentar enquanto uma obra de arte, um comportamento, uma vestimenta, uma forma de falar, ou seja, como objetos e ações que se remetem a uma cultura particular, a uma família específica, a um

nível de intelectualidade ou a uma profissão (BOURDIEU, 2012). Os sistemas simbólicos podem atuar enquanto instituições capazes de construir a realidade, de dizer o que é e o que não é, de atuar como promotores de construção de diferentes visões e divisões (BOURDIEU, 1996, 2012).

A dimensão objetiva e a dimensão simbólica configuram as relações sociais entre agentes e estruturas, mediadas por um sistema simbólico específico: a linguagem (BOURDIEU, 1977). Graças aos símbolos e ao simbólico, as primeiras formas de comunicação puderam ser estabelecidas antes da elaboração dos sistemas objetivos de comunicação: sistemas idiomáticos e gramaticais (BOURDIEU, 1977, 1996, 2009, 2012).

Antes de interpretar a linguagem à luz de Pierre Bourdieu, aborda-se a seguir as relações sociais entre agentes e estruturas que são mediados pela linguagem.

2.1.2 A relação estrutura-agente

Bourdieu (2004) realiza uma extensa análise sobre como a ciência aborda a realidade social. Mas diferentemente da fenomenologia de Merleau-Ponty, da antropologia social de Malinowski, do estruturalismo linguístico de Saussure e da antropologia estrutural de Levi-Strauss, Bourdieu questiona o embate entre o objetivismo e o subjetivismo revivido no conflito entre estruturalistas e construtivistas (BOURDIEU, 1996). Por uma superação da dualidade filosófica instaurada na ciência que busca interpretar o que é realidade social e como ela é construída, Bourdieu argumenta que é necessário refletir sobre as condições de produção da realidade social, e as condições de produção das interpretações sobre a realidade social (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Para o estruturalismo a realidade é o resultado de um conjunto de relações sociais determinadas pelas estruturas sociais (BURRELL; MORGAN, 1979). As estruturas sociais, por meio dos sistemas sociais como escolas, religião, Estado, mercado e cultura, inculcam nos indivíduos seus valores, seus interesses e suas necessidades de tal forma que os indivíduos as percebam como sendo seus próprios interesses, valores e necessidades (BOURDIEU, 1992, 1996). Essa distorção na percepção do indivíduo só é possível devido ao poder de imposição que as estruturas possuem de se apresentar como

manifestações próprias da realidade e não como narrativas previamente calculadas para dominar os indivíduos (BOURDIEU, 1990, 1996, 2011, 2012).

Para que se apresentem como algo natural, real e inquestionável, as estruturas e suas narrativas buscam silenciar tudo aquilo que possam lhe questionar, e ainda, precisam necessariamente possuir um certo grau de lastro com a realidade (BOURDIEU, 2004, 2011, 2012). Não basta ter a capacidade de impor sua inculcação e reprodução, é necessário ainda que as estruturas sejam capazes de explicar, mesmo que parcialmente ou superficialmente, acontecimentos sociais que se apresentem aos indivíduos (BOURDIEU, 2012).

Os indivíduos e suas ações são reproduções das orientações que as estruturas fornecem, uma vez que os indivíduos só podem agir de acordo com aquilo incorporaram e aprenderam. As estruturas se perpetuam por meio do exercício pedagógico, ato de ensinar e oferecer os elementos necessários para que os indivíduos possam e saibam como agir (BOURDIEU, 1990, 1996).

Assim, os indivíduos constroem a realidade social por meio de suas ações num primeiro momento, mas, suas ações são reproduções dos interesses e necessidades das estruturas, o que resulta em uma dominação na qual as estruturas é quem constroem a realidade social, uma vez que controlam e determinam as ações dos indivíduos (BOURDIEU, 1990).

Contrapondo esta visão, encontra-se o construtivismo e as perspectivas que primam o indivíduo sobre a estrutura no protagonismo da construção da realidade social (BURRELL; MORGAN, 1979). Aqui encontram-se o existencialismo de Sartre, as teorias da ação e o idealismo (BOURDIEU, 1996, 2012; BURRELL; MORGAN, 1979). O construtivismo baseia-se no entendimento de que o poder de construir a realidade social está no indivíduo e que este é capaz de engendrar ações e práticas orientadas pelos seus próprios interesses e necessidades, mesmo que o meio exerça pressão sobre ele (BOURDIEU, 1996).

Para o construtivismo os indivíduos são os responsáveis pela construção do sentido do mundo e das estruturas sociais (BURRELL; MORGAN, 1979). O pensamento de Sartre sobre o indivíduo aborda que o indivíduo é seu próprio mestre e seu próprio limite (BOURDIEU, 1996). Bourdieu esclarece que o pensamento sartreano apoia-se no entendimento de que o indivíduo não possui essência antes de existir, é existindo e incorporando que constrói sua essência

(BOURDIEU, 2009). Logo, o indivíduo é o resultado de suas escolhas, de quem escolhe ser, do que se permitiu incorporar e reproduzir e que nada lhe impede de recusar aquilo que lhe é externamente imposto (BOURDIEU, 2009).

A construção de sentido para o construtivismo é uma externalização, objetivada por meio da linguagem, na qual um indivíduo apresenta objetivamente sua subjetividade – como se sente em relação ao fenômeno e como o interpreta (BURRELL; MORGAN, 1979). A externalização de uma subjetividade é uma expressão comunicativa na qual busca-se compartilhar seu entendimento sobre um fenômeno social com outros indivíduos, e o encontro entre as interpretações de diversos indivíduos promovem um processo de tipificações recíprocas (BERGER; LUCKMANN, 2003).

O processo de construção e atribuição de significado às coisas é possível por meio de uma ação social duradoura, condição necessária para as tipificações recíprocas de Berger e Luckmann (2003), ação em que os indivíduos envolvidos relacionam-se (graças à linguagem) e por meio da troca de produtos interpretativos, propiciam a construção de significados por conta do aparecimento de situações novas não objetivamente codificadas em um sistema semântico (BENVENISTE, 1989; BERGER; LUCKMANN, 2003; BOURDIEU, 2012).

As estruturas sociais para o construtivismo são construções intersubjetivas, ou seja, construídos a partir das relações entre várias subjetividades (BERGER; LUCKMANN, 2003). São entendidas enquanto estruturas as interpretações que, ao entrarem em contato com outras interpretações, conseguem se sobressair e se legitimar como a mais adequada de ser associada a um fenômeno (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Bourdieu apresenta uma busca pela superação da dicotomia presente no debate entre estrutura e agente. Interpreta que as estruturas sociais possuem poder de impor seu reconhecimento, incorporação e reprodução, mas não o fazem de forma a determinar os comportamentos dos indivíduos. Há uma relação dialética entre as estruturas sociais e os agentes, nos quais influenciam-se mutuamente. Os indivíduos são entendidos como agentes, homens capazes de interpretar, questionar, refletir e julgar as imposições estruturais e as ações de outros agentes (BOURDIEU, 1990, 1996, 2009, 2012).

As estruturas sociais são construções mentais, elementos socialmente reconhecidos como legítimos, que possuem a capacidade de se impor e se fazer reconhecer como relevantes. As estruturas sociais, conforme traz o estruturalismo, são sistemas sociais complexos nos quais encontram-se inscritos conhecimentos e protocolos comportamentais que se impõe aos indivíduos, se fazendo perceberem como necessários (BOURDIEU, 2012).

Bourdieu (2012) entende que os indivíduos passam por processos de socialização em instituições como a família, a religião, as escolas e a cultura. A socialização é a apresentação dos agentes aos conhecimentos e protocolos comportamentais de um ambiente, um processo de educação e instrumentalização, mas os agentes não são determinados por estes elementos (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Bourdieu (1996) questiona o estruturalismo ao entender que as estruturas possuem o poder de imposição de sua incorporação e reprodução, mas não o fazem com poder monolítico, não esmagam a capacidade de agência. Mesmo com as pressões das estruturas, os agentes podem agir de uma forma não prevista, fora dos protocolos comportamentais inscritos nas estruturas – uma ação de improvisação (BOURDIEU, 2012). Os agentes podem fugir das imposições estruturais quando entendem que, para satisfazer seus interesses, é necessária uma ação que não se alinha com o que é esperado pelos demais (BOURDIEU, 2009).

Influenciado por Sartre, Bourdieu entende que os agentes e sua subjetividade são construídos constantemente por incessantes processos de incorporação que a existência promove (BOURDIEU, 1996). Porém, a perspectiva bourdiesiana argumenta que o agente não pode ignorar completamente as estruturas sociais, há uma necessidade de incorporá-las e reconhecê-las para que se possa agir e se fazer reconhecido (BOURDIEU, 2012). Para que possa agir, o agente precisa necessariamente conhecer as regras dos jogos de poder que instauram na realidade (BOURDIEU, 2012). Essas regras são protocolos informais de interpretação e ação para que se possa disputar a capacidade de exercer dominação (BOURDIEU, 2009). Esses protocolos configuram a narrativa dominante sobre o que pode e o que não pode ser feito em um ambiente. Essa narrativa dominante que configura esse julgamento é o que Bourdieu traz pelo conceito de doxa (BOURDIEU, 1996).

Tanto para o estruturalismo, quanto para o construtivismo, a linguagem assume um papel central para que se possam estabelecer as relações entre agentes-agentes, estruturas-estruturas e agentes-estruturas (BOURDIEU, 2011). No capítulo a seguir aborda-se a interpretação bourdiesiana de linguagem.

2.1.3 Sobre a linguagem

A partir de seus estudos sobre a linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure, Bourdieu questiona a força estrutural da linguagem enquanto a responsável pela construção da realidade a partir da concepção saussuriana de que a linguagem contém em si mesma todo o processo de criação de sentido e valor para as coisas (BOURDIEU, 1977, 1996). Para Saussure, a linguagem é uma estrutura com mecanismos e leis próprias que se impõe sobre o homem, como as regras gramaticais, regulando as probabilidades que os indivíduos possuem para se comunicar e interpretar a realidade (BOURDIEU, 1992, 1996).

Saussure trouxe uma interpretação de linguagem como um sistema de cifração-decifração. Para a linguística estruturalista a língua possui seu processo de construção de significado em si mesma, operando por meio das trocas gramaticais um processo de associação e assimilação de valores. A associação é processo no qual as palavras são atribuídas a certos objetos ou sentimentos. Isto ocorre a partir da experiência do homem com a realidade, na qual ele busca na linguagem por alguma codificação que possa descrever o que foi vivido. Quando o código – a palavra – não é encontrado, a linguagem é atualizada a partir da relação entre diferentes estruturas incorporadas pelo indivíduo para orientá-lo em como a experiência possa ser descrita. A assimilação é o processo de reconhecimento dessa relação entre palavra e significado, e ainda, compreender essa relação de tal forma que possa empreendê-la em suas relações (BOURDIEU, 1977, 1992).

Na linguística estruturalista a linguagem é uma estrutura responsável por codificar em palavras ou narrativas a realidade, mas não interpretando-a, e sim, descrevendo-a (BOURDIEU, 2011). Ou seja, o homem não cria interpretações para a realidade, mas a descobre, e a língua é quem regula por meio de seu conjunto de probabilidades de articulações comunicativas, como pode haver uma descrição e uma comunicação (BOURDIEU, 1977, 2011).

Bourdieu inspira-se na linguística estruturalista para entender que há na linguagem uma capacidade de impor ao indivíduo um conjunto ilimitado de probabilidades de se fazer entender aos demais, e ainda, de atuar enquanto uma estrutura social responsável por mediar as relações sociais (BOURDIEU, 1996). Porém, a linguagem para Bourdieu não pode ser interpretada como um jogo de codificação-decodificação, pois essa interpretação de Saussure reduz as relações simbólicas de forças presentes nas relações a um entendimento de que as relações sociais são jogos de palavras, nos quais busca-se entender e se fazer entendido (BOURDIEU, 1977, 1992, 2012).

Bourdieu (2012) tece uma nova perspectiva para a linguagem, a partir do entendimento de que há uma dimensão objetiva e uma dimensão simbólica da realidade, e que a linguagem atua, configura e é configurada por ambas as dimensões. Considera a linguagem como um exercício de comunicação e um instrumento de dominação, influenciado por um processo dialético entre o que é diretamente percebido (objetivo) e aquilo que se encontra velado (simbólico) nas relações sociais, sem reduzi-las a relações comunicativas (BOURDIEU, 1996, 2012). A linguagem é um sistema simbólico que atua enquanto uma estrutura socialmente construída e que torna possível o intercambiamento de elementos objetivos e simbólicos (BOURDIEU, 1990, 2012).

Bourdieu argumenta que a linguagem não se resume às estruturas gramaticais e idiomáticas, é também um sistema simbólico de significação e construção da realidade, construída e atualizada pela prática dos agentes. A dimensão simbólica da linguagem é dada pelos símbolos, pelos envolvidos e pelo momento (BOURDIEU, 1977, 1990, 1992, 2009).

É uma estrutura socialmente construída a partir de interpretações da realidade, e só possui sentido e valor de acordo com o momento no qual a linguagem é colocada em prática. Palavras com múltiplos significados expressam a propriedade da linguagem de dependência tanto do momento quanto de quem a utiliza para que possa se manifestar (BOURDIEU, 1977, 2009).

O momento, o ambiente, agentes e estruturas envolvidos e sua força simbólica são elementos que permeiam a prática da linguagem. Saussure acreditava que a linguagem continha em si mesma a correlação entre significado e palavra de forma a ser independente de quem a movimentava. Porém,

Bourdieu argumenta que uma mesma sentença comunicativa, quando proferida por diferentes agentes e estruturas, ou ainda pelos mesmos jogadores em diferentes momentos, podem provocar diferentes interpretações e reações. O significado e o sentido da linguagem dependem da força simbólica de quem a mobiliza e do momento em que é colocada em prática, e ainda do ambiente na qual é produzida uma narrativa (BOURDIEU, 1977, 1996).

Para Bourdieu (1977) a linguagem é uma prática, só possui a capacidade de exercer aquilo para o qual existe na prática, no exercício de se relacionar e se utilizar da linguagem para estabelecer relações. A estrutura de produção linguística demanda a capacidade de agentes e estruturas em se fazerem ver e se fazerem crer. Depende-se da força simbólica daqueles que falam, para que possam falar, possam ser ouvidos e sejam considerados relevantes. A linguagem é antes de tudo, um ato de poder (BOURDIEU, 1996).

A linguagem é um exercício prático permeado pelas forças simbólicas daqueles engajados no debate. É uma demonstração de quem pode falar, do que se pode falar e como algo pode ser interpretado. O sentido, o significado e a aceitabilidade daquilo que é narrado dependem do ambiente e da força simbólica dos envolvidos nas relações de produção de linguagem (BOURDIEU, 1977, 1996, 2009, 2012).

A força simbólica é a capacidade de agentes e estruturas de se fazerem ver e se fazerem crer, uma manifestação da capacidade de impor um reconhecimento de autoridade e competência. Não possui uma configuração definida de elementos que permitam mensurar quem pode ter a força simbólica necessária para dominar um debate ou ter o poder de se fazer ouvir. É uma relação de elementos angariados em relações anteriores e em outros momentos e ambientes. Estes elementos podem ser relacionados em uma mobilização para que possam conferir ao agente ou à estrutura a capacidade de se fazer reconhecida perante os demais como um especialista (BORDIEU, 1996, 2014).

A força simbólica difere da força física devido a sua natureza sutil, que não é percebida como um exercício de poder, mas como uma autoridade e um reconhecimento conquistado perante os demais. A força física é um exercício de opressão e imposição diretamente perceptível e cuja responsabilidade pelo ato é passível de atribuição a uma instituição ou a um agente. No exercício de força simbólica a imposição é velada, mistificada, se fazendo desconhecer enquanto

uma imposição e se fazendo reconhecer como exercício de reconhecimento de competência de um agente ou estrutura, tornando velado de quem parte o exercício de imposição. A atribuição da responsabilidade pelo exercício de força simbólica é mistificada ao ponto de ser entendida como algo garantido pelo reconhecimento dos demais a um jogador, e não do jogador que possui a força simbólica necessária para se impor e se fazer reconhecer como tal (BORDIEU, 1977, 1996, 2009, 2011, 2012, 2014).

O momento promove aquilo que Bourdieu (1977, 1996) traz como a aceitabilidade, uma oposição à gramaticalidade de Saussure. A gramaticalidade da linguagem estrutural é a capacidade de que, seguidas as normas linguísticas, uma narrativa será coerente e produzirá um efeito de inteligibilidade constante (BOURDIEU, 1977). Bourdieu (1996, 2009) argumenta que a gramaticalidade falha em considerar que o momento é parte fundamental de produção da linguagem, uma vez que o ambiente e seus acontecimentos é uma força social de construção das condições de produção da linguagem.

Estão inscritos na realidade e nas instituições sociais conjuntos informais e simbólicos de protocolos comportamentais que regulam o que pode ser dito e o que não deve ser dito em determinados momentos e acontecimentos (BOURDIEU, 2012). O agente, mesmo dotado de força simbólica, é regulado pelo momento quanto ao que deve fazer e o que pode dizer. (BOURDIEU, 1996, 2009, 2012).

O momento, as forças simbólicas dos envolvidos e a linguagem configuram um mercado de trocas linguísticas, uma rede de transações de bens simbólicos que regulam o que vale o esforço de ser dito (BOURDIEU, 1977). (BOURDIEU, 1977, 1996, 2009).

Neste mercado encontram-se inscritas as relações entre narrativas e seus respectivos lucros aproximados. Os lucros simbólicos produzidos pelas narrativas dependem de sua relação para com as narrativas concorrentes e as condições de produção de cada narrativa concorrente. A concorrência participa do processo de construção dos valores sociais de lucro que uma narrativa pode produzir ao esclarecer que, em um determinado momento, os lucros produzidos por uma narrativa podem variar de acordo com as narrativas concorrentes disponíveis (BOURDIEU, 1977, 1996, 2009).

Toda narrativa possui um preço simbólico para ser construída ou mobilizada (BOURDIEU, 1977).

Os preços são os elementos necessários para que uma narrativa possa ser construída e mobilizada. A aptidão, a intelectualidade, a experiência de vida, a relação com o público-alvo está entre os elementos que configuram os preços – os preços do mercado de bens simbólicos são as condições necessárias para que narrativas possam ser empreendidas com o lucro desejado (BOURDIEU, 1977, 1996, 2009).

Quando as narrativas são empreendidas e conferem lucros aos seus mobilizadores, inscreve-se na história daquele ambiente e do momento que há uma eficácia simbólica na narrativa empreendida, uma vez que gerou lucro. Este acontecimento tende a produzir no imaginário social que em um momento e em um ambiente semelhante, a utilização de tal narrativa tende a gerar lucros para aqueles capazes de produzirem narrativas semelhantes. Com a repetição tanto da percepção de que a narrativa tende a produzir lucro em um dado ambiente e tempo, quanto da produção de lucro quando empreendida, cristaliza-se nas memórias dos envolvidos e do ambiente de que tal narrativa é a melhor maneira de se interpretar ou reagir a uma dada situação. Isso é a criação de protocolos informais de comportamento, que configuram a interpretação e a ação dominante de um ambiente diante de um tema específico – é o que Bourdieu traz pelo conceito de doxa. A doxa compreende conjuntos de elementos que fundamentam as narrativas dominantes sobre como interpretar ou agir em situações específicas, e que ao mesmo tempo, são fundamentadas e fortalecidas pelas narrativas dominantes (BOURDIEU, 1977, 1990, 1996, 2009, 2011, 2012).

Na seção seguinte, apresenta-se o conceito de doxa para a sociologia bourdiesiana.

2.1.4 O conceito de doxa para Pierre Bourdieu

A doxa constitui verdades inquestionáveis em um ambiente, configurante e configurado a partir das relações que ali se estabeleceram acerca de um tema polêmico que desperta o interesse de agentes e estruturas em participar do debate – e que justificam a legitimação de interpretações e comportamentos como dominantes (BOURDIEU, 1990).

Essas verdades inquestionáveis, elementos tidos como garantidos (*taken for granted*) como apresenta Bourdieu (1972), se manifestam por meio de narrativas, e por meio das narrativas são disseminadas, incorporadas e reproduzidas até que seu processo de origem seja esquecido ou velado, configurando a transformação de um produto social em uma narrativa naturalizada (BOURDIEU, 1990, 1996, 2009, 2011, 2012).

As narrativas naturalizadas encontram parte de sua eficácia em se impor e se fazer inquestionável justamente por seu desconhecimento enquanto uma narrativa – apresentam-se como a própria descrição da realidade e não como uma narrativa socialmente construída para interpretá-la (BOURDIEU, 1986, 2011).

Entende-se ainda a doxa como uma disciplinarização dos agentes e das estruturas sob sua influência. Sua inquestionabilidade torna imoral e inaceitável se opor àquilo que é dado como garantido, ser contra a verdade, um ato de insanidade. É assim que a doxa constrange todos aqueles que a ela se opõem: inculcam nos agentes que tais ações são incabíveis, motivadores para exclusão de agente de um grupo (BOURDIEU, 1972).

A doxa é percebida como natural devido àquilo que Bourdieu (2012) descreveu como processo de amnésia da gênese. A amnésia da gênese ocorre no momento que o processo de construção e legitimação de uma narrativa torna-se velado ou desconhecido, e o que resta sobre sua origem são meras especulações. Isto dá origem a construção de uma percepção de que a narrativa não interpreta a realidade, apenas a descreve, “as coisas sempre foram assim e sempre serão”. Porém, esquecer a origem não é condição suficiente para a naturalização de uma narrativa, é necessário ainda que ela apresente um elevado grau de lastro com a realidade (BOURDIEU, 1972, 1977, 1986, 2012).

O alto grau de lastro com a realidade refere-se a um potencial explicativo ou argumentativo que seja superior ao das narrativas concorrentes, colocando-a assim como a melhor interpretação para com a realidade. Com o passar do tempo e da história, quando seu processo de origem é esquecido, mas seu status de dominante é mantido, agentes e estruturas tendem a reconhecê-la como algo natural, uma doxa (BOURDIEU, 2012).

Por meio de símbolos e narrativas, a doxa se manifesta, pois é um sistema simbólico, e como tal, é uma estrutura ora estruturante e ora estruturada.

A estrutura estruturante é uma estrutura com o poder de construir e fundamentar as narrativas, justificá-las e orientá-las, que demandam sua incorporação e reprodução para que possam atuar enquanto estruturas estruturadas. As estruturas estruturadas são as manifestações objetivas, ações nas quais as estruturas estruturantes encontram-se empreendidas (BOURDIEU, 2012).

É uma estrutura estruturante enquanto atua como princípio de visão e de divisão, configura o que é de um grupo social e o que é de outro, possui a capacidade de definir o que é e o que não é, cria grupos e categorias de distinção, ao mesmo tempo que se faz reconhecer como um princípio de união. Fundamenta pensamentos e ações, inculca na mente dos agentes parâmetros de como pensar e como agir (BOURDIEU, 1972, 1977, 1996, 2012).

Para atuar enquanto uma estrutura estruturada, a doxa precisa impor sua inculcação e sua incorporação em agentes e estruturas, para que estes possam empreendê-la em suas narrativas. No caso da doxa, enquanto um conjunto de verdades inquestionáveis, atua enquanto uma estrutura estruturante no momento que se configura como uma fonte a partir da qual agentes e estruturas buscam por elementos e orientação, para que possam entender o que podem e o que devem fazer em suas narrativas. A atuação enquanto uma estrutura estruturada está em seu emprego objetivo presente nas narrativas, em seu conteúdo e em suas condições de produção – a forma com que é empregada, por quem é empregada, e o momento específico em que é construída (BOURDIEU, 1972, 1977, 2012). A doxa pode influenciar a origem de quatro produtos narrativos: a ortodoxia, a heterodoxia, a allodoxia e a doxosofia (BOURDIEU, 1972). A ortodoxia é a narrativa dominante de um ambiente, que reproduz a doxa, reforçando-a e sendo reforçada pela doxa. Representa o que os dominantes de um conjunto de relações pensam e como agem. A heterodoxia é uma narrativa que busca romper com a dominação vigente, e em alguns casos, até mesmo com a doxa. É a narrativa dos dominados que pretendem dominar, buscam pela subversão do jogo de forças simbólicas em uma situação (BOURDIEU, 1972, 2012).

Há um terceiro produto oriundo da doxa que é a allodoxia, uma narrativa que correlaciona diferentes elementos legítimos de maneira equivocada, provocando distorções comunicativas, realizando erroneamente relações entre elementos que não possuem correspondência. É o caso de atribuir a um grupo

social a condição de promotores de um problema moral, quando este problema, na situação em que a relação é analisada, é de responsabilidade das instituições atuantes naquele ambiente, por exemplo. A alodoxia retira de contexto fragmentos de narrativas ortodoxas e heterodoxas para formar uma terceira perspectiva, cujo intuito pode ser a desinformação, ou pode ser criada por ignorância (BOURDIEU, 1972, 2012).

O quarto produto influenciado pela doxa é a doxosofia, na qual verifica-se o emprego de artifícios que visam conferir cientificidade a uma narrativa. O emprego de termos técnicos, de linguagem culta, de dados ou pesquisas fora de contexto de tal forma que possa se transformar em um argumento para uma narrativa. A doxosofia se caracteriza pela mobilização equivocada ou maliciosa da ciência e do conhecimento científico para se construir argumentações (BOURDIEU, 1972).

Para que a doxa possa ser mantida contra os ataques de heterodoxias, há aquilo que Bourdieu (1972, 1977) apresenta como os guardiões da ordem simbólica. São agentes e estruturas responsáveis por reproduzir e impor a incorporação e a reprodução da doxa e da ortodoxia. São dotados de uma força simbólica suficiente para se apresentarem e se fazerem reconhecer como autoridades. Suas narrativas tendem a ser percebidas como relevantes, como aquelas que podem melhor interpretar a realidade, e por isso, são os mais aptos a proteger e garantir a manutenção da dominação dóxica (BOURDIEU, 1972).

Bourdieu (2012) argumenta que os sistemas simbólicos são passíveis de uma análise estrutural enquanto atuam como estruturas estruturadas, pois são manifestações objetivas dos sistemas simbólicos que lhes deram origem. Uma análise estruturalista da doxa busca por estruturas idiomáticas e gramaticais, associações de significados presentes na narrativa. Uma análise construtivista busca pelas condições de reprodução da doxa, como o momento e os agentes e estruturas envolvidas (BOURDIEU, 1972, 1977, 2012).

Portanto, para que a doxa possa ser acessada, é possível uma análise das estruturas objetivas presentes nas narrativas de agentes e estruturas que são consideradas como dominantes ou que reproduzam a narrativa dominante do ambiente.

No nível organizacional, doxa pode ser interpretada como aquilo que se apresenta como a narrativa dominante sobre um tema polêmico que desperte o interesse de consumidores, de empresas e de entes públicos.

A presente pesquisa trata por tema polêmico a sustentabilidade, um tema em crescente discussão na sociedade e que tem mobilizado governos e empresas na criação de iniciativas que a promovam ou que a destruam (LAYRARGUES, 2017).

A doxa sobre a sustentabilidade pode ser analisada a partir de sua manifestação em narrativas de organizações que se configurem como referências em promoção de sustentabilidade, organizações que tenham obtido seu reconhecimento por meio de selos ou de participações em indicadores empresariais de sustentabilidade com iniciativas voltadas para a promoção de ideais sustentáveis.

Nas narrativas, pode-se analisar como a sustentabilidade é conceitualizada e entendida, quais os símbolos utilizados para se construir uma imagem de organização sustentável – imagens, políticas, iniciativas, modelos de gestão, entre outros. A recorrência de padrões argumentativos, tanto na conceitualização e entendimento quanto nos símbolos associados com sustentabilidade, nas narrativas de diferentes organizações podem indicar que há a presença de reprodução de entendimento tido como garantido, a reprodução de uma doxa.

2.2 A Mundialização da Sustentabilidade

Aborda-se no presente capítulo o processo de mundialização apresentado por Bourdieu (1998), que se apoia no neoliberalismo para promover a internacionalização dos ideais do Estado euro-americano. O neoliberalismo emerge a partir da narrativa de unificação do mundo sob um único circuito econômico e cultural (BOURDIEU, 2001). Atua enquanto um paradigma que se apoia em uma filosofia da ação individualista, cujas desigualdades são justificadas a partir da meritocracia. Se apoia também em um ideal de sustentabilidade que justifica a necessidade dos países ricos “orientarem” e “vigiar” os países pobres (BOURDIEU, 1998, 2001; LAYRARGUES, 2017; O’CONNOR, 2002; PIERRI, 2001; SCHWEICKART, 2010).

Trata-se de como este movimento configurou a concretização da dominação simbólica empreendida pelo eixo euro-americano sobre o mundo, inclusive a partir da internacionalização de ideais (BOURDIEU, 2012). A sustentabilidade atua enquanto um símbolo – um ideal mágico, permeado por esoterismo e moralidade – que legitima políticas e ações de nações pobres ou emergentes (LAYRARGUES, 2017; O’CONNOR, 2002).

Os países pobres são Estados dominados economicamente. São dominados economicamente por serem dependentes de tecnologias advindas dos países desenvolvidos e por não possuírem a capacidade de geração de riqueza suficiente para financiar seu desenvolvimento social e tecnológico (SCHWEICKART, 2010).

Essa dominação é promovida por meio das organizações internacionalizadas, empresas que atuam enquanto estruturas sociais, com poder de disseminação e imposição de seus valores e necessidades. As organizações internacionalizadas são instrumentos de promoção e inculcação dos ideais dos países do eixo euro-americano, difundindo sua cultura e seus produtos tecnológicos nos países nos quais se instalam. Instalam-se por meio da promessa de que as organizações internacionalizadas promovem o desenvolvimento das regiões em que atuam, levando tecnologia e, o mais importante, o capital escasso para financiar projetos e gerar empregos (MEBRATU, 1998; JACK; WESTWOOD, 2009; O’CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010)

Estas organizações buscam se instalar em países com legislações trabalhistas e ambientais mais flexíveis ou em nações cujos Estados necessitam dos recursos financeiros das organizações, aproveitando assim para realizar atividades de exploração de recursos naturais e de mão de obra de uma forma que não é permitida pelos Estados dos países ricos (MEBRATU, 1998; O'CONNOR, 2002)

Este processo de instalação e exploração de países pobres, por meio da instalação e atuação das organizações internacionalizadas, é o que Bourdieu (1998, 2001) trata por mundialização.

A mundialização difere-se de internacionalização e de globalização. Entende-se por mundialização o processo de dominação simbólica do eixo euro-americano, no qual ocorre a dominação cultural e econômica dos países fora deste eixo. Quando se trata de internacionalização, aborda-se sobre o processo de transformação e expansão de empresas, culturas e economias, nas quais estas superam as limitações geográficas para se relacionarem com outras realidades alheias àquelas de seu país de origem. Entende-se por globalização como o processo resultante do avanço tecnológico que permitiu a expansão da conectividade entre diferentes partes do mundo, resultando em maior probabilidade de aumentar a proximidade entre pessoas-pessoas, empresas-pessoas e empresas-empresas (BOURDIEU, 1998, 2001; JACK; WESTWOOD, 2003).

Em suma, a globalização é o resultado do avanço tecnológico que trouxe a capacidade de conectar pessoas e empresas para além das limitações geográficas. A internacionalização decorre das possibilidades abertas pela globalização, nas quais empresas, culturas e economias buscam pela expansão de suas atividades para novos mercados e culturas. Por consequência da internacionalização ocorre a mundialização na qual a expansão das empresas, culturas e economias é quase sempre dada a partir dos países ricos do eixo euro-americano em direção aos países pobres. Gerando uma dominação cultural e econômica do mundo pelos países ricos, que colonizam outros países com a promessa de levar capital, tecnologia, empregos e desenvolvimento por meio da internacionalização de suas empresas, culturas e economias ((BOURDIEU, 1998, 2001; JACK; WESTWOOD, 2003).

Apresenta-se a seguir: o processo de mundialização abordado por Bourdieu (1998) e o paradigma neoliberal por trás da mundialização; a internacionalização do Estado euro-americano e a dominação simbólica dos países pobres por meio da disseminação do ideal de sustentabilidade; a sustentabilidade enquanto um símbolo de reprodução de ideais euro-americanos; e, sua presença nas narrativas de organizações internacionalizadas.

2.2.1 Mundialização e neoliberalismo

Há na política mundial e nas relações entre os países ricos e os países pobres um processo que visa a manutenção da dominação euro-americana sobre o planeta, que outrora fora garantida pela força física exercida pelos exércitos, mas que agora atua de uma forma diferente e quase imperceptível àqueles sob sua influência. É uma nova forma de colonização, que busca pela unificação cultural e econômica do planeta. Implementado a partir da internacionalização dos ideais econômicos, culturais e intelectuais produzidos no eixo euro-americano, está em curso o processo de mundialização: a busca, por parte dos países ricos, da dominação simbólica dos países pobres (BOURDIEU, 1998, 2001).

A mundialização é a dominação simbólica dos países pobres, por meio da internacionalização dos valores euro-americanos, que ocorre graças ao que Bourdieu (2012) denomina como “*Othering*”. É uma movimentação em que o dominante se impõe com força simbólica suficiente para destruir a identidade do outro e inculcar seus próprios ideais no ser destruído. É um processo de inculcação e reprodução de protocolos de pensamentos e ações construídos pelos dominantes, nos quais há a aniquilação do diferente, consolidando, assim, a dominação de um ideal (BOURDIEU, 2012).

Para que haja a destruição de valores econômicos, intelectuais e culturais que ameacem a dominação dos países ricos, se faz necessário, por meio do cinema e da mídia, a promoção dos produtos culturais euro-americanos. Essa disseminação ocorre por uma narrativa que inculque na mente dos dominados a necessidade desses produtos culturais criados e distribuídos pelos países ricos serem consumidos e reproduzidos, pois representam o ideal de desenvolvimento socioeconômico que os países em desenvolvimento devem

alcançar. Para tanto, devem trilhar os passos dos países que já alcançaram este desenvolvimento (BOURDIEU, 2001). Os ideais produzidos nos países ricos são, a partir de narrativas, comercializados como promotores de um desenvolvimento que, objetivamente e subjetivamente, incita que o homem seja afastado das condições de sofrimento e escassez (BOURDIEU, 1998, 2001; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

Essa unificação econômica e cultural do mundo, na qual as regras do jogo são elaboradas pelos países ricos, tem por objetivo facilitar a livre concorrência entre instituições e organizações dos países ricos (que estão preparadas para jogar o novo jogo econômico e cultural e dominar as instituições e organizações dos países pobres) e dos países pobres (BOURDIEU, 1998, 2001). O ideal disseminado pelo processo de mundialização é o neoliberalismo, uma forma de entender o papel do Estado e o papel do agente nas relações sociais contemporâneas (BOURDIEU, 2001; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002).

O neoliberalismo reconhece a necessidade de reposicionar os agentes como protagonistas da construção da realidade social, sem a interferência de estruturas e instituições, para que haja o menor prejuízo possível na imposição ou determinação das ações humanas, tornando assim possível a realização do potencial pleno da capacidade de cada agente. É uma filosofia da ação individualista que entende a construção social da realidade como um resultado de um conjunto de ações individuais. Os interesses particulares mobilizam os agentes a empregarem seus recursos em ações que visam garantir seus desejos independentemente dos desejos e necessidades dos outros. Porém, desconsideram a dominação objetiva e simbólica que as relações de mercado podem estabelecer e perpetuar a partir da concentração de capitais e de poder nas mãos de uns em detrimento de outros. Não abordam também que, a partir da incorporação dos produtos dos sistemas simbólicos que permeiam os indivíduos, tais como o Estado, a religião, a arte e a cultura, a identidade social é construída e pode interferir na atuação econômica e na atuação social dos indivíduos. A ação do neoliberalismo apoia-se na narrativa de que o Estado falha em garantir aquilo que é direito básico dos indivíduos, como saúde, educação e segurança. Em complemento, esta narrativa assevera que, por meio dos impostos e das regulamentações, os indivíduos são expropriados de tomarem

as decisões que desejam. O neoliberalismo age principalmente em políticas e iniciativas que legitimam a implementação de um Estado mínimo e a desregulamentação econômica, social e ambiental, alegando que este desaparecimento contribui para a remoção dos entraves para as atividades dos agentes e das empresas (BOURDIEU, 1998, 2001; MISES, 2017; SMITH, 2020).

Deve-se cuidar para o uso do termo neoliberalismo. Boas e Gans-Morse (2009) constataram que houve um estudo de 148 artigos publicados entre 1990 e 2004, nos quais o termo “neoliberalismo” é utilizado de forma pejorativa, e pouco usado de forma neutra para descrever uma doutrina econômica. O presente trabalho aborda o neoliberalismo a partir daquilo que é descrito pelos próprios autores, sem juízos de valor, conforme traz Bourdieu (2004) no qual o pesquisador deve adotar uma postura descritiva daquilo que pesquisa, daquilo com que concorda e, inclusive, daquilo com que discorda.

Segundo Mises (2017) o neoliberalismo e o liberalismo da escola austríaca se diferem. A escola austríaca do liberalismo resgatada e reconfigurada em Mises (2017) é uma proposição de que o papel do Estado está em garantir as condições de produção de uma sociedade na qual a competição e a concorrência possam ocorrer livremente, no qual há setores que devem ser de responsabilidade do Estado. Bourdieu (1998, 2001) realiza uma crítica aos movimentos sociais que, incorporam as contribuições de autores como Hayek e Mises, para promover um ideal de enfraquecimento do Estado, principalmente na perpetuação das condições socioeconômicas das pessoas, por meio do sistema educacional.

Entende-se na presente pesquisa por neoliberalismo como as novas doutrinas econômicas que resgatam contribuições de diversos autores como Hayek, Friedman, Mises, entre outros. Justifica-se tal entendimento a partir da argumentação de Bourdieu (2001) no qual ele aborda que a investida neoliberal é um conjunto de ideais resgatados e reformulados (em aparência, e talvez em essência) para justificar uma atuação mais livre de empresas. Bourdieu (1998) aponta que a doutrina neoliberal subestima o fato de que há diferenças de posições de poder entre os indivíduos, que há uma distribuição desigual de capitais econômicos, financeiros e culturais que constroem uma realidade social desigual. O resultado é uma competição desigual entre os participantes do mercado, que ao adentrarem em um mercado livre, estão sujeitos a perpetuarem

a estrutura de poder imposta, dadas raras exceções. Para garantir a dominação, aqueles que estão no poder, ausente de regras e intervenções de um ente mais poderoso do que indivíduos e empresas, criam regras para novos entrantes ou aliam-se para que os dominados se mantenham dominados, sem com que estes possam competir ou reagir (BOURDIEU, 1998, 2001).

Mas, como é possível que haja a dominação cultural e econômica de indivíduos, empresas ou países sem que estes lutem ou até mesmo percebam tal movimento?

Uma possível resposta está na capacidade dos países ricos de manipularem os indivíduos dos países pobres por meio da mundialização do ideal neoliberal, para que percebam ganhos caso sejam consumidores dos produtos euro-americanos (BOURDIEU, 1998; DOS SANTOS, 2020).

Há uma regularidade presente no mercado, evidenciado por David Ricardo (2018), que torna possível e quase imperceptível esse processo de mundialização: a teoria das vantagens comparativas.

Elaborado por David Ricardo (2018) e descrito como a teoria das vantagens comparativas, aborda que: dois países com condições de produções semelhantes ou assimétricas acerca de bens e serviços, podem melhorar suas respectivas condições caso optem pela divisão do trabalho e colaboração. Por meio de um acordo ou aliança, define-se que um país A1 focará em produzir X, Y e Z, o outro país B2 fica responsável por A, B e C, resultando num cenário nos quais ambos os países possuem A, B, C, X, Y e Z. O que seria melhor do que um cenário no qual ambos produzam X, Y e Z e concorram entre si (DOS SANTOS, 2020; RICARDO, 2018).

Os países pobres são manipulados por meio de propaganda a entender tal cenário como uma oportunidade de adquirir e consumir produtos desenvolvidos. A internacionalização de empresas é vendida como um meio de promover o desenvolvimento econômico e tecnológico dos países B2, levando tecnologia e capital para as regiões nas quais irão se instalar, e em troca, recebendo concessões fiscais, subsídios econômicos e permissão para exploração de recursos naturais e uso de recursos humanos (BOURDIEU, 1998, 2001; DOS SANTOS, 2020; JACK; WESTWOOD, 2009; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

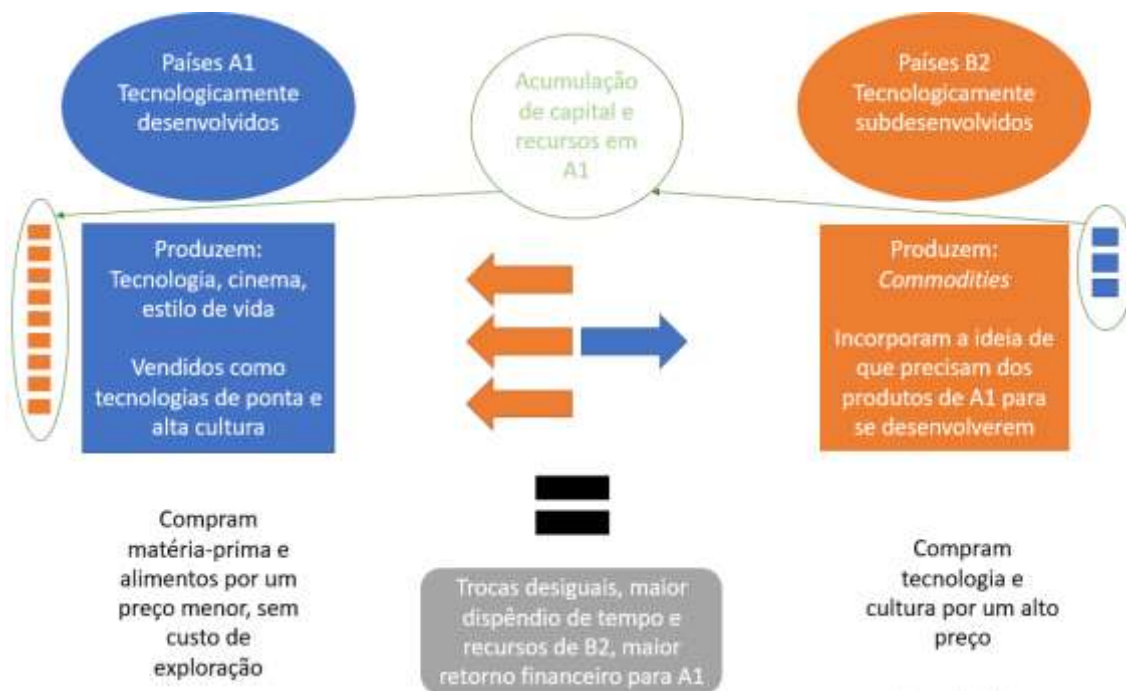
É o que propõe a filosofia subjacente do neoliberalismo: enquanto os países ricos produzem e distribuem tecnologia e cultura, os países pobres focam na exploração e comercialização de *commodities* (BOURDIEU, 1998, 2001; JACK; WESTWOOD, 2009; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

Sem citar David Ricardo diretamente, Bourdieu (1998, 2001) aponta uma controvérsia neste pensamento devido às relações assimétricas que estes tipos de parcerias possuem.

Se entendermos que os bens e serviços X, Y e Z são produtos com alto valor agregado (como tecnologia e cinema), e os bens e serviços A, B e C são *commodities* (ferro, sementes), para que a troca seja equivalente em termos de preços e o negócio seja consumado, há a necessidade do país B2 explorar mais recursos e produzir mais produtos A, B e C do que o país A1 irá dispender de esforços para produzir X, Y e Z, sobrando pouco tempo e recursos para B2 investir em outras áreas. O mesmo não acontece com o A1, que possuíra mais tempo e recursos para investir e crescer. Inicia-se um processo de acumulação de capital e recursos em direção a A1, e de escassez de capital e recursos em B2 (BOURDIEU, 1998, 2001; DOS SANTOS, 2020; RICARDO, 2018).

Abaixo, uma demonstração visual do cenário:

Imagem 1. Teoria das vantagens comparativas e a interpretação bourdiesiana de dominação



Fonte: elaborado pelo autor com base nas contribuições de Bourdieu (1998, 2001, 2012) e de David Ricardo (2018).

Um dos resultados de longo prazo desta relação é: os países expropriam os países pobres de capital e recursos a tal ponto, que os países B2 tornam-se dependentes dos países A1. Isto é consequência do seguinte ciclo: Para que possa consumir produtos que não possa ofertar ou que tenha dificuldade em fazê-lo, os países pobres passam a investir naquilo que é demandado pelos países A1. Com o passar do tempo e por conta desta parceria assimétrica, os países B2 possuem cada vez menos recursos e tempo disponível para investir em outras áreas que diminuiriam esta dependência. Há então a consolidação de um ciclo vicioso no qual o lado mais fraco da parceria se vê subordinado e dominado pelo lado rico. Eis a teoria da dependência e o desenvolvimento subordinado. O país A1 controla o ciclo de trocas e o ritmo no qual o país B2 pode se desenvolver. Quando um novo país A1-2 ou um país B2-2 entra em cena, visando conferir uma parceria melhor ao país B2, há três resultados possíveis: ambos os países A1 entram em acordo no qual o país B2 continua em desvantagem; ou o país A1 impõe sanções e restrições ao país B2 caso este decida fazer parcerias com o país B2-2 ou com o A1-2. As sanções funcionam

devido à pressão que o mercado interno impõe sobre o governo no país B2, principalmente fomentado ou financiado pelas elites (DOS SANTOS, 2020).

Outra implicação das relações assimétricas entre países A1 e países B2 é a competição entre países B2 para serem contemplados com parcerias com países A1. Os países pobres que ainda não participam destas relações tendem a percebê-las como oportunidades de crescimento e desenvolvimento, e, por isso, buscam se tornar mais atrativos que outros países B2. Dentre as estratégias utilizadas para buscar por competitividade, encontra-se a desregulamentação de instituições (visando aumentar o poder de atuação das empresas internacionalizadas dos países A1), subsídios financeiros e fiscais, menores preços de *commodities* e flexibilização das condições de trabalho (DOS SANTOS, 2020).

Os Estados Unidos e a Europa necessitam, para manter sua dominação sobre o mundo, que os países pobres possuam instituições e organizações incapazes de serem autênticas em suas atuações, de competir ou de resistir contra os ideais produzidos pelas nações ricas em favor da atuação de organizações internacionalizadas (BOURDIEU, 1998, 2001; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002).

Para isto, a desregulamentação econômica e ambiental são meios pelos quais os países ricos garantem que as nações pobres não possuam regras que dificultem a atuação global de empresas e seus respectivos investimentos, bem como a exploração de recursos naturais. A desregulamentação visa ainda contribuir para a implementação de outro aspecto: o Estado mínimo (BOURDIEU, 1998, 2001; LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

O Estado mínimo é uma garantia de que, nos países em desenvolvimento, não haja, mesmo em sua instituição maior (o Estado), forças sociais e políticas que possam atrapalhar a internacionalização dos ideais euro-americanos e/ou que possam ameaçar o processo simbólico de destruição e colonização cultural (LAYRARGUES, 2017; PIERRI, 2001; SCHWEICKART, 2010).

Para que o processo de mundialização possa ser implementado, se faz necessário que os ideais construídos pelos países ricos sejam reconhecidos pelos países pobres como símbolos de prosperidade econômica e de

desenvolvimento intelectual e cultural. Portanto, há por meio da cultura e dos produtos culturais, principalmente o cinema e a mídia, a capacidade de lentamente colonizar o imaginário dos países pobres, balizando seus pensamentos e ações para que reconheçam os produtos euro-americanos como ideais a serem consumidos e reproduzidos (BOURDIEU, 1998, 2001, 2011, 2012). A exportação dos produtos econômicos, culturais e intelectuais produzidos pelo centro euro-americano constitui a internacionalização do Estado rico, vendido como um modelo a ser aceito, para que possa existir desenvolvimento nos Estados pobres (BOURDIEU, 2001; JACK; WESTWOOD, 2009).

Porém, este ideal necessita de dispositivos que abram o caminho para a instalação dos valores euro-americanos, imprescindíveis para tal legitimação e implementação (BOURDIEU, 1998).

Para a presente pesquisa, entre estes dispositivos encontra-se a sustentabilidade, aqui defendida como um símbolo que atua enquanto uma narrativa, uma propaganda, um paradigma, ou qualquer outra ação necessária para que, na condição de produto de uma cultura dominante, possa se fazer reconhecida como necessária.

A seguir, aborda-se a sustentabilidade e o processo de dominação simbólica exercido pela internacionalização dos ideais euro-americanos.

2.2.2 A internacionalização do ideal do Estado euro-americano e a sustentabilidade

A mundialização é um processo sutil e velado de dominação dos países ricos sobre os países pobres, mas que, ao contrário da dominação objetiva garantida pela força física, atua por meio de uma dominação que não pode ser reconhecida enquanto uma dominação: um processo de dominação simbólica (BOURDIEU, 2001). É sutil e velado para aqueles que desconhecem estar sob sua influência ou que a negligenciam, mas é um processo violento de destruição de valores e interesses que possam atuar como empecilhos à dominação euro-americana (BOURDIEU, 2012).

A dominação simbólica atua por meio de inculcações e reprodução de protocolos informais e imateriais de pensamento e ação (um ideal) que se fazem desconhecer enquanto exercícios de dominação e imposição – ao mesmo tempo

em que se fazem reconhecer como avanços tecnológicos, culturais e econômicos (BOURDIEU, 1990, 2009, 2012).

O processo de mistificação contribui com a internacionalização do Estado euro-americano e seu respectivo exercício de dominação simbólica, que precisa necessariamente ser desconhecida enquanto dominação e ser reconhecida enquanto qualquer outra coisa. Para isto, a promoção da cultura dos países ricos busca, por meio da mídia e do cinema, em um processo lento e gradual, conquistar e convencer os agentes de países pobres de que tudo aquilo que é fruto do eixo euro-americano é sinônimo de qualidade, de sucesso e de progresso (BOURDIEU, 2001).

Quando os valores necessários são inculcados nos agentes e nas instituições a serem dominadas, os próprios dominados passam a reconhecer que o eixo euro-americano é sinônimo do bom, do belo, do desenvolvido, do necessário de ser consumido (BOURDIEU, 2001). Instala-se uma movimentação em que os dominados passam a requerer e depender dos produtos dos dominantes. Quando o padrão vendido pelos dominantes é aceito e legitimado entre os dominados, inicia-se a internacionalização do Estado euro-americano: um comércio simbólico, no qual os dominantes projetam os símbolos que representam seus ideais e os dominados oferecem suas instituições e si mesmos para a incorporação e reprodução destes símbolos (BOURDIEU, 1972, 1977, 1990, 1996, 2009, 2011, 2012).

Para que haja essa adesão dos dominados, é necessário que o ideal ofertado pelos dominantes seja capaz de satisfazer duas condições: a primeira é possuir um lastro com a realidade suficiente para se apresentar como uma solução para problemas e necessidades dos dominados; e, a segunda é que este ideal tenha um grau específico de abstração, cuja ausência de definição clara e objetiva auxilie o ideal tanto de se esquivar de críticas quanto de se reconfigurar para que possa deslegitimar ideais concorrentes (BOURDIEU, 1977, 1996).

Quando satisfeitas as duas condições, o ideal é legitimado pelos dominados, iniciando-se assim sua dominação simbólica. A cultura anteriormente adotada pelos dominados é gradualmente substituída pela cultura dominante, modificando pensamentos e comportamentos. Estes, por sua vez, quando alinhados aos ideais euro-americanos, reproduzem um modelo de

Estado que deslegitima a si mesmo em favor de diretrizes políticas inspiradas em orientações euro-americanas (BOURDIEU, 1977, 1998, 2001).

A internacionalização de uma concepção de Estado adequada ao padrão euro-americano é uma armadilha: os Estados pobres tornam-se reféns dos países ricos para operacionalizar políticas e resolver problemas que emergem devidos às suas particularidades regionais (BOURDIEU, 2001). Com instituições dominadas e com a produção cultural e intelectual desprovida de identidade nacional, os países pobres passam a usufruir de uma nacionalidade internacionalizada e, por consequência, enfrentar dificuldades sem os meios necessários para exercer sua autonomia na resolução de problemas e na construção de soluções políticas (BOURDIEU, 1998).

É o que ocorreu com a internacionalização do ideal de sustentabilidade promovida a partir do eixo euro-americano.

O relatório de Brundtland apresentou ao mundo uma preocupação mundial com a sustentabilidade. O neoliberalismo, e seu movimento de desregulamentação, provoca um avanço na exploração de recursos naturais em um ritmo que, segundo movimentos ambientalistas, podem culminar em um ponto no qual os danos à natureza sejam irreversíveis (PIERRI, 2001; LAYRARGUES, 2017).

A partir deste momento, os centros de produção cultural e intelectual dos Estados Unidos e da Europa passaram a trabalhar para apresentar respostas a estes efeitos nefastos do modo de produção capitalista gerido por uma política neoliberal (O'CONNOR, 2002). Os primeiros debates sobre a configuração de um capitalismo sustentável ocorrem a partir de governos, universidades e organizações dos países ricos. A sustentabilidade emerge no cenário internacional como uma pauta imersa em questões ideológicas e políticas. Ideológicas, porque a sustentabilidade é apresentada como um ideal, um novo paradigma, um conjunto de pensamentos que visam fundamentar novas perspectivas. Políticas, porque contemplam a operacionalização da dimensão ideológica da sustentabilidade (O'CONNOR, 2002).

A sustentabilidade inicialmente tratava apenas de questões ambientais, como foi o caso de movimentos reacionários, tal como o Greenpeace em seu início. Porém, com o tempo, novos movimentos surgem vinculados à sustentabilidade social, ao paradigma de justiça ambiental, à ecopolítica, ao

ecofeminismo, às correntes humanistas críticas, ao ecologismo conservador, ao ambientalismo moderado, ao ecologismo marxista e anarquista e à antropologia ambiental (FOLADORI, 2004; PIERRI, 2001; REDCLIFT; WOODGATE, 2010; SCHWEICKART, 2010; TAYLOR, 2000).

Dentre as diversas abordagens presentes nos debates sobre sustentabilidade, Sachs (1993) aborda que há uma diversa gama de perspectivas sobre sustentabilidade. Essencialmente há cinco dimensões: social, econômica, ecológica, espacial, cultural. Porém, o autor atualizou as dimensões e considerou a existência de oito dimensões: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política (nacional) e política (internacional) (SACHS, 2002). Para Sachs (1993, 2002), nenhuma destas dimensões pode ou deve ser descolada ou priorizada sobre as demais, o que acarretaria desequilíbrio de médio e longo prazo. No pensamento de Sachs (2002) encontra-se uma particularidade: há a discussão sobre as dimensões políticas nacionais e internacionais da sustentabilidade, nas quais aborda-se uma gestão do patrimônio global com caráter cooperativo, difundindo a tecnologia e os saberes para um desenvolvimento global.

Tais contribuições trouxeram para a discussão científica e social sobre sustentabilidade uma nova visão na qual a sustentabilidade extrapola seu caráter puramente ecológico-ambiental inicial. A sustentabilidade começa a ser tratada por uma visão holística de equilíbrio entre diferentes dimensões. Nas décadas de 80 e 90, o conceito de sustentabilidade engloba questões ambientais, sociais e econômicas e é incorporada em narrativas dos denominados movimentos sociais verdes (PIERRI, 2001).

Esta visão de sustentabilidade a partir de três dimensões é desenhada por John Elkington (1994) com a elaboração do *Triple Bottom Line*. O *Triple Bottom Line* é entender a sustentabilidade como um equilíbrio entre três dimensões: ambiental, econômico e social. A dimensão ambiental refere-se a capacidade de atuação de uma organização de forma a respeitar e promover iniciativas e resultados que colaborem com a preservação da natureza. A parte econômica diz respeito ao crescimento constante da economia e ainda à possibilidade das empresas de gerar lucros para si e riquezas para as regiões nas quais atuam. No quesito social, entende-se como a relação entre organizações-*stakeholders*-comunidade. Refere-se a como as organizações

atuam nas regiões em que se encontram e quais suas contribuições para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (ELKINGTON, 1994).

Os movimentos sociais incorporaram as contribuições de Elkington, e argumentam ser necessário pensar nos impactos sociais, econômicos e ambientais das ações governamentais e das atuações organizacionais. Estes movimentos sociais perceberam que há um espaço para atuação na dimensão política nas discussões sobre sustentabilidade, abertura identificada e ocupada pelos movimentos sociais verdes. Esta atuação na dimensão política é dada pela construção e propaganda de narrativas nas quais busca-se tornar público o conhecimento de causas sociais e ambientais, com o intuito de angariar apoio popular e institucional. Culminando com o crescimento da pressão popular fomentada por esta atuação política, os movimentos sociais verdes crescem em tamanho e influência, promovendo discussões que resultam na criação de diretrizes políticas para a proteção dos recursos naturais e, posteriormente, a proteção dos direitos trabalhistas e em políticas de dedução de impostos para empresas que apresentem iniciativas com foco na melhoria de vida da comunidade e na preservação da natureza (MEBRATU, 1998; REDCLIFT; WOODGATE, 2010; SACHS, 1993, 2002).

Porém, a regulamentação da exploração dos recursos naturais e dos trabalhadores nos países ricos provocou uma movimentação de deslocamento das atividades das grandes empresas para regiões nas quais tais legislações são mais flexíveis. Situação que implicou na redução do custo operacional das atividades de exploração de recursos por parte das organizações. Este movimento promoveu uma divisão internacional do trabalho, na qual os países ricos, por meio de regulamentações, afastam as atividades de exploração e degradação de seus territórios em direção aos países pobres (LAYRARGUES, 2017).

Para legitimar o deslocamento das organizações internacionalizadas para os países pobres, um novo ideal é disseminado na região a ser dominada, na qual as organizações são apresentadas como oportunidades de promoção de desenvolvimento. O desenvolvimento é promovido por meio da concessão de benefícios fiscais e territoriais para que as organizações possam trazer a tecnologia e o capital econômico necessário para o crescimento econômico e social. Porém, para que sua instalação e atuação sejam possíveis, o Estado

torna-se responsável em viabilizar economicamente sua instalação, e em viabilizar simbolicamente o ideal de que a organização internacionalizada é necessária e urgente. O Estado atua ainda na alteração e flexibilização de legislações que possam atuar como freios às atividades da organização, como leis de proteção aos trabalhadores ou leis ambientais que limitam a exploração de recursos naturais (BOURDIEU, 1998, 2001; DOS SANTOS, 2020).

A sustentabilidade atua então enquanto um ideal que busca posicionar organizações e Estados ricos como protetores de melhores condições de vida para o mundo, a partir de ações que visam cuidar dos trabalhadores e da natureza. Mas, o que é realizado na prática é a dominação dos países pobres, a partir da terceirização dos serviços de exploração da natureza e dos homens dos Estados dominados. Enquanto isso, o eixo euro-americano se promove como um ente promotor da sustentabilidade (GLADWIN, KENNELLY; KRAUSE, 1995; O'CONNOR, 2002; LAYRARGUES, 2017).

Porém, as críticas realizadas pelos movimentos sociais verdes emergem para questionar também a relação entre sociedade-natureza nos países pobres. Com a impossibilidade de transferir as organizações internacionalizadas dos países pobres de volta aos países ricos, ou para qualquer outro lugar, verifica-se que é necessária uma nova narrativa que possa rebater às críticas ambientalistas, sem que haja prejuízos aos países ricos (LAYRARGUES, 2017).

Uma nova perspectiva corporativa emerge como uma demonstração de engajamento aos debates levantados pelos movimentos sociais, a ecoeficiência (BLEISCHWITZ, 2003; MUNCK; GALLELI; BORIM-DE-SOUZA, 2013; PEARCE, 1993). O conceito de ecoeficiência não foi uma criação acadêmica pontual, mas uma construção dada por diversas frentes que entenderam existir nas organizações uma necessidade de se melhorar sempre, voltando-se a utilizar menos e melhor os recursos naturais, humanos e econômicos para a promoção de um crescimento sustentável da sociedade (MUNCK; GALLELI; BORIM-DE-SOUZA, 2013). A *World Business Council for Sustainable Development* (WBCSD) aborda que ecoeficiência é a capacidade organizacional de prover bens e serviços ao mesmo tempo em que promove bem-estar social, preços competitivos, uso responsável e minimizado de recursos (WBCSD, 2020).

A ecoeficiência baseia-se na filosofia de que as empresas devem buscar otimizar a produção e o crescimento econômico ao mesmo tempo que reduz o

uso e desperdício de recursos para manter sua produção e seus lucros. Isso é possível, para esta visão, por meio da tecnologia. A tecnologia é o único caminho possível para criação de soluções viáveis para os problemas ambientais sem desestruturar o atual sistema econômico. É o avanço da ciência e das empresas que tornarão possíveis a proteção do meio-ambiente, a proteção do bem-estar social e a garantia de crescimento econômico sustentável e justo para todos (BLEISCHWITZ, 2003; MUNCK; GALLELI; BORIM-DE-SOUZA, 2013; PEARCE, 1993; WBCSD, 2020). As perspectivas, como a ecoeficiência, que se baseiam no entendimento de que o caminho para o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade se dá pelo avanço tecnológico são denominadas de tecnocentristas (LÉLÉ, 1991; PEARCE, 1993).

O tecnocentrismo é, segundo Lélé (1991) uma perspectiva nos debates sobre sustentabilidade que acredita no planeta como ente inerte, cuja responsabilidade pelas mudanças recai sobre os indivíduos. Esta responsabilidade de mudança e melhoria na relação entre sociedade-homem-ambiente é dada a partir da tecnologia. Para a corrente tecnocêntrica é por meio da tecnologia que o homem pode mudar o atual modelo produtivo para promover uma transição do modelo atual para um novo modelo produtivo sustentável (LÉLÉ, 1991; PEARCE, 1993). A tecnologia, enquanto uma criação humana, é responsável por otimizar processos produtivos, diminuir o uso de recursos, aumentar a capacidade das empresas de preservar o meio ambiente, melhorar a vida das pessoas enquanto promove crescimento econômico (LÉLÉ, 1991; PEARCE, 1993).

Porém, Borim-de-Souza et al. (2015) concatenou o tecnocentrismo com uma abordagem colonialista de narrativa. O eixo euro-americano argumenta que a internacionalização de sua cultura e de suas empresas promoverão o desenvolvimento econômico das regiões pobres do mundo, levando tecnologia de ponta a estes locais, que, poderão então, desfrutar de novas tecnologias que melhorarão suas vidas. E ao mesmo tempo em que, por meio da tecnologia, prometem a promoção de um novo ideal de vida e consumo aos países pobres, utiliza-se do discurso tecnocêntrico para argumentar que os problemas ambientais apontados pelos movimentos verdes podem ser resolvidos pelas empresas. As empresas buscarão e promoverão soluções tecnológicas que aumentarão a eficiência das organizações produtoras de bens e serviços,

melhorando os preços, minimizando o uso de recursos naturais, e promovendo o bem-estar social (BORIM-DE-SOUZA et al., 2015).

A ecoeficiência é uma abordagem tecnocêntrica e colonialista, uma vez que se apoiou no desenvolvimento tecnológico como meio de promoção da sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, sem retirar das organizações sua “responsabilidade” em manter suas atividades e buscar por crescimento intelectual, tecnológico e econômico em prol da busca por soluções ambientais (BORIM-DE-SOUZA et al., 2015; LÉLÉ. 1991; PEARCE, 1993). É uma manifestação de uma filosofia subjacente das empresas em resposta aos movimentos sociais verdes, para protegerem seu lucro, suas atividades, ao mesmo tempo que podem se promover positivamente perante a opinião pública (BORIM-DE-SOUZA et al., 2015; LAYRARGUES, 2017; LÉLÉ. 1991; PEARCE, 1993).

As organizações internacionalizadas se utilizam das demandas sociais para mobilizar em suas narrativas ações ditas sustentáveis, com o intuito de melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há ainda empresas que atuam com exploração e extração, e que promovem narrativas que veiculam sua imagem como a de uma organização sustentável. Em ambos os casos, as narrativas apresentam iniciativas que raramente encontram-se diretamente atreladas com seu processo produtivo e seus impactos (LAYRARGUES, 2017; SCHWEICKART, 2010).

Por um lado, as correntes ambientalistas críticas argumentam que a sustentabilidade é um paradigma que só pode ser alcançado com a regulamentação das atividades de grandes organizações, sanções econômicas a nações que desrespeitem tratados internacionais e, ainda, com a implementação de políticas de taxaço dos serviços de exploração de recursos naturais. Por outro lado, o neoliberalismo apresenta que a sustentabilidade pode ser alcançada por meio de uma mudança de paradigma dos agentes e das organizações, responsáveis e capazes de reestruturar o modo de vida e o modo de produção da sociedade, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias (PIERRI, 2001; O’CONNOR, 2002; LAYRARGUES, 2017).

Apesar destes esforços do neoliberalismo em justificar a exploração de recursos nos países pobres, este só encontrou uma força significativa em sua luta contra os ambientalistas (que buscam frear seu avanço e o crescimento

econômico) quando emerge aquilo que Layrargues (2017) descreve como o Anti-Ecologismo. O Anti-Ecologismo é um movimento capaz de usar a moralidade presente nas narrativas dos ambientalistas contra os próprios movimentos socioambientais. A narrativa de que se opor à sustentabilidade é imoral agora é subvertida numa questão de sobrevivência: o crescimento econômico dos países pobres é necessário para afastar os efeitos nefastos da desigualdade e da miséria, mesmo que isso custe a exploração da natureza. O Anti-Ecologismo promove uma narrativa de que a exploração da natureza é o preço a ser pago para promover a sustentabilidade social e econômica. É a promoção da melhoria de vida dos mais humildes, dos desesperados, e que se opor a isso é condenar os mais pobres a um estado de perpetuação de sua condição. Defende que também promovem a sustentabilidade, uma vez que a exploração de recursos sustenta o avanço tecnológico, cujo resultado é a melhoria de vida dos mais necessitados, conferindo-lhes melhores condições sociais e econômicas (LAYRARGUES, 2017).

O Anti-Ecologismo apresenta políticas e ações organizacionais, aparentemente desconexas, devido à distância geográfica dos centros de produção de tais movimentações, mas que tem por objetivo uma substituição lenta e gradual dos movimentos sociais verdes e das legislações de regulamentação da exploração de recursos ambientais e de proteção de trabalhadores, por novas diretrizes jurídicas e ideológicas que legitimem a exploração da natureza e dos trabalhadores como algo necessário e urgente (LAYRARGUES, 2017).

A volatilidade com a qual a sustentabilidade é entendida e mobilizada nas narrativas só é possível devido ao seu caráter vago e abstrato. Não há delimitação sobre o que se entende por sustentabilidade e sobre como ela pode ser avaliada ou monitorada. Essa lacuna conceitual abre espaço para que pesquisadores, Estados e organizações apresentem suas próprias interpretações de sustentabilidade e como esta pode ser mensurada, sem que haja parâmetros comuns que possam balizar ou comparar as discussões (O'CONNOR, 2002).

As organizações apresentam diferentes políticas e iniciativas como sustentáveis, construindo diferentes interpretações e operacionalizações de sustentabilidade, culminando com a produção de uma vasta gama de

significados para a sustentabilidade. Essa diversidade é característica do Anti-Ecologismo e é de interesse das organizações: quanto maior for a confusão sobre o conceito, maior será a possibilidade de uma organização poder se dizer sustentável sem contestação assertiva (LAYRARGUES, 2017).

A presente pesquisa defende que a sustentabilidade assume diversos significados e pode ser mobilizada em narrativas de diversas organizações, porque é um símbolo – uma representação de um ideal euro-americano que disfarça os impactos negativos do neoliberalismo, ao mesmo tempo que justifica ações organizacionais de exploração e extração.

No tópico a seguir, argumenta-se que a sustentabilidade é um símbolo que representa os valores euro-americanos e que promove a internacionalização dos ideais produzidos nos Estados Unidos e na Europa. A promoção dos ideais do eixo euro-americano é possível graças à internacionalização das organizações, empresas que atuam enquanto estruturas de poder, capazes de disseminar e impor valores e interesses, a partir da publicidade e de iniciativas que se apoiam no símbolo da sustentabilidade euro-americana, e que podem promover mudanças no comportamento social.

2.2.3 O Anti-Ecologismo: uma resposta aos movimentos ambientais

O Anti-Ecologismo é um fenômeno recente que emerge a partir de iniciativas de grandes organizações que visam combater o ambientalismo presente nos movimentos sociais verdes e nas produções intelectuais da academia sobre os impactos negativos da atuação das organizações (LAYRARGUES, 2017).

Não se configurou a partir de estudos acadêmicos ou ideologias políticas, mas é gradualmente construído a partir de sucessivas tentativas organizacionais de minar a influência e a legitimidade dos ideais ambientais dos movimentos políticos e sociais verdes (LAYRARGUES, 2017).

Segundo Layrargues (2017, pg. 4):

O Anti-Ecologismo é um fenômeno social que basicamente se expressa por meio de práticas discursivas, simbólicas, políticas, institucionais e inclusive criminais, que tem como propósito afetar negativamente aspectos específicos: tanto o imaginário social como a prática ecologista.

Utiliza-se de contribuições do ideal neoliberal para construir suas iniciativas:

Há uma dupla expressão na estrutura do Anti-Ecologismo, que se constitui a partir dos campos humanista e desenvolvimentista-economicista que articulada e claramente, se manifestam de forma intolerante para com o ethos ecologista de matriz preservacionista e crítico, considerado nada menos como uma afronta anti-humanista, anti-ciência, antiprogresso; que, por limitar o progresso tecnológico, restringir o livre-comércio e controlar o processo de acumulação do Capital na economia de mercado neoliberal, deve ser eliminado (LAYRARGUES, 2017, pg. 4).

Os ideais neoliberais - como o Estado mínimo, maior autonomia do agente e menor regulamentação sobre o mercado – são características a partir das quais emerge o Anti-Ecologismo. São tentativas organizacionais de responder e lutar contra aquilo que pretende controlar as organizações (LAYRARGUES, 2017).

Sua luta contra o ambientalismo torna-se possível devido aos próprios conflitos presentes dentro do campo ambiental. As divergências intelectuais produzem diversas interpretações de sustentabilidade que dificultam tanto a definição do que é sustentabilidade quanto sua operacionalização. Há ainda conflitos de interesses dentro do campo ambiental, nos quais pesquisadores e movimentos sociais buscam para si a capacidade de exercer dominação ideológica uns sobre os outros, uma vez que desejam se tornar os capazes de dizer o que é sustentabilidade e como ela deve ser debatida (LAYRARGUES, 2017).

O Anti-Ecologismo se aproveita desta vasta gama de interpretações sobre sustentabilidade produzida no campo ambiental para deslegitimá-lo. Questiona o que é sustentabilidade, como pode ser operacionalizada e quem pode dizer o que é sustentabilidade. Constrói suas próprias interpretações de sustentabilidade ao argumentar que o campo ambiental é insuficiente para interpretar um fenômeno tão complexo, e que, por isso, é julgado como insustentável por um campo que não consegue definir o que é sustentável ou não. Não combate ou agride diretamente o ambientalismo, mas o deslegitima gradualmente, a partir da apresentação de dilemas morais nas quais posicionam

a restrição do uso de recursos naturais e humanos como imorais, como inimigos da geração e distribuição de riquezas (LAYRARGUES, 2017).

Até chegar no que Layrargues identifica por Anti-Ecologismo, houve alguns movimentos importantes que fundamentam as iniciativas que buscam combater o ambientalismo. Há algumas etapas da desregulamentação ambiental que influenciam as iniciativas do Anti-Ecologismo. A primeira etapa surge no final dos anos 80 e início dos anos 90, próximo a Conferência do Rio de Janeiro em 1992. A segunda etapa perdurou até o Rio +20 (LAYRARGUES, 2017).

Na primeira etapa verificou-se que, para que as organizações pudessem dialogar com as demandas da Conferência do Rio 1992, sem que houvesse prejuízos econômicos, criou-se o ISO 14000 e outras certificações conferidas por instituições não governamentais. Esta movimentação é uma tentativa de escapar da necessidade de um Estado fiscalizador, ao mesmo tempo em que as organizações se apresentam à opinião pública como socialmente e ambientalmente responsáveis. A segunda etapa é marcada pela busca da crescente restrição do Estado na capacidade de restrição do acesso e uso dos recursos naturais, e, para isso, crescentes conluios entre organizações e o Estado são realizados para o início de um processo de desregulamentação (LAYRARGUES, 2017).

Assim, no primeiro momento, esta determinação da desregulação ambiental pública partiu da produção industrial de bens de consumo; e no segundo momento, partiu da extração das matérias-primas. No primeiro momento, o setor industrial se prestou a protagonizar uma mudança estrutural na lógica produtiva, buscando algum alinhamento com os princípios da sustentabilidade naquilo que diz respeito ao chão da fábrica, à gestão ambiental empresarial, sem a necessidade de se recorrer a práticas anti-ecologistas; mas neste segundo momento, o setor extrativista essencialmente recorreu a práticas anti-ecologistas, sem pavimentar qualquer mudança estrutural significativa na lógica extrativo-predatória (LAYRARGUES, 2017, pg. 6).

Porém, em momento algum o Anti-Ecologismo elaborou políticas e iniciativas que promovessem a sustentabilidade sobre a geração de lucro. O que ocorreu foi uma movimentação de reposicionamento das organizações em relação às demandas ambientais (LAYRARGUES, 2017).

As organizações buscaram incorporar em suas narrativas as demandas sociais verdes, elaborando iniciativas para a comunidade e para os funcionários como políticas de promoção de bem-estar, mas que em nada atuavam para reduzir os impactos ambientais de suas atividades. Foi uma articulação para

manipular a opinião pública em prol de um reconhecimento de organização sustentável e responsável (O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

É um fenômeno que se configura como um conjunto de reações ao ambientalismo, e constroem argumentos e iniciativas que visam proteger a organização e seu ramo de atuação das críticas ambientalistas. O Anti-Ecologismo é uma abordagem que não se configura em narrativas com ideais ou interesses definidos, é um conjunto de práticas e narrativas que variam em forma e conteúdo de acordo com o contexto (LAYRARGUES, 2017). Seu desconhecimento acerca de sua natureza se deve à ausência de uma filosofia própria, uma linha de raciocínio:

E é exatamente essa a questão definitiva que concorre com a invisibilidade do Anti-Ecologismo: a complexidade desse fenômeno, sua natureza polimórfica, que se expressa por meio de variadas faces. Na medida em que inexiste o conceito, o fenômeno mesmo que presente, acaba passando despercebido, como se não ocorresse. Por isso as diversas constatações de retrocessos, perdas, derrotas, recuos na luta ambiental, permanecem como lamentações estarecidas; mas isoladas e desarticuladas (LAYRARGUES, 2017, pg. 16).

É o entendimento de Hardt e Negri (2004) e seu conceito de império. Argumentam que hoje o império é multifacetado e multidimensional e não possui mais um centro ou localização geográfico, e, por isso, muito mais difícil de ser combatido. O Anti-Ecologismo é um império da nova era: não possui forma, nem centro e atua em diversas frentes (cultural, econômica, ambiental, psicológica), tornando-o um adversário praticamente invisível. Sua ausência de corpo teórico e prático definido, apesar de apresentar uma filosofia subjacente estruturada, é uma barreira para se negá-lo ou confrontá-lo.

O Anti-Ecologismo é um movimento pragmático, não científico, um conjunto de reações das organizações contra as demandas sociais verdes que são entendidas por gestores como empecilhos às atividades organizacionais. É um conjunto de práticas de gestão que buscam driblar ou flexibilizar legislações ambientais, de narrativas que buscam argumentar ou justificar iniciativas organizacionais como sustentáveis, ou ainda, práticas e narrativas que visam deslegitimar ambientalistas (LAYRARGUES, 2017).

A deslegitimação das demandas ambientalistas se dá por dois meios: narrativas e práticas de gestão. Por meio das narrativas, as organizações veiculam que a moralidade presente na sustentabilidade é imoral, pois promove

a regulamentação da geração de riqueza, mesmo que esta seja utilizada para geração de empregos e combate à miséria. Quanto às iniciativas, promovem a criação de cortinas de fumaça. Normalmente, as empresas buscam criar iniciativas que promovam arborização, campanhas de doação de roupas e alimentos, eventos de conscientização, mas que em nada contribuem para resolver os impactos ambientais e sociais que estas empresas causam nas regiões em que atuam (LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002).

Portanto, o Anti-Ecologismo é uma reação organizacional àquilo que pretende controlar e regulamentar sua atuação. A proposição do Anti-Ecologismo é a legitimação tanto de políticas públicas e privadas quanto de iniciativas organizacionais frente a opinião pública ou ao Estado, ao mesmo tempo que promovam uma blindagem de tais movimentações contra críticas ambientalistas (LAYRARGUES, 2017).

No Anti-Ecologismo há iniciativas que demonstram ser possível utilizar a sustentabilidade para veicular ações e iniciativas como sustentáveis, mesmo sem abordar questões ecológicas e ambientais. Encontram-se narrativas e ações que se vendem como sustentáveis, mas que não operam qualquer tipo de mudança no comportamento dos agentes ou nas operações da organização com o objetivo de reduzir os impactos ambientais, sociais e econômicos que a organização produz (LAYRARGUES, 2017).

A sustentabilidade é empreendida em narrativas que visam justificar e legitimar operações e ideologias organizacionais, que podem promover inovações como iniciativas para a promoção do bem-estar na comunidade e a proteção dos recursos naturais (SCHWEICKART, 2010). Mas também está presente em narrativas e ações de organizações que, anteriormente e posteriormente, cometeram crimes ambientais (ZANONI et al., 2021).

Zanoni et al. (2021) argumenta que a sustentabilidade é empregada em narrativas organizacionais de empresas que cometeram crimes ambientais tanto antes quanto depois dos crimes. Anteriormente a sustentabilidade é apresentada como uma meta e uma filosofia incorporada às diretrizes das empresas, entendida como uma de suas prioridades. Após os crimes, a sustentabilidade é veiculada como algo que deve ser atingido e que, em prol da sustentabilidade, mudanças devem ser realizadas para reparar o que ocorreu. Porém, o que ocorre é que as organizações que cometem tais crimes nem sempre promovem

mudanças significativas em suas operações, apenas em suas narrativas e em suas propagandas (ZANONI et al., 2021).

Para a presente pesquisa, a sustentabilidade atua como um símbolo: uma forma de evocar um conjunto de significados relacionados à moralidade, à responsabilidade, à preocupação com o planeta e as pessoas. Pode atuar enquanto uma representação de um conjunto de valores, mesmo que o contexto o utilize apenas como uma proteção argumentativa, uma cortina de fumaça, um escudo para defender as organizações de possíveis críticas ou justificar mudanças de projetos, produtos e modelos de gestão cujos objetivos encontram-se velados.

No capítulo a seguir, aborda-se o argumento de pesquisa, que defende a sustentabilidade enquanto um símbolo para as organizações.

2.3 Argumento de Pesquisa: a Sustentabilidade enquanto um símbolo para as organizações.

O símbolo é uma manifestação objetiva que representa um sistema simbólico, mas de forma abstrata e mística. É abstrato pois não delimita objetivamente o que pretende veicular. Encontra-se no símbolo uma representação mística, uma vez que sua força simbólica de representar está em seu mistério. Seu mistério está em sua ausência de especificidade sobre o que pretende representar quando o símbolo é notado. Os símbolos estão relacionados a um sistema simbólico particular (BOURDIEU, 1977, 1990, 1996, 2009, 2012). Uma manifestação é objetiva quando é imediatamente percebida, encontra-se explícita em estruturas objetivas e que são imediatamente apreciáveis pelos órgãos dos sentidos (BOURDIEU, 1996, 2012). Uma manifestação objetiva é um fenômeno que pode ser apresentado por meio de imagens, sons, gestos, vestimentas, comportamentos, articulações linguísticas, culinária (BOURDIEU, 1996, 2009).

Para que algo seja um símbolo, é necessário que seja reconhecido como uma representação, abrangendo um conjunto de significados que se remetam a um sistema simbólico específico. A representação pode se dar por imagens, sons, vestimentas, tradições, dogmas religiosos, cultura, arte. Quando a representação é de um sistema simbólico cultural, como a produção de conhecimento científico de uma nação, a manifestação de um símbolo pode se dar por meio de um conceito. Um conceito, quando possui força simbólica suficiente para ser dominante pode representar o que uma cultura particular entende por um tema. Este conceito passa a atuar enquanto um símbolo: uma representação do entendimento de uma cultura sobre um tema (BOURDIEU, 1972, 1977, 1996, 2012).

A força simbólica da sustentabilidade manifesta-se por duas vias. Na primeira, encontra-se em sua capacidade de pressionar e impor mudanças de interpretação e comportamento que são reconhecidos pelos agentes como necessários devido ao entendimento de que a responsabilidade de construir um mundo melhor é de cada agente. Na segunda, está em se fazer inquestionável, em impor um entendimento no qual o próprio agente sente que é imoral se opor a algo que busca a melhoria da sociedade (LAYRARGUES, 2017; O'CONNOR, 2002; REDCLIFT; WOODGATE, 2010; TAYLOR, 2000).

Para a presente pesquisa a sustentabilidade é um símbolo, uma representação de interesses e valores de um sistema simbólico particular. O sistema simbólico representado pela sustentabilidade é a cultura euro-americana e seu ideal de sustentabilidade. A seguir, apresenta-se a argumentação realizada para defender esta interpretação.

2.3.1 Sustentabilidade e a representação de um sistema simbólico cultural euro-americano

Uma manifestação é objetiva enquanto se apresenta de forma diretamente apreciável pelos órgãos dos sentidos (BOURDIEU, 1996, 2012).

É a capacidade de conter em si um conjunto de significados que são reconhecidos quando o símbolo é apresentado. O símbolo é uma manifestação objetiva de evocação de significados, valores e ideais. Os significados, valores e ideais lhe são atribuídos pelo sistema simbólico que o símbolo representa (BOURDIEU, 2012). Um objeto qualquer, um quadro, uma roupa, uma espada, um estilo de falar, uma palavra, praticamente qualquer objeto ou ação podem atuar enquanto símbolos. Para isto, ele deve apresentar elementos que sejam característicos de um sistema simbólico específico, ou no caso das ações e estruturas gramaticais, como capaz de evocar um conjunto de significados próprios de um sistema simbólico específico (BOURDIEU, 1996, 2012).

A sustentabilidade atua enquanto um símbolo por meio da representação dos ideais euro-americanos inculcados e manifestados por meio de conceitos como o próprio termo “sustentabilidade” e pelo uso de imagens, sons e narrativas que apresentam a agressão realizada ao meio-ambiente pelo homem e pelas organizações. Imagens como poluição e desmatamento; sons de indústrias e de atividades de exploração; mensagens que tratam de responsabilidade social e econômica ou que abordam sobre a preocupação com a natureza e seu futuro. Porém, essas imagens, sons e mensagens são interpretações de um ideal de sustentabilidade construído pela cultura euro-americana. Logo, a sustentabilidade representa um sistema simbólico particular: a cultura euro-americana e seu ideal de sustentabilidade (O’CONNOR, 2000; QUIJANO, 2005; TAYLOR, 2000)

Os símbolos se apresentam permeados por misticismo, abstracionismo e mistério (BOURDIEU, 1996, 2012).

O misticismo presente na sustentabilidade refere-se à sua promessa presente de, no caso de ser realizada, culminar em um futuro brilhante, no qual os problemas atuais se encontrarão solucionados, os recursos naturais preservados, a economia será inclusiva e os problemas sociais serão erradicados. É uma idealização de salvação da sociedade. A sustentabilidade é abstrata, incapaz de apresentar objetivamente elementos para a criação de categorias de classificação e divisão. A abstratividade presente na sustentabilidade se faz devido ao seu alto grau de generalização e sua incapacidade de especificação. Quando se trata de sustentabilidade, ela é ainda permeada por um mistério. Este mistério refere-se a como a sustentabilidade, caso empreendida, pode promover a salvação da sociedade e a solução dos problemas atuais. É ainda misteriosa quando se refere ao que seria uma sociedade, uma organização ou uma nação sustentável. Não se sabe o que seria um agente ou uma estrutura sustentável, a sustentabilidade apresenta-se como uma promessa, uma jornada a ser seguida rumo a um ideal, sem dizer como chegar a esse ideal (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; ZANONI et al., 2021).

No caso da sustentabilidade, ela, apesar de ser uma palavra, é, ao mesmo tempo um conceito. O conceito é um símbolo, um instrumento de conhecimento e de comunicação que torna possível o compartilhamento de um sentido de mundo, que representa um sistema de conhecimento, apreciação, interpretação e comportamento (BOURDIEU, 2012). A sustentabilidade é um conceito pois é uma codificação que exprime um conjunto de conhecimentos socialmente construídos por movimentos sociais verdes, pela academia, pelas organizações e pelo Estado (TAYLOR, 2000). Ao mesmo tempo em que se apresenta como uma palavra e um conceito, a sustentabilidade representa um conjunto de significados referentes a moralidade, urgência, equilíbrio, parcimônia, ética, necessidade e responsabilidade (LAYRARGUES, 2017; REDCLIFT; WOODGATE, 2010; SCHWEICKART, 2010; TAYLOR, 2000).

A sustentabilidade, por consequência, é admitida como uma manifestação objetiva, pois apresenta a capacidade de representação de um conjunto de significados atribuídos a preservação, preocupação, equilíbrio e demonstração de moralidade e ética na condução das relações entre agentes-estruturas-natureza (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002;

TAYLOR, 2000). Os significados que a sustentabilidade representa são resultados de lutas históricas, de embates entre diferentes produtos de interpretações para o que é sustentabilidade e o que ela representa. Estas lutas são processos históricos, nos quais diferentes centros de produção de conhecimento e de ideais buscaram significar e ressignificar o que é sustentabilidade, e que culminaram com a predominância das interpretações euro-americanas (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002; QUIJANO, 2005; TAYLOR, 2000).

As lutas históricas no debate mundial sobre meio-ambiente configuram uma história de significação da sustentabilidade, uma série de conflitos para definir qual narrativa será a dominante e conseguirá o poder de imposição de dizer o que é sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002). Diferentes perspectivas presentes em movimentos sociais verdes, pesquisas científicas, narrativas de Estados e organizações, promoveram uma série de discussões e significações para a sustentabilidade. Incorporaram ao conceito de sustentabilidade significados que extrapolam o campo ambiental, como a busca por um mundo melhor e a tentativa de uma mudança no estilo de vida da sociedade, buscando por cidadãos mais conscientes e responsáveis (TAYLOR, 2000).

Os significados foram, ao longo dos anos, atribuídos à palavra, por movimentos sociais verdes, pesquisas acadêmicas, Estados e organizações privadas (REDCLIFT; WOODGATE, 2010; TAYLOR, 2000). O *mainstream* dos debates sobre sustentabilidade refere-se a como agentes e estruturas devem se preocupar com a exploração dos recursos naturais, antes que os danos à natureza se tornem irreversíveis, priorizando um equilíbrio entre os impactos sociais, a conservação ambiental e a geração de riqueza (os três pilares da sustentabilidade) (O'CONNOR, 2002; TAYLOR, 2000). Há iniciativas alternativas que se utilizam da sustentabilidade em outro sentido, as quais apoiam-se na necessidade de exploração de recursos naturais para que haja a geração de riqueza e empregos, combatendo os efeitos do desemprego e da miséria, mesmo que o custo para isso seja a exploração dos recursos naturais (primando pela sustentabilidade social) (LAYRARGUES, 2017). Em ambos os casos, a sustentabilidade representa uma demonstração de moralidade e preocupação

nos negócios, uma forma de justificar um posicionamento e uma visão de mundo (TAYLOR, 2000; LAYRARGUES, 2017).

Tanto para as correntes que defendem os três pilares da sustentabilidade, quanto para as interpretações que priorizam a dimensão social sobre a ambiental, a sustentabilidade empregada é um produto do eixo euro-americano sobre o que se deve entender por moralidade e ética nos negócios, o que é e por que se deve priorizar (LAYRARGUES, 2017; QUIJANO, 2005). Tanto o *mainstream* do movimento ambientalista, que defende a sustentabilidade como um equilíbrio entre as várias dimensões da realidade, quanto o movimento Anti-Ecologista são iniciativas que emergem no eixo euro-americano e são replicadas em outras regiões, configurando um processo de dominação ideológica (LAYRARGUES, 2017; MEBRATU, 1998; O'CONNOR, 2002; PIERRI, 2001; TAYLOR, 2000).

A sustentabilidade é a representação de um conjunto de valores e ideais euro-americanos de preservação ambiental, preocupação social, equilíbrio e demonstração de moralidade e ética na condução das políticas públicas e na gestão de organizações privadas (TAYLOR, 2000). Quando manifestada objetivamente, a sustentabilidade apresenta-se por meio de: narrativas organizacionais; propagandas; políticas públicas materializadas em leis voltadas para a comunidade e o meio-ambiente; criação de índices empresariais de sustentabilidade; campanhas de conscientização sobre o uso de recursos; iniciativas de preservação da natureza; eventos de promoção de saúde pública; políticas públicas e privadas de inclusão socioeconômica; produção acadêmica sobre os impactos da atuação das organizações sobre a comunidade, sobre o Estado e sobre o ambiente. (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; LAYRARGUES, 2017; PIERRI, 2001; QUIJANO, 2005; SCHWEICKART, 2010; TAYLOR, 2000).

Essas iniciativas visam a comunicação, além de atuarem na disseminação e na inculcação de valores advindos do sistema simbólico que representam (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002; TAYLOR, 2000). O sistema simbólico que a sustentabilidade representa é a cultura euro-americana.

Bourdieu (2012) apresenta que os sistemas simbólicos são aquilo que Marx entendia por superestruturas sociais, arcabouços metafísicos nos quais encontram-se inscritos ideais e valores capazes de atuar como instrumentos de

construção do conhecimento e da realidade. Porém, em Bourdieu, os sistemas simbólicos, diferentemente das superestruturas marxistas, apresentam uma força simbólica de atuação que é a responsável pela sua capacidade de exercer dominação (BOURDIEU, 1996, 2012; MARX; ENGELS, 2015).

Se em Marx as superestruturas e sua capacidade de dominação se dão por meio da legitimação que recebem de estruturas sociais como o Estado e da capacidade de angariar seguidores por meio de uma ideologia, em Bourdieu os sistemas simbólicos só o fazem ao se apresentarem como construções próprias e inseparáveis da realidade, como sendo o sentido imediato do mundo ao qual torna-se impensável se opor (BOURDIEU, 1996, 2009, 2012; MARX; ENGELS, 2015). A força simbólica é a capacidade de exercer pressão sobre agentes e estruturas sem que estes reconheçam que estão sendo pressionados por algo externo a si mesmos (BOURDIEU, 1996).

Bourdieu (2012, pg. 8) corrobora com o entendimento neo-kantiano de que os sistemas simbólicos são estruturas sociais como a arte, a religião, a língua, a ciência:

A tradição neo-kantiana [...] trata os diferentes universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objectos, como «formas simbólicas», reconhecendo, como nota Marx (Teses sobre Feuerbach), o «aspecto activo» do conhecimento.

Os sistemas simbólicos atuam como estruturas capazes de construir o conhecimento e promover a construção social da realidade. Possuem o poder de nomeação, de dizer o que é e o que não é, o que pode e o que não pode, o que é coerente e o que é incoerente. São produtores dos esquemas de visão e de divisão e, ao mesmo tempo, são reforçados pelas visões e pelas divisões que constroem. São representados pelos símbolos, instrumentos objetivos de comunicação e intelecção dos elementos inscritos nos sistemas simbólicos. (BOURDIEU, 1996, 2012).

Entender a cultura euro-americana e seu ideal de sustentabilidade como um sistema simbólico é entender que a cultura euro-americana possui o poder de construir o conhecimento e a realidade social a respeito do que se convencionou rotular de sustentabilidade.

A cultura é um sistema simbólico capaz de ditar comportamentos e conhecimentos a partir da inculcação de valores éticos e morais, e de construir

tradições. As tradições são regularidades que se apresentam ao longo da história de um grupo social (BOURDIEU, 2009, 2012).

No caso da sustentabilidade, ela representa um conjunto de significados construídos pela cultura euro-americana. É debatida hoje em escala mundial, a partir de conceitos e interpretações construídas neste eixo. As produções de conhecimento sobre sustentabilidade que se encontram fora desta região foram colonizadas pelas discussões presentes na Europa e nos Estados Unidos, considerados referências nos estudos sobre sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; QUIJANO, 2005). A cultura euro-americana possui a capacidade de colonização das culturas de países pobres, possui o poder de impor pensamentos e ações e de se fazer reconhecer como uma cultura superior, um conjunto de conhecimentos e valores advindos de países desenvolvidos e que, quando incorporados e empreendidos, tendem a promover o desenvolvimento social e econômico das regiões em desenvolvimento (JACK; WESTWOOD, 2008; QUIJANO, 2005).

As interpretações euro-americanas que produziram o que deve ser entendido como sustentabilidade configuram a narrativa dominante nos debates sobre sustentabilidade, são o *mainstream*. Portanto, quando se aborda sobre sustentabilidade, trata-se de interpretações produzidas pela cultura euro-americana (O'CONNOR, 2002). A cultura euro-americana aborda a sustentabilidade enquanto um ideal de preservação do planeta; de exploração dos recursos naturais, econômicos e sociais; e ainda como um ideal de equilíbrio nas relações entre organizações, Estados, homens e natureza (TAYLOR, 2000).

Conforme dito anteriormente, os símbolos se manifestam de diferentes formas e apresentam características que os localizam como representações de sistemas simbólicos específicos (BOURDIEU, 2012). Para que a sustentabilidade possa representar a cultura euro-americana e seu respectivo ideal de sustentabilidade, deve apresentar elementos que remetam a temas como ética, moral, responsabilidade social, preservação ambiental, viabilidade econômica e preocupação com o futuro (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010; TAYLOR, 2000).

Quando se trata de sustentabilidade, organizações e Estados apresentam um entendimento comum, considerado o *mainstream* das interpretações sobre sustentabilidade. Esse *mainstream* é a interpretação

dominante, produzida no eixo euro-americano que entende a sustentabilidade como um conjunto de questões ambientais, sociais e econômicas que se referem a exploração de recursos sociais, econômicos e ambientais (BORIM-DE-SOUZA et al., 2020; O'CONNOR, 2002).

Dentre estas produções euro-americanas que regulam o que é sustentabilidade, o que faz algo ser sustentável ou não, e como isto deve ser discutido, encontra-se os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e o *Global Reporting Initiative (GRI)*.

Os sistemas simbólicos que ditam o que é sustentabilidade e como deve ser entendida são instituições que regulam os debates sobre sustentabilidade. É o caso dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), um documento produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e do *Global Reporting Initiative (GRI)* (ONU, 2022; GRI, 2022). As ODS atuam como um guia que orienta políticas públicas e possui seu poder de imposição dado por um acordo firmado entre mais de 100 Estados-nações em 2015 e pelas possíveis sanções a serem impostas a quem descumprir com as metas estabelecidas (ONU, 2022).

O GRI atua como uma instituição que elabora as diretrizes para a organização e divulgação de relatórios organizacionais de empresas. Inicialmente era obrigatório seguir as regras do GRI apenas empresas que estavam inclusas ou que se pretendiam participantes de índices de sustentabilidade empresarial das bolsas de valores ao redor do mundo, dentre elas o Dow Jones Sustainability Index e o ÍSE-B3. Com o tempo, o GRI tornou-se um padrão adotado ao redor do mundo pelas grandes empresas mesmo fora da carteira de tais índices, e hoje se configura como um padrão de relatório organizacional (GRI, 2022).

A ODS da ONU baseia-se no entendimento de que a sustentabilidade só pode ser promovida se houver equilíbrio entre a economia com objetivos como a erradicação da pobreza, com a proteção do meio-ambiente com objetivos tais quais a proteção da vida na água ou o comprometimento da redução da emissão de poluentes, e por fim, a contribuição com a dimensão social com objetivos como a educação de qualidade e igualdade de gênero (ONU, 2022).

Dentre as diretrizes do GRI (2022), encontra-se a necessidade de alinhamento entre suas narrativas e práticas com os ODS da ONU. Para isto, o informe deve estar distribuído entre três categorias:

- Econômica;
- Social;
- Ambiental.

Há subcategorias para a apresentação dos dados, segundo o GRI (2022):

- Práticas trabalhistas e trabalho decente;
- Direitos Humanos;
- Sociedade;
- Responsabilidade pelo produto.

Verifica-se que o entendimento de sustentabilidade e como ela deve ser apresentada seguem as contribuições da ODS e a divisão dada por Elkington (1994).

Por atuarem como referências e possuírem diretrizes que devem ser seguidas pelas organizações para que estas possam ser consideradas sustentáveis, entende-se que tanto as ODS quanto o GRI atuam como sistemas simbólicos que possuem poder de impor um entendimento de sustentabilidade e como ela deve ser debatida.

A sustentabilidade enquanto um símbolo, representa cultura euro-americana e seu ideal de sustentabilidade. Mas para que possam se fazer dominantes, tanto o símbolo quanto o sistema simbólico dependem de um conjunto de elementos tidos como garantidos que os fundamentam, que os justifiquem. Para que a sustentabilidade e o ideal euro-americano possam ser dominantes, eles apoiam-se sobre articulações que atuam como verdades incontestáveis, cujo questionamento é entendido como imoral. Esses elementos tidos como verdades inquestionáveis configuram a doxa. A presente pesquisa busca pela doxa sobre a sustentabilidade, as verdades inquestionáveis nas quais a narrativa dominante sobre sustentabilidade se apoia, ao mesmo em que a reforça.

A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Bourdieu e Wacquant (1992) a pesquisa e o pesquisador devem ter cautela com a abordagem do fenômeno pesquisado. É necessário que o fenômeno seja conquistado, a partir de um trabalho apoiado em um exercício de descrição, interpretação e análise (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Porém, a tomada de consciência do fenômeno precede a interpretação e a análise, e esta deve ser apoiada em um rigoroso trabalho metodológico de descrição das etapas de realização da pesquisa para que seus resultados possam sofrer reflexões e questionamentos, inclusive do próprio pesquisador (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Neste capítulo apresenta-se os procedimentos metodológicos da presente pesquisa. Aborda-se na seguinte ordem: sobre a classificação geral da pesquisa; a estratégia de pesquisa; a unidade de análise; as orientações temáticas; as análises das informações; e por fim, a tabela procedimental.

3.1 Classificação geral da pesquisa

A presente pesquisa é classificada como qualitativa e descritiva. Uma abordagem qualitativa é aquela empregada para a interpretação e compreensão de fenômenos cuja descrição refere-se à sua complexidade, ao invés de uma expressão quantitativa. A pesquisa qualitativa é realizada pela capacidade de interpretação e análise para conferir sentido àquilo que está sendo pesquisado (MERRIAM, 2009). Entende-se os fenômenos como construções sociais, logo, são expressões que possuem um certo grau de correspondência com aquilo que representam, ou com o ambiente no qual se manifestam (ZACCARELLI; GODOY, 2013).

O fenômeno é melhor pesquisado quando interpretado levando-se em consideração o ambiente no qual se manifestou, de forma integrada (GODOY, 1995). “Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, pg. 21). Ir a campo por uma perspectiva qualitativa também aborda a possibilidade de estudar um fenômeno a partir de registros contidos em documentos, realizados por pessoas que participaram diretamente do fenômeno, ou por pessoas que não estavam presentes quando o fenômeno ocorreu (GODOY, 1995).

A pesquisa é classificada também como descritiva uma vez que “pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, pg. 128). A descrição é um exercício científico quando o pesquisador esclarece sua posição no momento da observação em relação ao fenômeno, torna explícito suas influências teóricas, e então, realiza a catalogação dos elementos observados. E por meio de narrativas exprime o que foi percebido (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004).

3.2 Estratégia de pesquisa

A estratégia de pesquisa se dará por meio de uma pesquisa documental que buscará acessar as narrativas da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer). Para isto, buscou-se coletar dados contidos: nos relatórios de sustentabilidade das empresas, antes, durante e após sua exclusão do ISE-B3 nos dois momentos de exclusão; vídeos publicados nos canais de YouTube das empresas selecionadas; publicações realizadas em mídias sociais oficiais das empresas; vídeos e publicações realizadas nos sites das empresas.

A pesquisa documental é, segundo Coffey (2014), um instrumento que torna possível entender as práticas sociais e organizacionais. Quando se trata do termo “documento”, Merriam (2009) entende que o documento não deve ser entendido apenas como um material físico escrito, mas uma ampla gama de elementos como materiais escritos, visuais, digitais, que se configuram como formas legítimas de apresentar as narrativas de uma organização ou de um indivíduo. Estas diferentes manifestações podem estar contidas em uma única ou em diversas fontes de informação. Um documento, de acordo com a narrativa apresentada, pode apresentar uma história de lutas e um conjunto de imagens ou uma descrição superficial sobre um tema, dependendo daquilo que foi construído para apresentar (MERRIAN, 2009; COFFEY, 2014).

Um documento pode pertencer a duas diferentes ordens:

Tais documentos são considerados “primários” quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou “secundários”, quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência (GODOY, 1995, pg. 22).

Há ainda o entendimento de que:

Documentos são 'fatos sociais', na medida em que são produzidos, compartilhados e usados de formas socialmente organizadas. São versões da realidade, roteirizadas de acordo com vários tipos de convenções, com um objetivo específico em mente. O mesmo se aplica ao diário mais público ou ao diário mais privado. Os documentos constroem tipos específicos de representações usando tipos específicos de convenções textuais (e muitas vezes também não textuais). Os documentos não devem ser vistos como substitutos para outros tipos de dados. Não podemos, por exemplo, aprender apenas com registros escritos, como uma organização realmente opera dia a dia. Da mesma forma, não podemos tratar os documentos - oficiais ou não - como evidência firme do que eles relatam (COFFEY, 2014, p.369, tradução nossa).

Logo, um documento pode se apresentar como relatórios escritos, imagens, vídeos institucionais, publicidade em mídias sociais ou na mídia convencional (MERRIAM, 2009).

A pesquisa documental da presente pesquisa se utiliza das publicações realizadas pelas organizações pesquisadas em seus respectivos sites institucionais e em suas mídias sociais, e foi estruturado em duas fases: a primeira consiste na seleção e organização do material utilizado; enquanto a segunda consiste em sua análise. Os documentos analisados são documentos considerados públicos, ou seja, que foram formalmente publicados pelas organizações.

Bourdieu (2011) aborda que a pesquisa se trata, não somente sobre a experiência e vivência do fenômeno pesquisado e das relações sociais que o permeiam, mas também o acesso a estruturas sociais e sua descrição e interpretação, como os documentos.

Os documentos, numa leitura bourdiesiana, são estruturas socialmente construídas, cujas narrativas são construídas por agentes e estruturas, nos quais representam interesses e perspectivas sobre aquilo que pretendem veicular e informar (BOURDIEU, 2012).

Portanto, serão analisados os seguintes documentos:

- Relatórios de Sustentabilidade
- Vídeos publicados no canal oficial das organizações no YouTube
- Os canais oficiais das organizações em redes sociais
- O site oficial das organizações

3.3 Unidade de análise

A unidade de análise da presente pesquisa está na Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).

Opta-se aqui por analisar os relatórios de sustentabilidade publicados pelas organizações selecionadas, desde a criação do ISE-B3 (em 2005) até o último relatório de sustentabilidade publicado (no ano de 2021). Dentro deste recorte, todos os relatórios serão analisados estando eles publicados enquanto participantes do ISE-B3 ou não. Os relatórios referentes ao ano de 2022 não serão considerados visto que não foram publicados a tempo para a realização da presente pesquisa. Dentre deste mesmo recorte temporal (2005-2021), serão analisadas as publicações nas mídias sociais e nos sites institucionais das empresas selecionadas.

A empresa selecionada é Embraer S.A. A escolha da empresa se deu por participar do ISE-B3 por onze anos e por ter sido excluída duas vezes, que participou do DJSI por nove anos, cuja área de atuação não se relaciona diretamente com a exploração de recursos naturais ou que possui impactos diretos no meio-ambiente, por não possuir crimes ambientais, por ser uma empresa nacional com atuação em outros países e por ser a terceira maior empresa do ramo no mundo.

3.4 Orientações temáticas

Quadro 1. Orientações temáticas.

Afiliação Teórica	Orientação Temática	Diretrizes para a Seleção das Narrativas	Referências
Sociologia bourdiesiana	Doxa	Elementos tidos como garantidos (<i>taken for granted</i>), verdades inquestionáveis que se apresentam de forma a serem percebidas como a própria manifestação da realidade.	Bourdieu (1972, 1977, 1996, 2009, 2011, 2012)
	Ortodoxia	Narrativas que reforçam e que se utilizam da doxa. É a narrativa que impõe uma interpretação e protocolos de comportamento que são dominantes.	Bourdieu (1972, 1977, 1996, 2009, 2011, 2012)
	Heterodoxia	Narrativas que visam subverter a dominação vigente. Buscam romper com a dominação da narrativa ortodoxa.	Bourdieu (1972, 1977, 1996, 2009, 2011, 2012)
	Allodoxia	Artifício no qual realiza-se falsas correlações entre argumentos ou dados para promover narrativas que corroborem com a interpretação que a narrativa alodóxica defende.	Bourdieu (1972, 1977)

	Doxosofia	Instrumento de manipulação no qual utiliza-se dados ou argumentos científicos para conferir maior força simbólica a uma narrativa e que resulta em interpretações equivocadas.	Bourdieu (1972, 1977)
	Guardiões da ordem simbólica	Agentes e estruturas responsáveis pela manutenção e disseminação da doxa e da ortodoxia.	Bourdieu (1972, 1977)
Sustentabilidade	Meio ambiente	Entendido como um conjunto de recursos naturais produzidos pelo próprio planeta. Grupo de elementos externos ao homem e à sociedade, mas se relaciona com ambos.	Pierri (2001); Mebratu (1998); Schweickart (2010)
	Ambientalismo	Apresenta-se como o mainstream das discussões sobre sustentabilidade, é a narrativa dominante, na qual entende-se que o meio ambiente sofre impactos negativos das atividades organizacionais como alteração do clima, poluição, extinção de animais e plantas.	Layrargues (2017); O'Connor (2002); Pierri (2001); Taylor (2000).

	Anti-Ecologismo	<p>Conjunto de iniciativas organizacionais, aparentemente desconexas, e que não possuem um corpo teórico definido. É uma narrativa que se configura a partir da prática de empresas que visam rebater às investidas de regulação e constrangimento das empresas, propostas pelo Ambientalismo. Entende que a exploração da natureza é o preço a ser pago pela geração de riqueza e diminuição da miséria que as organizações promovem.</p>	Layrargues (2017)
	Mundialização	<p>Processo de unificação cultural e econômica do mundo. É uma dominação simbólica da cultura euro-americana que busca colonizar simbolicamente agentes e estruturas de países pobres.</p>	Bourdieu (1998, 2001)

	Símbolo	Meio de comunicação que atua por meio da representação, de forma abstrata e mística. Possui capacidade de representar um sistema simbólico. A sustentabilidade atua enquanto um símbolo, uma representação do ideal euro-americano de sustentabilidade. Apresenta-se por meio de imagens, conceitos, sons, gestos, obras de arte ou narrativas.	Bourdieu (1972, 1977, 1996, 2009, 2012)
--	---------	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.5 Análise das informações

O procedimento de análise dos dados a ser utilizado será a análise de narrativas.

O uso de documentos para seleção e retirada de narrativas para acessar e interpretar contextos organizacionais nas ciências sociais aplicadas e na administração não é uma ação pioneira (ZACARELLI; GODOY, 2013; CARNEIRO; BARROS, 2017). Para Vaara et al (2016), o uso de narrativas para contextos organizacionais ainda precisa ser mais explorado, pois todo seu potencial de análise ainda não foi alcançado.

Pode-se definir narrativa, pré-teoricamente, como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social (BASTOS; BIAR, 2015 p.99)

A narrativa configura-se então como um conjunto de estruturas linguísticas que se manifestam por meio de escritas, falas, imagens e gestos.

Apresenta-se, por meio de mitos, fábulas, histórias, tipos teatrais, figuras de linguagem, artes, que pode caracterizá-la como transnacional, transcultural e transhistórica (BARTHES *et al.*, 2011; CZARNIAWASKA, 2004). Atua enquanto um instrumento de comunicação e é uma forma de expressão da realidade, organizando-a a partir de uma apresentação sucessiva de ações e eventos (CZARNIAWASKA, 2004).

Czarniawaska (2004, pg.3) entende que:

[...] o princípio básico da filosofia de Alasdair MacIntyre: que a vida social é uma narrativa. Normalmente, presume-se que a vida social consiste em ações e eventos, onde a diferença entre os dois é como intencionalidade assumida de ações.

As narrativas são expressões por meio das quais seus produtores visam representar seus ideais, suas interpretações e suas justificativas para suas ações sociais. Essas representações atuam como meios de externalização e de comunicação, tornando possível o intercâmbio de produtos subjetivos como uma percepção ou uma interpretação (BARTHES *et al.*, 2011; CZARNIAWASKA, 2004).

A partir das contribuições de Barthes *et al.* (2011) e Czarniawaska (2004), entende-se que a análise de narrativas possui algumas considerações a serem realizadas. Primeiramente, Barthes *et al.* (2011) traz que é necessário distinguir e operacionalizar os diferentes instantes de descrição, e então, as dispor em perspectivas hierárquicas, resumidamente, em níveis de operações.

Para a análise e interpretação dos dados coletados pela pesquisa documental, verifica-se que, como traz Vaara *et al.* (2016) em sua análise de narrativas organizacionais, onde diz que um posicionamento interpretativista considera que “as narrativas são conceituadas como construções pessoais dos fenômenos organizacionais” (VAARA *et al.*, 2016, p.503).

Logo, as narrativas atuam enquanto representantes das interpretações e das ações das organizações que as disseminam. Mesmo que não sejam os produtores das narrativas que veiculam, as organizações são representadas por elas. A incorporação, aceitação e reprodução de uma narrativa por uma organização é um processo que demonstra que a narrativa apresenta um certo grau de alinhamento entre o conteúdo da narrativa para com as interpretações ou interesses da organização representada (BOURDIEU, 1972, 1977, 2012).

As narrativas devem ser analisadas levando-se em consideração o momento no qual se manifestam, e o tempo das condições de produção da narrativa (BOURDIEU, 2004, 2009, 2012).

O momento refere-se ao conjunto de relações que permeiam a narrativa, o estado no qual se encontra o produtor da narrativa quando a narrativa é apresentada (BOURDIEU, 2009). Na presente pesquisa, o momento refere-se às exclusões das organizações pesquisadas do ISEB3.

O tempo das condições de produção da narrativa é aquilo que Bourdieu (2009) aborda como a ação do tempo: a influência da história do conjunto de relações na construção das narrativas. Acontecimentos passados, juntamente com ações e reações que as sucederam, bem como seus respectivos desfechos, participam ativamente do processo de escolha de elementos empregados na criação das narrativas (BOURDIEU, 1972, 2012).

Há ainda dois fatores para a análise de narrativas: analisar quem são os disseminadores de uma narrativa; e a força simbólica de uma narrativa. Quando os disseminadores de uma narrativa promovem a ortodoxia, atuam então enquanto guardiões da ordem simbólica, responsáveis pela manutenção da ordem na dominação vigente. Quando buscam pela subversão da dominação em exercício, são dominados que lutam pela ascensão à posição de dominantes. A narrativa deve ser analisada também em relação a quem a mobiliza, uma vez que esclarecer quem são os produtores de uma narrativa pode trazer indícios do posicionamento contido na narrativa. Isso se deve ao fato de que as narrativas são produtos sociais, representam os posicionamentos e as ações daqueles que as produzem. Quanto a força simbólica, só pode ser conhecida *post factum*, devido ao seu caráter simbólico no momento da manifestação da narrativa. A força simbólica é revelada pela capacidade de mobilização de uma narrativa, e pelas reações objetivadas em função dela. Ou seja, é desvelada pelos efeitos provocados pela narrativa (BOURDIEU, 1972, 1977, 1996, 1998, 2001, 2004, 2009, 2011, 2012).

Para isto, a presente pesquisa irá analisar os documentos selecionados e apresentados anteriormente. Posteriormente, é feito uma seleção das narrativas sobre sustentabilidade encontradas nos documentos, separados em cinco períodos cronológicos:

- antes da primeira exclusão;

- durante a primeira exclusão;
- entre a primeira e a segunda exclusão;
- durante a segunda exclusão;
- após a segunda exclusão.

Após essa separação, realiza-se a classificação das narrativas quanto à sua interpretação e os artifícios empregados em sua construção. As narrativas podem ser: ortodoxas, heterodoxas, allodóxicas ou doxosóficas. Então, busca-se por elementos em comum (argumentos, interpretações) recorrentes nas narrativas encontradas, que desvelam a doxa sobre sustentabilidade da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer).

A seguir, apresenta-se a tabela procedimental da presente pesquisa:

Tabela 1. Tabela procedimental

ETAPAS	Ação teórica	Ação metodológica
I	Discussões Teóricas: Sociologia Bourdieusiana, Narrativas, Sustentabilidade, Mundialização e Símbolo.	Selecionar as narrativas sobre sustentabilidade emitidas pela Embraer.
II	Discussão Teórica: ortodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Identificar, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, as que podem ser consideradas como a ortodoxia sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
III	Discussão Teórica: heterodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Distinguir, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, as que podem ser consideradas como a heterodoxia sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
IV	Discussão Teórica: allodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Apresentar, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, manifestações allodóxicas sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
V	Discussão Teórica: doxosofia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Reconhecer, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, declarações doxosóficas sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
VI	Discussão Teórica: guardiões da ordem simbólica à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Expor, a partir das narrativas selecionadas e analisadas, os guardiões da ordem simbólica da sustentabilidade enunciada pela Embraer.
VII	Discussão Teórica: doxa à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.

Fonte: elaborado pelos autores.

4 APRESENTAÇÃO DA EMBRAER S.A. E DO ISE-B3

No presente capítulo, aborda-se sobre a história da Embraer e do ISE-B3. Busca descrever como foram criados, quais suas inspirações no momento das respectivas criações e a que servem.

No capítulo 4.1 Sobre a Embraer, busca descrever também seu ramo de atuação e o período de adesões/exclusões do ISE-B3, bem como suas possíveis motivações.

No capítulo 4.2 Sobre o ISE-B3, apresenta-se ainda sobre suas diretrizes.

4.1 Sobre a Embraer

A Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer) é um conglomerado transnacional fundado durante o regime militar, em 1969. Inicialmente era um projeto voltado para atender às demandas governamentais por aeronaves e tecnologias de defesa nacional. Porém, tornou-se um polo de tecnologia e engenharia atuando além das demandas militares e de defesa, produzindo aeronaves e tecnologias para a aviação comercial, agrícola, executiva, além de militar, e ainda, serviços e peças aeroespaciais (FORJAZ, 2005; LUCCHESI, 2019; SILVA, 2008).

Fundada em São José dos Campos, interior de São Paulo, por Ozires Silva. Ozires é um engenheiro aeronáutico luso-brasileiro. Formou-se no Instituto Tecnológica de Aeronáutica (ITA), foi Coronel da Aeronáutica e em 1969, tomou a frente da iniciativa que culminou com a fundação da Embraer (SILVA, 2008).

A Embraer e sua criação foram fomentadas após a Segunda Guerra Mundial, depois da percepção dos militares e do governo brasileiro acerca da fragilidade bélica e estrutural do exército brasileiro. Ao entender que não poderiam se defender em caso de ataque de grandes potências, buscou-se então durante o Estado Novo por parcerias e investimentos que promovessem a industrialização, a modernização da matriz energética do país e a criação de polos de tecnologia para produção de serviços aeronáuticos, bélicos e produtos para a defesa do território e da soberania do Brasil (FORJAZ, 2005).

Consolidou-se hoje como uma das maiores empresa do ramo de tecnologia em produtos e serviços aeronáuticos (EMBRAER, 2021). Entre seus produtos encontram-se: jatos particulares, jatos executivos, jatos comerciais,

aviões comerciais, jatos e aviões para uso militar, jatos voltados para o agronegócio, sistemas de defesa e monitoramento (EMBRAER, 2021).

Em maio de 2001, criou-se o Instituto Embraer de Educação e Pesquisa (IEEP), voltado para a promoção de ensino de qualidade para a comunidade, espaço para pesquisa e desenvolvimento tanto de profissionais quanto de tecnologia, e ainda, um mediador entre a Embraer e a sociedade, na promoção de iniciativas ambientais e sociais voltadas à responsabilidade social e ao meio-ambiente (EMBRAER, 2007).

Ao longo de sua história, consolidou parceiras com vários países como Itália, França e Estados Unidos para troca de tecnologia e produção de aeronaves. Em 1991, iniciou-se um processo de preparação da empresa para sua privatização, que só foi realizada em 7 de dezembro de 1994 (VALOR ECONÔMICO, 2014).

Antes a empresa contava com 9 mil funcionários, após a privatização, seu quadro de funcionários era configurado por 6 mil funcionários. Nos anos seguintes, a empresa voltou a ter resultados econômicos positivos e conta em 2022 com um quadro de aproximadamente 15 mil funcionários (VALOR ECONÔMICO, 2014; EMBRAER, 2021).

A administração da Embraer é configurada por (EMBRAER, 2022):

1. Conselho de Administração;
 - 1.1. Comitê de Estratégia e Inovação;
 - 1.2. Comitê de Auditoria, Riscos e Ética;
 - 1.3. Comitê de Pessoas e ESG;
2. Conselho Fiscal;
3. Diretoria.

Os Comitês são setores de assessoramento e apoio às decisões do Conselho de Administração. O Conselho de Administração é responsável pela gestão estratégica da Embraer, elaborando objetivos e metas para os próximos anos, e ainda, responsável pela indicação de diretores. É composto por 16 (dezesesseis) pessoas, dentre as quais 8 (oito) são independentes conforme critérios do Regulamento do Novo Mercado da B3 em vigor a partir de 2018. (ISE-B3, 2022b; EMBRAER, 2022).

O Conselho Fiscal atua como consultor e assessor jurídico e financeiro dos demais níveis hierárquicos, atuando enquanto um órgão independente do Conselho de Administração (EMBRAER, 2022).

A Diretoria é o setor subordinado diretamente ao Conselho de Administração, recebendo suporte do Conselho Fiscal. É responsável pela administração tática e operacional da Embraer (EMBRAER, 2022).

Durante os anos de 2000 a 2008, passou para uma reestruturação estratégica do negócio, no qual passou a atuar em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias sustentáveis, bem como adentrou ao ISE-B3 (LUCCHESI, 2019).

4.2 Participação da Embraer no Índice de Sustentabilidade Empresarial B3 (ISE-B3)

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE-B3) foi criado em 2005 pela então BOVESPA. Foi o terceiro índice de sustentabilidade empresarial criado no mundo, e o maior da América Latina. Contou com apoio financeiro do International Finance Corporation (IFC) para sua criação (B3, 2022).

Suas diretrizes para que as empresas possam se tornar elegíveis, bem como sua metodologia para processo de seleção de empresas para a carteira foram elaboradas em parceria da B3 com Fundação Getúlio Vargas, Instituto Ethos e o Ministério do Meio Ambiente (B3, 2022; IDEIA SUSTENTÁVEL, 2020).

Para que as empresas sejam elegíveis para participar do processo de submissão e avaliação para integrar a carteira do ISE-B3, devem atender aos seguintes requisitos (ISE-B3, 2021a, 2021b):

- Constarem entre as empresas que detêm as 200 ações mais líquidas na B3;
- nota mínima no Score ISE;
- nota mínima no desempenho quantitativo por tema do questionário;
- nota mínima na avaliação qualitativa das evidências;
- nota mínima no Score CDP;
- nota de corte no RepRisk Index;
- atendimento dos requisitos mínimos aplicáveis ao setor de cada empresa participante.

As empresas são avaliadas a partir de documentos comprobatórios de políticas e iniciativas voltadas para sustentabilidade, bem como na elaboração de documentos seguindo as diretrizes do GRI (ISE-B3, 2021a, 2021b).

Os requisitos são avaliados a partir do preenchimento de um questionário disponível às empresas elegíveis e que solicitam a participação no ISE e dos documentos comprobatórios de políticas e iniciativas sustentáveis (ISE-B3, 2021^a, 2021b).

A seguir apresenta-se a carteira ISE-B3 desde seu início em 2005 até a última carteira divulgada de 2022.

Tabela 2. Carteira ISE-B3 2005-2022

2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 PRIMEIRA EXCLUSÃO	2013/14 PRIMEIRO RETORNO	2014/15	2015/16	2016/17 ÚLTIMA PARTICIPAÇÃO	2017/18 SEGUNDA EXCLUSÃO	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22		
ALL America Latina	Acesita	AES Tietê	AES Tiete	AES Tietê	AES Tietê	AES Tiete	AES Tiete	AES Tietê	AES Tietê	AES Tietê	AES Tietê	AES Tiete	AES Tiete	AES Tiete	AES Tiete	AES Tiete	AES Brasil Energia	AES Brasil Energia
Aracruz	All América Latina	Acesita	Banco do Brasil	Aracruz	Anhanguera	Anhanguera	Banco do Brasil	Banco do Brasil	B2W Digital	B2W Digital	B2W	B2W	B2W	B2W	B2W	B2W	Americanas SA	
Belgo Mineira	Aracruz	Aracruz	Bradesco	Banco do Brasil	Ricbanco	Banco do Brasil	Ricbanco	BicBanco	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Banco do Brasil	Ambipar	
Banco do Brasil	Arcelor BR	Banco do Brasil	Braskem	Braskem	Bradesco	Banco do Brasil	Bicbanco	Bradesco	Bradesco	Bradesco	Bradesco	Bradesco	Bradesco	Bradesco	BR Distribuidora	BR Distribuidora	Arezzo	
Bradesco Braskem	Banco do Brasil	Bradesco	Celesc	Braskem	Bradesco	Bradesco	Braskem	Braskem	Braskem	Braskem	Banco do Brasil	Braskem	Braskem	Bradesco	Bradesco	Azul		
CCR Rodovia	Bradesco Braskem	Braskem	Cemig	Cemig	Braskem	Braskem	BRF Brasil Foods	BRF	BRF SA	BRF SA	Braskem	CCR	CCR	Braskem	BRF	Bradesco		
Celesc Cemig	CCR Rodovias	CCR Rodovias	Cesp	Cesp	BRF Foods	BRF Brasil Foods	CCR	CCR	BicBanco	CCR SA	Bradesco	Celesc	Cemig	BRF	BTG Pactual	Banco do Brasil		
Cesp Copel	Celesc	Cemig	Coelce	Coelce	Coelce	Cemig	CCR	Cemig	CCR SA	CCR SA	BRF	Cemig	Cielo	CCR	CCR	BTG Pactual		
Copel	Cemig	Cesp	CPFL Energia	Copel	Cesp	Cemig	Cesp	Cesp	CemigCielo	Cesp	CCR	Cielo	Copel	Cemig	Cemig	Braskem		
CPFL Energia	Coelce	Coelce	DASA	CPFL Energia	Coelce	Cesp	Copel	Cielo	Coelce	Cielo	Celesc	Copel	Duralex	Cielo	Cielo	BRF		
DASA Eletrobrás	Copel	Copel	Duralex	Dasa	Copasa	Copel	Coelce	Coelce	Copel	Copel	Cemig	CPFL	Ecorodovias	Copel	Copel	CCR		
Eletropaulo	CPFL Energia	CPFL Energia	Eletrobrás	Duralex	Copel	Coelce	Copasa	Copasa	CPFL Energia Duralex	CPFL Energia	Cielo	Duralex	EDP	Duralex	Cosan	Cemig		
Embraer	Dasa	DASA Eletrobrás	Eletropaulo	Eletrobras	CPFL Energia	Copasa	CPFL Energia	Copel	Ecorodovias	Energias BR (EDP) Duralex	CCR	Ecorodovias	Eletrobras	Ecorodovias	CPFL	Cia Brasileira de Distribu		
Gol	Eletropaulo	Eletropaulo	Embraer	Eletropaulo	Duralex	CPFL Energia	Duralex	CPFL	Eletrobrás	Ecorodovias	Copel	EDP	Eletropaulo	EDP	Duralex	Cielo		
Iochpe-Maxion	Embraer	Embraer	Energias do Brasil (EDP)	Embraer	Eletrobras	Duralex	Energias do Brasil	Duralex	Eletropaulo	Eletrobrás	CPFL	Eletropaulo	Engie	Eletrobras	Ecorodovias	Copel		
Itaubanco	Energias do Brasil (EDP)	Energias do Brasil (EDP)	Gerdau	Energias BR	Eletropaulo	Energias do Brasil	Ecorodovias	Ecorodovias	Embraer	Eletropaulo	Duralex	Engie	Fleury	Engie	EDP	Cosan		
Itausa	Gerdau	Gerdau	Metallúrgica Gerdau	Even	Embraer	Ecorodovias	Eletrobras	EDP	Energias BR (EDP)	Embraer	Ecorodovias	Fibra	Itaú Unibanco	Fleury	Eletrobras	CPFL		
Natura	Metallúrgica Gerdau	Metallúrgica Gerdau	Itaubanco	Gerdau	Energias BR	Eletrobras	Eletropaulo	Eletrobras	Even	Engie Brasil Energia**	EDP	Fleury	Itaúsa	Itaú Unibanco	Engie	Dexco		
Perdigão	Gol	Iochpe-Maxion	Light	Gerdau Met	Even	Eletropaulo	Even	Eletropaulo	Fibra	Even	Eletrobras	Itaú Unibanco	Klabin	Itaúsa	Fleury	Ecorodovias		
Suzano Papel	Iochpe-Maxion	Itaubanco	Natura	Inds Romi	Fibra	Embraer	Fibra	Embraer	Fleury	Fleury	Eletropaulo	Itaúsa	Light	Klabin	GPA	EDP		
Tractebel	Itaubanco Itausa	Light	Odontoprev	Itaú S/A	Gerdau	Even	Gerdau	Even	Gerdau	Klabin S/A	Embraer	Klabin	Lojas Americanas	Light	Itaú Unibanco	Eletrobrás		
Unibanco	Localiza	Natura	Perdigão	Itaú Unibanco	Gerdau Met	Fibra	Gerdau Met	Fibra	Gerdau Met	Fibra	Engie*	Light	Lojas Renner	Lojas Americanas	Itaúsa	Engie		
VCP	Natura	Perdigão	Sabesp	Light S/A	Inds Romi	Gerdau	Itausa	Fleury	Itaú Unibanco	Itaú Unibanco	Fibra	Lojas Americanas	MRV	Lojas Renner	Klabin	Fleury		
Weg	Perdigão	Petrobrás	Sadia	Natura	Itaú SA	Gerdau Met	Itaú Unibanco	Gerdau	Itausa	Itausa	Fleury	Lojas Renner	Natura	Movida	Light	Iochpe Maxion		
	Petrobrás	Sabesp	Suzano Papel	Perdigão	Itaú Unibanco	Itausa	Light S/A	Itaú-Unibanco	JSL	Light S/A	Itaúsa	MRV	Santander	MRV	Lojas Americanas	Itaú Unibanco		
	Suzano Papel	Sadia	Telemar	Redecard	Light S/A	Itaú Unibanco	Natura	Itausa	Klabin S/A	Lojas Americanas	Itaú Unibanco	Natura	Telefônica	Natura	Lojas Renner	Itausa		
	Suzano PETR	Suzano Papel	TIM Participações	Sabesp	Natura	Light S/A	Sabesp	Natura	Light S/A	Lojas Renner	Klabin	Santander	Tim	Santander	M Dias Branco	Klabin		
	TAM	Suzano Petroquímica	Tractebel	Sul América	Redecard	Natura	Santander	Light	Lojas Americanas	Natura	Lojas Americanas	Telefônica	Weg	Telefônica	Marfrig	Light		
	Tractebel	Tractebel	Unibanco	Sadia	Sabesp	Redecard	Sulamérica	MET Gerdau	Lojas Renner	Telef Brasil (Telefônica)	Lojas Renner	Tim		Tim	Minerva	Lojas Renner		
	Ultrapar	VCP	VCP	Suzano Papel	Santander	Sabesp	Suzano Papel	Natura	Natura	Tim Part S/A	Light	Weg		Weg	Movida	M Dias Branco		
	Unibanco	Weg		Telemar	Sul América	Santander	Telefonica	Oi	Sabesp	Santander	MRV				MRV	Magazine Luiza		
	VCP			Tim Part S/A	Suzano Papel	Sulamérica	Telemar	Sabesp	Santander	SulAmerica	Natura				Natura	Marfrig		
				Tractebel	Telemar	Suzano Papel	Tim Part S/A	Santander	SulAmerica	Weg	Santander				Neoenergia	Minerva		
				Uaiminas	Tim Part S/A	Telemar	Tractebel	SulAmerica	elef Brasil (Telefônica)		SulAmerica				Petrobras	Movida		
				Vivo	Tractebel	Tim Part S/A	Ultrapar	Suzano	Tim Part S/A		SulAmerica				Santander	MRV		
					Ultrapar	Tractebel	Vale	Telefonica	Tractebel		TIM				Sendas (Assol)	Natura		
					Vale	Ultrapar	Weg	TIM	Vale		Weg				Suzano	Neoenergia		

Fonte: ISE-B3 (2022a)

Em 2005/06, a Embraer integrou pela primeira vez a carteira de empresas participantes do ISE-B3. Participou desde então de 2005/06 até 2011/2012.

Pela primeira vez, em 2012/13, a Embraer não está na carteira de empresas do ISE-B3. O motivo da exclusão da empresa no índice não foi comentado pela B3, pela comissão responsável pelo ISE-B3 ou pela Embraer.

Porém, na carteira seguinte em 2013/14 a Embraer retorna ao índice, mantendo-se por 4 anos (2013/14; 2014/15; 2015/16; 2016/17).

A última participação da Embraer no ISE-B3 foi em 2017, sua segunda exclusão do índice. Porém, nenhum crime ambiental ou social foi o fator motivador para tal exclusão. Nem mesmo o motivo da exclusão foi informado ou comentado pela B3 ou pela Embraer novamente.

Desde então, a Embraer não participou do índice novamente. Porém, do período de 2009 até 2018 a Embraer figurou entre as empresas presente no *Dow Jones Sustainability Index (DSJI)* (ANPEI, 2017).

Busca-se aqui então, pesquisar sobre as narrativas contidas nos materiais divulgados pela Embraer desde 2000 até 2021. Busca-se por identificar, descrever e interpretar suas narrativas sobre sustentabilidade à luz da sociologia bourdieusiana.

Para isto, levantou-se os relatórios corporativos da Embraer de 2000 até 2021 e os vídeos publicados em seu canal de YouTube de 2009 até 2022.

Realizou-se então a leitura e a análise das narrativas apresentadas em tais documentos para responder ao problema de pesquisa: **“qual a doxa sobre sustentabilidade presente nas narrativas da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A (Embraer)?”**

E a resposta começa a ser construída a seguir, com a análise dos dados.

5 ANÁLISE DE DADOS

Conforme abordado no capítulo “Procedimentos Metodológicos”, realizou-se aqui o levantamento e análise dos relatórios de sustentabilidade publicados pelas organizações selecionadas, desde a criação do ISE-B3 (em 2005) até o último relatório de sustentabilidade publicado (no ano de 2021). Dentro deste recorte, todos os relatórios serão analisados estando eles publicados enquanto participantes do ISE-B3 ou não. Os relatórios referentes ao ano de 2022 não serão considerados visto que não foram publicados a tempo para a realização da presente pesquisa. Dentre deste mesmo recorte temporal (2005-2021), serão analisadas as publicações nas mídias sociais e nos sites institucionais das empresas selecionadas.

Referentes à sustentabilidade, encontra-se publicações apenas em seu canal de YouTube e em seu site institucional dedicado a divulgação dos relatórios de sustentabilidade produzidos pela empresa. Portanto, a seguir apresenta-se os relatórios de sustentabilidade e os vídeos publicados no canal do YouTube da Embraer.

Primeiramente, apresenta-se o levantamento e seus achados. Em um segundo momento, realiza-se a análise de narrativas do conteúdo encontrado e a construção de uma linha temporal referente às narrativas encontradas, ano de divulgação e fazer relação entre ambos os fatores com os momentos de participação, de exclusão, de reinclusão e de segunda exclusão.

5.1 Material produzido e divulgado no YouTube

Em seu canal de YouTube, de um total de 625 vídeos publicados entre 2009 e 2022, foram encontrados 34 vídeos que abordam sobre sustentabilidade. Tais vídeos foram selecionados a partir da visualização completa do vídeo e que abordaram sobre sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e ESG.

A Tabela 3 a seguir traz detalhes de cada vídeo como ano, título, duração, classificação bourdiesiana, link para cada vídeo e os temas tratados em cada vídeo e que se relacionam com sustentabilidade.

Tabela 3. Levantamento de vídeos do canal do YouTube da Embraer

Tipo de documento (vídeo YT, relatório, publicação site, postagem mídia social)	Ano	Título	Duração	Classificação bourdieusiana (ortodoxa; heterodoxa; allodóxica; doxosófica)	Disponível em	Temas
Vídeo YouTube	2010	BE THERE	1min e 32 seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=WMC2YJzLr4&ab_channel=Embraer	Relações humanas
Vídeo YouTube	2011	Alitalia and Embraer - The Power of E	2min e 28seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=micuOyZKHo&ab_channel=Embraer	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2012	Azul+Verde - Renewable jet fuel - YouTube	3min e 07seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=sglTN8cx7sI&ab_channel=Embraer	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2013	EMBRAER - IPANEMA - YouTube	2min e 09seg	Heterodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=Ih9XViMLZmg&ab_channel=Embraer	Defensivos agrícolas
Vídeo YouTube	2015	IPANEMA 203	2min e 02seg	Heterodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=QIbKpHTB8t8	Defensivos agrícolas
Vídeo YouTube	2016	Instituto Embraer	40seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=M1NXarubjF4	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2016	Instituto Embraer	45seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=QIwRgnduj_w	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2020	#Embraer #E2 #TechLion: o rei da eficiência	32seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=jNMMAVZ6bSw	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2020	Embraer: Para um mundo diferente	48seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=NRoAHK5IF-I	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2020	Embraer e a produção de componentes dos respiradores	55seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=vfMUGwE2BE	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2020	Viajar é uma experiência sensorial	1min e 10seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=tY0NMzNk82s	Relações humanas
Vídeo YouTube	2020	Jornada Saudável	45seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=eJ6nQPU3WgE	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2020	#ATMUS: A história de uma cooperação que protege vidas	10min e 09 seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=0eL8ijAUAYw	Saúde pública
Vídeo YouTube	2020	Iniciativas de Sustentabilidade da EMBRAER	1min e 25seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=mDI3zjQxAsI	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	Insights for a different world: episode 3 - Sustainability	8min	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=1910BoMP2p8	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	Instituto Embraer 20 anos	3min e 36seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=0Z1qotrIVJw	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Human Centered Ambiente de cabine mais saudável	1min e 19seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=H1xY21XZdw	Saúde pública
Vídeo YouTube	2021	#Embraer. Right for the world ahead. Right now. / Preparados para o Futuro. Agora.	1min	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=JZx-XYj8KS4	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Demonstrador Elétrico	1min	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=LPAPt5kDwpU	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	ESG Flight Plan: Melhores Momentos	2min e 29seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=dPZ2i-9dkI0	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	ESG Flight Plan: Futuro Sustentável	2min e 58seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=s0rxabWnaJE	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	#Embraer #ESG Flight Plan Full Live Event / Evento ao vivo completo #Embraer Plano de Voo #ESG	52min e 33seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=d8qoMlcPq8	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: Colégios Embraer & Educação de Alta Qualidade	1min e 50seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=s518RzA8g5w	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: Colégios Embraer & Sonhos Possíveis	1min e 17seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=j3F4AieOmcQ	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: PEE & Realização do Voo dos Sonhos	2min e 07seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=usRtaA99qqtI	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: O Papel Transformador da Educação	1min e 50seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=JsBCEVRcykI	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: Colégios Embraer & Desenvolvimento Pessoal e Profissional	1min e 34seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=0QIFWz2-mns	Responsabilidade social
Vídeo YouTube	2021	Sustainability in Action	51min e 55seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=R_a6KcYDz2M	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2021	Sustentabilidade em Ação - Melhores Momentos	3min e 31seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=QcPyZ4MaYvg	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2022	Embraer Sustentabilidade em Ação	2min e 29seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=v36eUq2Hfgw	Ecoeficiência
Vídeo YouTube	2022	Engenharia da Mudança: Energias Renováveis	3min e 03seg	Ortodoxa	https://www.youtube.com/watch?v=Q1SK2_jjHnw	Ecoeficiência
Vídeos que trazem ESG e sustentabilidade nos títulos, mas que não abordam sobre ambos						
Vídeo YouTube	2021	Sustainability in Action: Teaser	35seg	n/a	https://www.youtube.com/watch?v=x3c4uARD5MI	n/a
Vídeo YouTube	2021	Perspectivas de Mercado 2021: Tendência Ambiental	2min e 49seg	n/a	https://www.youtube.com/watch?v=vSPqrgMe4vk	n/a
Vídeo YouTube	2021	Embraer ESG: PEE e a Engenharia do Futuro	2min e 02seg	n/a	https://www.youtube.com/watch?v=06RqEffyaeo	n/a

Fonte: elaborado pelo autor.

Destes 34 vídeos, 3 deles trazem sobre sustentabilidade em seus títulos, mas não abordam sobre o tema no decorrer do vídeo. A sustentabilidade nestes vídeos é apenas citada, mas não é relacionada com conteúdo algum apresentado no vídeo ou explicada no decorrer da produção.

Gráfico 1. Distribuição de publicação de vídeos no YouTube por ano.

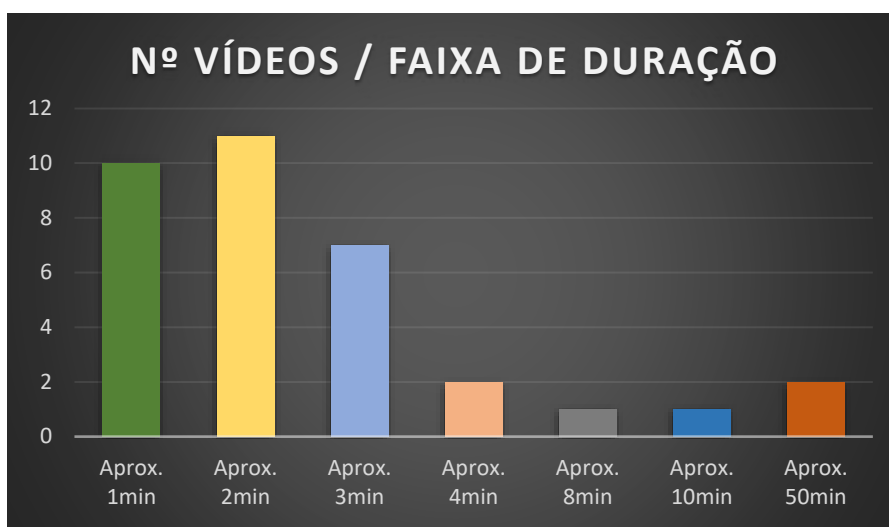


Fonte: elaborado pelo autor.

Em 2009, 2014, 2017, 2018 e 2019, nenhum vídeo que aborde sobre sustentabilidade foi publicado pela Embraer. Nos anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2015 foram publicados apenas um vídeo por ano, totalizando 5 vídeos.

No ano de 2020 foram produzidos 7 vídeos, e em 2021 foram produzidos 18 vídeos. O alto número de vídeos em 2021 coincide com o fato de que neste mesmo ano (2021) foi produzido pela Embraer o primeiro relatório voltado exclusivamente para a sustentabilidade.

Em geral, são vídeos rápidos e curtos, com algumas poucas exceções. O Gráfico 2 apresenta a distribuição da quantidade de vídeos por duração:

Gráfico 2. Distribuição da quantidade de vídeos por duração

Fonte: elaborado pelo autor.

De um total de 34 vídeos, 10 deles apresentam duração aproximada de apenas um minuto. 11 vídeos têm duração de aproximadamente dois minutos. 7 vídeos publicados possuem em torno de 3 minutos de duração. Na faixa de vídeos mais longos, encontrou-se 2 vídeos de aproximadamente 4 minutos, 1 vídeo de 8 minutos, 1 vídeo de 10 minutos e, por fim, 2 vídeos com aproximadamente 50 minutos de duração cada. Em suma:

Quadro 2. Resumo da distribuição e participação dos vídeos da Embraer por duração

DURAÇÃO	Nº VÍDEOS / FAIXA DE DURAÇÃO	PARTICIPAÇÃO RELATIVA
Aprox. 1min	10	29%
Aprox. 2min	11	32%
Aprox. 3min	7	21%
Aprox. 4min	2	6%
Aprox. 8min	1	3%
Aprox. 10min	1	3%
Aprox. 50min	2	6%

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos vídeos foi possível identificar há alguns temas que se relacionam com a sustentabilidade e seus três pilares (ambiental, social e econômico).

Referente ao pilar ambiental encontra-se a “saúde pública” e “ecoeficiência”. Aborda-se a dimensão social quando se trata de “relações

humanas” e “responsabilidade social”. A dimensão econômica manifesta-se na “eficiência”.

Porém, há um tema que é conflitante com a divulgação da sustentabilidade. O tema sobre “defensivos agrícolas” é abordado em dois vídeos, um de 2013 e outro de 2015, nos quais é realizado a publicidade de um avião projetado e produzido pela Embraer para o uso de agrotóxicos no campo.

O Quadro 3 a seguir demonstra quais são os temas encontrados e o número de vídeos por tema:

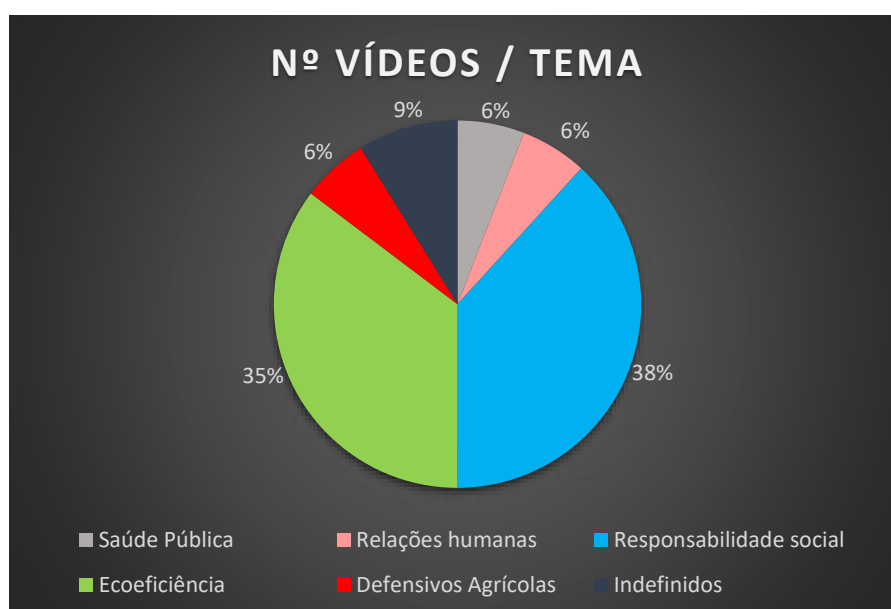
Quadro 3. Temas e número de vídeos por tema.

TEMAS	Nº VÍDEOS / TEMA
Saúde Pública	2
Relações humanas	2
Responsabilidade social	13
Eficiência	12
Defensivos Agrícolas	2

Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 3 a seguir apresenta a participação relativa de cada tema:

Gráfico 3. Participação relativa de cada tema



Fonte: elaborado pelo autor.

Observa-se que “responsabilidade social” (38%) e “eficiência” (35%) compõem a massiva maioria (73%) dos temas abordados pelos vídeos.

Os três vídeos que abordam sustentabilidade em seus títulos, mas não o fazem durante o vídeo foram descartados devido a ausência de uma narrativa ou de quaisquer tipos de conteúdos relacionados a sustentabilidade.

Observa-se que os temas “responsabilidade social” e “eficiência” são os mais abordados e divulgados pela Embraer em seu canal do YouTube. Outros possuem apenas alguns vídeos pontuais (2 ou 3 vídeos).

No capítulo a seguir, apresenta-se os vídeos encontrados, divididos por temas e seguidos de suas análises.

5.1.1 “Responsabilidade social”

São 13 vídeos que abordam sobre responsabilidade social nos quais abordam sobre responsabilidade social tratam de iniciativas como o Instituto Embraer e seus diversos programas voltados para a comunidade. Majoritariamente são iniciativas voltadas para a educação, como escolas e eventos para a promoção do conhecimento e da capacitação de jovens.

Nenhum dos vídeos aborda exatamente o termo “sustentabilidade”. São vídeos que trazem a educação como fonte de construir um futuro melhor, por meio da capacitação técnica de crianças e adolescentes. A educação aqui é apresentada como uma forma de criar um ecossistema de oportunidades e melhorias de vida para as pessoas.

Não argumentam de forma explícita, mas pode-se entender a educação aqui apresentada como uma manifestação da dimensão social da sustentabilidade de John Elkington (1994).

Justifica-se tal argumento a partir do entendimento de que dimensão social da sustentabilidade de Elkington (1994) é dada a partir de movimentações que buscam promover melhores condições de vida para a comunidade, por meio de ações e políticas sem fins lucrativos.

A partir de 2021, observa-se que há a produção e divulgação de vídeos que buscam demonstrar que na Embraer há um ESG (*Environmental, social, and corporate governance*). Porém, não abordam em nenhum vídeo o que é ESG.

São vídeos sem debate ou contribuição teórica voltada para sustentabilidade, focados apenas em propaganda para divulgação das ações sociais da Embraer.

5.1.2 “Ecoeficiência”

Os 12 vídeos que tratam sobre ecoeficiência objetivam apresentar como a preocupação com a sustentabilidade está presente em seu processo de construção de novas tecnologias e de novos produtos.

Tratam de um novo combustível sustentável de aviação e de novos aviões de motores híbridos com menor produção e emissão de poluentes elaborados pelo setor de pesquisa e desenvolvimento da Embraer.

Apresentam as novas tecnologias como motores da mudança que o planeta precisa para a preservação ambiental, no qual cria-se um ecossistema de inovação que visa solucionar os problemas relacionados ao impacto da aviação na produção de agressões ambientais.

As novas tecnologias e os novos produtos buscam resolver problemas da aviação como uso de combustíveis fósseis, emissão de gás carbônico, uso e descarte de resíduos, uso de água e energia, e ainda, em como tais tecnologias visam construir um mundo melhor.

Classifica-se como “Ecoeficiência” os vídeos que buscam promover o ideal de que a tecnologia pode manter/aumentar a eficiência produtiva, resolver problemas sociais e tecnológicos, ao mesmo tempo em que diminui o uso de recursos e o descarte de resíduos, aumentando assim a eficiência produtiva e a capacidade de “cuidar” do meio-ambiente.

Aproxima-se das narrativas tecnocêntrica de Lélé (1991). Posicionam a tecnologia como a caminho capaz de reconfigurar a relação entre homens-organizações-sociedade-natureza. É por meio dela que a sociedade irá alcançar novos meios de vida que sejam capazes de proteger a natureza. A tecnologia é orientada por meio de uma abordagem que preza pelo desenvolvimento sustentável, no qual a natureza é tratada como uma das prioridades no desenvolvimento e oferta de novos serviços e produtos.

5.1.3 “Saúde Pública”

São dois vídeos que tratam de saúde pública. Demonstram as ações tomadas pela Embraer no período da pandemia e outras iniciativas para auxiliar o país a combater a pandemia de Covid-19.

Apresentam o Atmus, um novo sistema hospitalar que busca reduzir a contaminação biológica em ambientes destinadas a pacientes com doenças contagiosas. Foi desenvolvido pela Embraer em parceria com o hospital Albert Einstein.

As cabines higienizadas e novos protocolos de atendimento foram apresentados nestes vídeos, buscando demonstrar que a Embraer possui uma preocupação com a saúde e o bem-estar de seus clientes.

Igualmente às categorias de vídeos descritos anteriormente, são vídeos comerciais com o enfoque em propaganda, que não possuem debates, discussões ou quaisquer tipos de contribuições profundas para a temática da sustentabilidade.

Foram categorizados como “Saúde Pública” os vídeos que veiculam a preocupação com a saúde de clientes e iniciativas voltadas para a promoção da saúde e erradicação de doenças.

5.1.4 “Relações humanas”

Dentre os vídeos analisados, dois abordam sobre relações humanas. Buscam centralizar sua mensagem na conexão entre as pessoas e na importância da Embraer de promover isso por meio de seus serviços e produtos.

Em ambos os vídeos, destaca como a Embraer possui a missão de conectar, aproximar e reunir pessoas por meio de suas aeronaves, buscando priorizar a segurança e o bem-estar de seus clientes.

São vídeos curtos, com intuito de construir uma imagem de proximidade entre a Embraer e a sociedade, posicionando a marca como responsável e preocupada com as necessidades, enquanto os clientes preocupam-se apenas com as pessoas que ama, ou com compromissos profissionais enquanto estão longe de casa.

O fazem por meio de músicas lentas e instrumentais, com uma narração sobre uma narrativa de como as pessoas e suas conexões são importantes. E como a Embraer trabalha para tornar possível a conexão entre as pessoas por

meio de seus programas voltados à comunidade, programas voltados aos funcionários e produtos e serviços que ofertam.

Porém, não apresentam profundidade alguma ou quaisquer contribuições para o debate sobre o que é sustentabilidade ou como ela deve ser veiculada e incluída na gestão da empresa.

5.1.5 “Defensivos Agrícolas”

Os dois vídeos que abordam sobre defensivos agrícolas apresentam um contraste com a imagem que a empresa busca construir nos demais vídeos. São vídeos curtos e que trazem sobre o IPANEMA, um avião projetado e construído pela Embraer para ser usado no campo, como disseminador de defensivos agrícolas.

Nos vídeos, mostram o avião sendo utilizado sobre plantações e espalhando algo que dá a entender ser um defensivo agrícola. Apresentam alguns dados técnicos do produto como tempo de autonomia, peso, quantidade de defensivos que pode carregar e disseminar.

É a única categoria dentre os vídeos apresentados que demonstram produtos e ações que podem entrar em conflito com a sustentabilidade.

5.1.6 Sobre as narrativas presentes nos vídeos

De todos os 34 vídeos encontrados, 3 não possuem narrativas sobre sustentabilidade em seu conteúdo, e, portanto, não puderam ser classificados. Em 2 vídeos, encontram-se narrativas que não corroboram ou que apresentam conflitos com a narrativa dominante sobre sustentabilidade apresentada na literatura e pela própria empresa na maioria de seus materiais divulgados. Por isso, estes 2 são classificados como heterodoxos, ou seja, em não conformidade com a narrativa dominante. Justifica-se tal classificação devido ao caráter contraditório do conteúdo de tais vídeos em relação aos demais. Nestes 2 vídeos apresenta-se aeronaves voltadas para a aplicação de agrotóxicos em plantações. Enquanto a narrativa dominante na empresa (presente em 29 vídeos) aborda sobre os cuidados com o meio ambiente e sua preservação, tais vídeos mostram a empresa desenvolvendo tecnologias em produtos e serviços

que agridem o meio ambiente e causa poluição, e, em alguns casos, algumas doenças.

A grande maioria dos vídeos divulgados pela Embraer em seu canal do YouTube, que compõe um grupo de 29 vídeos, apresentam a sustentabilidade semelhante ao posicionamento de Elkington (1994), como um tema debatido a partir dos pilares: econômicos, ambientais e sociais. Além disso, apresentam a sustentabilidade de forma superficial, sem apresentar novas contribuições para o debate. Entendendo-a como um equilíbrio a ser alcançado pelos avanços tecnológicos, pelos programas sociais e ambientais, no qual o uso de recursos, os impactos ambientais e os impactos socio-econômicos devem ser minimizados por meio de novas iniciativas e programas.

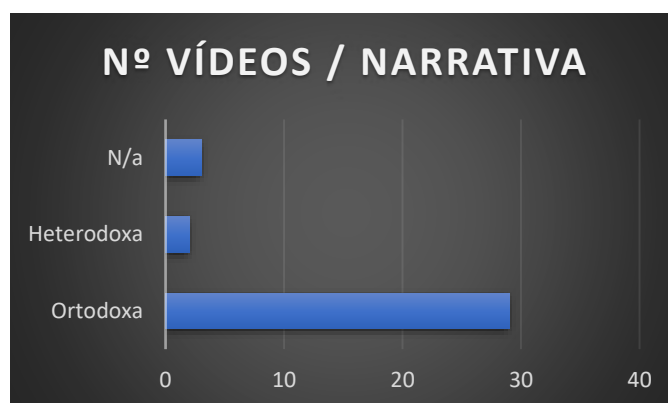
A seguir, a distribuição das narrativas e o número de vídeos por narrativa:

Quadro 4. Distribuição do número de vídeos por narrativa.

NARRATIVAS	Nº VÍDEOS / NARRATIVA
Ortodoxa	29
Heterodoxa	2
N/a	3
TOTAL	34

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4. Participação relativa de cada narrativa no total



Fonte: elaborado pelo autor.

Os 29 vídeos abordam a sustentabilidade de acordo com as contribuições de Elkington (1994), sempre relacionando-a com um equilíbrio

entre a satisfação dos clientes, novas tecnologias menos poluentes, novos processos produtivos mais eficientes, busca por diminuição no uso de recursos naturais nas atividades da empresa, e ainda, apresentando iniciativas de recuperação ambiental e investimento nas áreas da educação e cultura voltados para a sociedade.

Porém, o conteúdo apresentado nos vídeos é demasiadamente superficial. São peças publicitárias com imagens e vídeos falando sobre o cuidado da Embraer com a Terra, com as pessoas e com seus clientes e *stakeholders*. Não contêm detalhes dos programas, não apresenta de forma explícita o que entendem por sustentabilidade, não dão detalhes de como tais iniciativas se relacionam com a sustentabilidade ou como a promovem.

Os dois vídeos mais longos denominados “Sustainability in Action” e “#Embraer #ESG Flight Plan Full Live Event / Evento ao vivo completo #Embraer Plano de Voo #ESG” posicionam em seus títulos a sustentabilidade como um tema central a ser apresentado nos vídeos. Possuem, respectivamente, 51 minutos e 55 segundos, e, 52 minutos e 33 segundos. Porém, são vídeos de apresentação de novas tecnologias, serviços e produtos que possuem a sustentabilidade como orientador de seus processos produtivos. Não abordam explicitamente em momento algum dos vídeos o que entendem por sustentabilidade. Porém, implicitamente, estes dois vídeos revelam que a sustentabilidade para a Embraer se aproxima do entendimento de ecoeficiência.

Isso é evidenciado por alguns detalhes. A descrição do vídeo “Sustainability in Action” é a seguinte:

Watch our 'Sustainability in Action' live show on November 8th and discover the four new aircraft concepts we'll be developing and our vision for a more sustainable future (SUSTAINABILITY IN ACTION, 2021).

Ao longo deste vídeo, verifica-se 3 momentos: a partir do minuto 19 aborda-se sobre reduzir os impactos das mudanças climáticas. Porém, esta fala dura menos de 50 segundos. É logo sucedida pela fala do Presidente e CEO da Embraer.

A partir de 20'30” há um espaço para o Presidente da Embraer citar alguns exemplos de ações que visam promover a sustentabilidade. São citadas 3 ações:

1. Redução da emissão de poluentes;

2. Desenvolvimento de novos biocombustíveis de aviação, menos poluentes;
3. Projetos de novas aeronaves com uso 100% dos SAFs (*Sustainable Aviation Fuel*).

A partir do minuto 24, cita-se apenas as novas tecnologias e novos produtos e serviços desenvolvidos ou ainda em estruturação, visando a promoção da sustentabilidade. Não há mais citações sobre a sustentabilidade ao longo do vídeo.

O vídeo “#Embraer #ESG Flight Plan Full Live Event / Evento ao vivo completo #Embraer Plano de Voo #ESG” (2021) apresenta a partir do minuto 10 suas metas para a promoção da sustentabilidade. Traz um apanhado rápido sobre mudanças climáticas e então apresenta suas metas:

1. Emissão zero de Carbono por suas aeronaves até 2050;
2. Diversidade e inclusão com a contratação diversificada (não explica o que seria isso) e a inscrição de 25% de mulheres nos programas internos de mestrado em Engenharia Aeronáutica até 2025;
3. Implementação de um programa de *Compliance* e Ética;
4. Atuação do IEEP (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa) e sua iniciativa PPS (Programa Parceria Social);
5. Novos processos produtivos com menor uso e menores perdas de recursos.

Em momento algum do vídeo é tratado da sustentabilidade e o que a Embraer entende por sustentabilidade. Ela é sempre discutida a partir destas 5 metas apresentadas, nunca de forma isolada ou puramente teórica.

A tecnologia é posicionada como central aqui: precisa-se desenvolver tecnologias e produtos para que haja a promoção da sustentabilidade, usando estes novos produtos para substituir os antigos que são mais poluentes e menos eficientes.

Ou seja, a sustentabilidade é usada como justificativa para aumentar o investimento em tecnologia e novos produtos e serviços, e ainda, para aumentar suas vendas, na busca por substituir os produtos e serviços atuais por novos menos poluentes e mais eficientes.

A seguir, apresenta-se os relatórios de sustentabilidade e as análises dos mesmos.

5.2 Relatórios corporativos e a sustentabilidade

Dentre os 25 relatórios encontrados, apenas um é um relatório exclusivamente voltado para sustentabilidade. Os 24 restantes são relatórios corporativos que apresentam o resultado financeiro e econômico da empresa, iniciativas sociais e programas ambientais realizados pela Embraer. Há ainda a exploração de algumas iniciativas voltadas para a educação e o financiamento por parte da Embraer de outras ações e políticas.

Os relatórios da Embraer começaram a ser produzidos em 2000 e foram produzidos até o ano de 2021. O relatório do ano de 2022 ainda não foi divulgado, caso esteja sendo produzido. Porém, nos anos de 2019 e 2020 não foram produzidos quaisquer tipos de relatórios.

A seguir, há a exposição e análise de como é apresentada e veiculada a sustentabilidade em cada relatório de sustentabilidade da Embraer.

5.2.1 Relatório Embraer 2000, 2002 e 2004.

Estes relatórios foram produzidos respectivamente nos anos de 2000, 2002 e 2004, mas não trazem nada relacionado a sustentabilidade. Não abordam sobre sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, programas sociais e ambientais. Tratam apenas dos indicadores financeiros e econômicos da empresa, e ainda, das entregas de produtos e serviços realizadas ao longo dos respectivos anos.

Portanto, não apresentam contribuições sobre sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, seja para o debate teórico ou para as práticas e políticas empreendidas e voltadas para a sustentabilidade social e ambiental.

No âmbito financeiro e econômico, não mencionam sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, apenas expõe os resultados obtidos ao longo do ano.

5.2.2 Relatório Embraer 2001

Este é o primeiro relatório no qual há alguma menção à sustentabilidade. Apresenta a entrada da Embraer no Dow Jones Sustainability Index em 19 de setembro de 2001.

Porém, além desta citação, não há quaisquer outras menções à sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável. Não há quaisquer descrições sobre programas sociais, ambientais e econômicos voltados para a comunidade ou realizados em prol da sustentabilidade.

É apenas uma demonstração de resultados econômicos e financeiros voltados ao público interno e acionistas.

5.2.3 Relatório Embraer 2003

Apresentado em 2004, este relatório é o quarto produzido pela Embraer e disponibilizado em seu site.

Há um capítulo, um dos maiores do relatório, dedicado a responsabilidade social e ação promovidas pela Embraer em prol do desenvolvimento pessoal e profissional da comunidade, por meio de investimentos e por meio do Instituto Embraer. Falam sobre sustentabilidade das páginas 74 até 92, totalizando 18 páginas de 120, em um capítulo dedicado chamado "Responsabilidade social".

Não abordam sobre a dimensão ambiental da sustentabilidade.

Na parte econômica, não tratam de sustentabilidade.

5.2.4 Relatório Embraer 2005

O sexto relatório produzido e divulgado pela Embraer. Foi apresentado em 2006.

Nele é apresentado as certificações " OHSAS 18001, referente à Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional, a ISO 14001, referente à Gestão Ambiental; e a ISO 9001 e SAE AS 9100, ambas referentes à Gestão da Qualidade." Em dezembro deste ano, as ações da Embraer são incluídas no ISE.

Em subtópicos denominados Responsabilidade Social, expõe pouco sobre sustentabilidade. Abordam sobre a temática em dois tópicos em capítulos

distintos, no qual o primeiro tópico possui 1 parágrafo enquanto o segundo possui 3 parágrafos. Totalizando 4 parágrafos em 86 páginas de relatório.

Porém, em nenhum abordam ou definem o que entendem por sustentabilidade.

5.2.5 Relatório Embraer 2006

Neste sétimo relatório da Embraer divulgado em 2007, observa-se que o conteúdo deste relatório é semelhante ao de 2005, no que tange ao que abordam sobre sustentabilidade. Inicia o ano como uma das empresas listas no ISE. Aborda sobre responsabilidade social e certificações, cujos conteúdos são semelhantes aos apresentados no relatório de 2005.

Dois tópicos em capítulos distintos, no qual o primeiro tópico possui 1 parágrafo enquanto o segundo possui 3 parágrafos. Totalizando 4 parágrafos em 98 páginas de relatório. Abordam, assim como em 2005, sobre as certificações. Isso é feito ao longo do relatório, em subtópicos denominados responsabilidade social.

Observa-se que, quando aborda sobre sustentabilidade, os relatórios de 2005 e 2006 são idênticos. As imagens abaixo ilustram esse achado:

Imagem 2. Relatório de 2005

VALORES E ATITUDES

Ética e Respeito à Lei

A Companhia tem por compromisso o comportamento ético e de pleno atendimento às disposições legais dos países onde atua, nas suas relações com clientes, acionistas, fornecedores e prestadores de serviços, concorrentes e empregados.

Satisfação dos Clientes

A Embraer tem na busca da satisfação de seus clientes a mola mestra que impulsiona o desenvolvimento, a fabricação e o suporte aos produtos com qualidade, desempenho e custos por eles requeridos.

Este continuará sendo o foco comum para onde convergem os esforços das organizações e equipes que integram a Embraer, com a plena consciência de que na satisfação de seus clientes está a fonte de resultados e retorno de seus investidores, e a base do crescimento futuro da Empresa.

Transparência na Relação com Acionistas

Cliente das responsabilidades para com aqueles que acreditaram na Empresa, apoiaram suas visões de negócio e nela investiram seus recursos, a Embraer mantém com seus acionistas uma relação baseada na comunicação verdadeira e transparente e no exercício das melhores práticas de governança corporativa.

Valorização dos Colaboradores

A Embraer tem consciência de que reside em sua equipe de colaboradores – pessoas preparadas, integradas, motivadas e unidas em torno dos objetivos empresariais definidos pela Companhia – o seu mais importante patrimônio e um dos diferenciais competitivos que deram origem aos expressivos resultados registrados pela Companhia nos últimos dez anos.

A Embraer, que nos últimos cinco anos investiu cerca de US\$ 100 milhões em programas de Treinamento e Qualificação, continuará tendo no aprimoramento de seus quadros uma de suas principais prioridades e fazendo da comunicação verdadeira e transparente a principal ferramenta para agregação e união das pessoas.

Pactuação e Compartilhamento de Resultados

A Política de Remuneração Variável da Embraer constitui verdadeiro sistema de parceria entre acionistas, administração e empregados, contribuindo para aumento da produtividade e assegurando alinhamento dos objetivos estratégicos da Empresa e dos empregados.

Por meio dessa política, os resultados auferidos pela Empresa são compartilhados por todos os seus integrantes segundo regra clara e conhecida e que considera, dentre outros fatores, o grau de realização de metas pactuadas entre líderes e seus liderados, ao início de cada exercício.

Responsabilidade Social

Comprometida com o crescimento **sustentado**, a Embraer implementou e continuará implementando ações relevantes voltadas para a preservação do ambiente, da saúde e da qualidade de vida dos empregados e suas famílias, e o desenvolvimento das comunidades em que se encontra inserida.

Fonte: relatório corporativo da Embraer (2005).

Imagem 3. Relatório de 2006

VALORES E ATITUDES

Ética e Respeito à Lei

A Companhia tem por compromisso o comportamento ético e de pleno atendimento às disposições legais dos países onde atua, nas suas relações com clientes, acionistas, fornecedores e prestadores de serviços, concorrentes e empregados.

Satisfação dos Clientes

A Embraer tem na busca da satisfação de seus clientes a mola mestra que impulsiona o desenvolvimento, a fabricação e o suporte aos produtos com a qualidade, o desempenho e os custos por eles requeridos.

Esse continuará sendo o foco comum para onde convergem os esforços das organizações e equipes que integram a Embraer, com a plena consciência de que na satisfação de seus clientes está a fonte de resultados e o retorno de seus investidores, e a base do crescimento futuro da Empresa.

Transparência na Relação com Acionistas

Ciente das responsabilidades para com aqueles que acreditaram na Empresa, apolaram suas visões de negócio e nela investiram seus recursos, a Embraer mantém com seus acionistas uma relação baseada na comunicação verdadeira e transparente e no exercício das melhores práticas de Governança Corporativa.

Valorização dos Colaboradores

A Embraer tem consciência de que reside em sua equipe de colaboradores – pessoas preparadas, integradas, motivadas e unidas em torno dos objetivos empresariais definidos pela Companhia – o seu mais importante patrimônio e um dos diferenciais competitivos que deram origem aos expressivos resultados registrados pela Companhia nos últimos 11 anos.

A Embraer, que nos últimos cinco anos investiu cerca de US\$ 107 milhões em programas de Treinamento

e Qualificação, continuará tendo no aprimoramento de seus quadros uma de suas principais prioridades, fazendo da comunicação verdadeira e transparente a principal ferramenta para agregação e união das pessoas.

Pactuação e Compartilhamento de Resultados

A Política de Remuneração Variável da Embraer constitui um verdadeiro sistema de parceria entre acionistas, administração e empregados, contribuindo para o aumento da produtividade e assegurando o alinhamento dos objetivos estratégicos da Empresa e dos empregados.

Por meio dessa política, os resultados auferidos pela Empresa são compartilhados por todos os seus integrantes, segundo regra clara e conhecida e que considera, dentre outros fatores, o grau de realização de metas pactuadas entre líderes e seus liderados, no início de cada exercício.

Responsabilidade Social

Comprometida com o crescimento sustentado, a Embraer implementou e continuará implementando ações relevantes voltadas para a preservação do ambiente, da saúde e da qualidade de vida dos empregados e suas famílias e para o desenvolvimento das comunidades em que se encontra inserida.

Fonte: relatório corporativo da Embraer (2006).

Ambas as páginas são idênticas, mas pertencem a relatórios diferentes. A parte denominada de Responsabilidade Social é a parte dedicada do relatório

a falar sobre sustentabilidade, mas pouco apresenta ou debate. E quando o faz em 2006, replica uma narrativa curta já contada em 2005.

5.2.6 Relatório Embraer 2007

Divulgado em 2008, este é o primeiro relatório que apresenta uma iniciativa social da Embraer relacionada com a sustentabilidade.

A iniciativa está em um tópico nomeado Responsabilidade Social Corporativa. Aborda sobre o IEEP (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa) e sua iniciativa PPS (Programa Parceria Social) apoiado no entendimento: ONGs, empregados voluntários e IEEP.

Apresentam uma página voltada para Responsabilidade Social Corporativa, na qual apresentam de forma pormenorizada o que e como é a atuação do IEEP. Resgata sobre as certificações que possui: OHSAS 18001, referente à Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional, a ISO 14001, referente à Gestão Ambiental; e a ISO 9001 e a SAE AS 9100 que ambas tratam sobre gestão da qualidade.

Reitera ainda a participação da empresa no ISE-B3.

Porém, apenas cita tais iniciativas e certificações, não abordam sobre sustentabilidade, seu conceito, ou como tais ações se relacionam com a responsabilidade social ou a sustentabilidade.

Os tópicos que tratam sobre sustentabilidade ou algum de seus aspectos são: **Responsabilidade Social** = pg. 13 (2 parágrafos) e **Responsabilidade Social Corporativa** = pg 64. **Totalizando** 1 página + 2 parágrafos de 72 páginas de relatório.

5.2.7 Relatório Embraer 2008

Neste relatório divulgado em 2009, há mudanças significativas na apresentação de informações referentes a sustentabilidade.

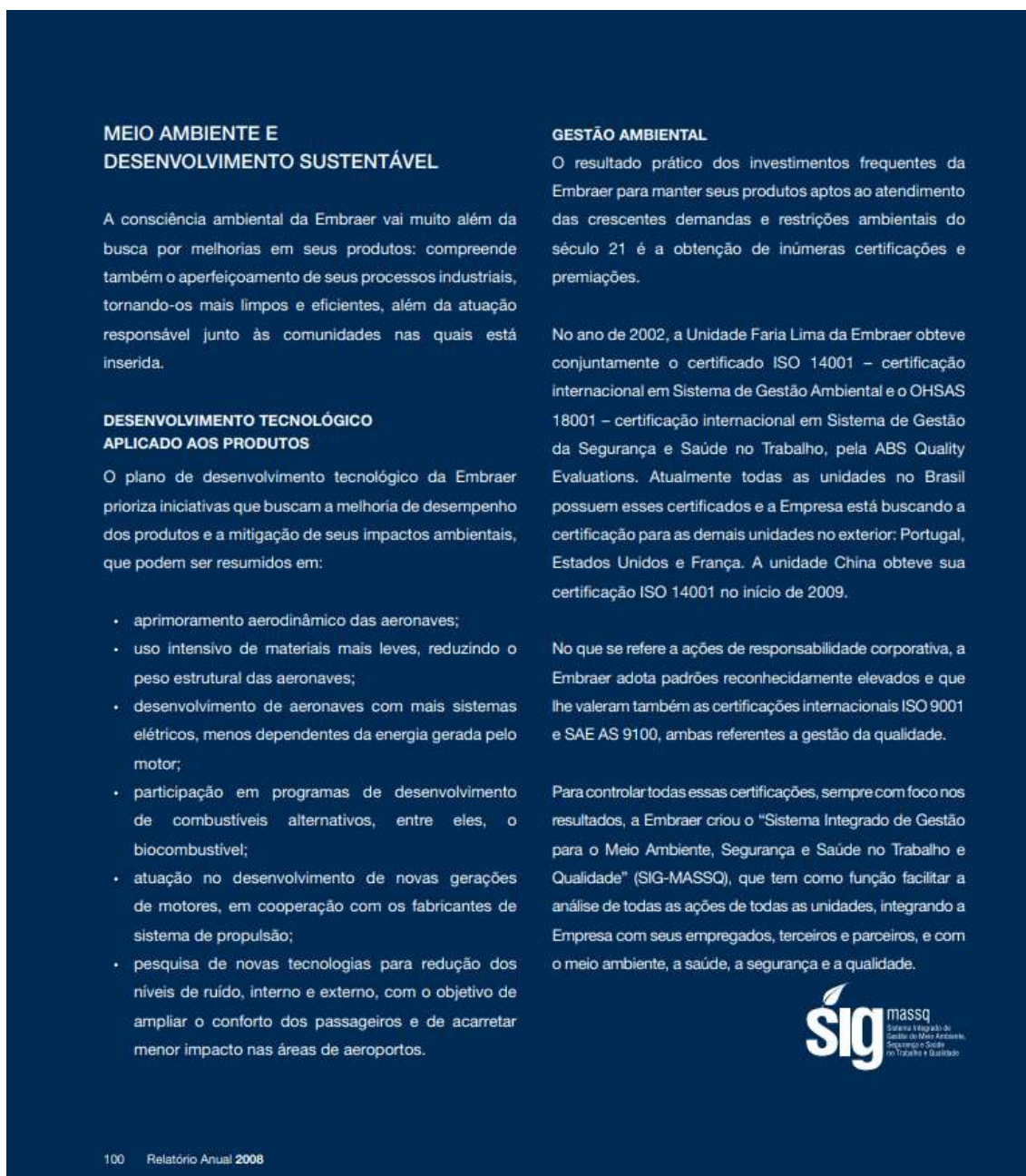
Pela primeira vez, há um capítulo que aborde a dimensão ambiental da sustentabilidade: capítulo "Responsabilidade Social e Ambiental". Destaca que em 2008 a Embraer tornou-se signatária do Pacto Global das Nações Unidas (relacionado ao respeito aos dez princípios relativos a direitos humanos, direitos do trabalho, proteção ambiental e contra a corrupção). Também pela primeira

vez, adota a metodologia GRI para elaboração de seus relatórios a serem entregues para a ONU. Neste relatório, apresenta uma estrutura inédita para abordar sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, no qual apresenta ações praticadas para a redução de emissão de poluentes, uso eficientes de recursos energéticos e hídricos, tratamento, reciclagem e reutilização de resíduos.

Resgata ainda a atuação do IEEP e suas iniciativas de capacitação de jovens do Colégio Engenheiro Juarez Wanderley, uma instituição de ensino mantida pela Embraer. Aborda ainda sobre a importância dos Direitos Humanos e seu posicionamento contra temas como racismo, discriminação, desigualdade, ameaça ou coação entre colegas de trabalho.

Há então um subtópico denominado “Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável”. Porém, é um capítulo tecnocêntrico e quantitativo, no qual é apresentado que a sustentabilidade é importante para a Embraer uma vez que ela orienta o processo de desenvolvimento e produção de novas tecnologias.

Imagem 4. Tópico sobre sustentabilidade no relatório de 2008.



Fonte: relatório corporativo da Embraer (2008).

Observa-se que a sustentabilidade está sempre relacionada com novas tecnologias mais eficientes e “amigas do meio ambiente”. O mesmo ocorre com a gestão ambiental, sempre relacionada com as certificações e programas como o SIG-MASSQ (Sistema Integrado de Gestão para o Meio Ambiente, Segurança e Saúde no Trabalho e Qualidade).

Quando apresentam sobre uso de recursos e emissão de gases, o fazem em termos puramente quantitativos, mostrado a regressão do uso de recursos e

emissão de poluentes ao longo dos anos, graças às novas tecnologias. O fazem por meio da exposição de números em gráficos comparativos dos anos de 2006-2007-2008.

Mais à frente, apresenta seu programa de revitalização de nascentes, iniciado em 2006, mas apresentado pela primeira vez no relatório de 2008. Mas não divulga detalhes do programa. São 17 páginas que abordam sobre programas, tecnologias e iniciativas voltadas para sustentabilidade páginas de 118 de relatório.

5.2.8 Relatório Embraer 2009

É o décimo relatório apresentado pela Embraer desde 2000, divulgado em 2010.

Neste ano os temas relacionados a sustentabilidade são desmembrados em 3 capítulos: "Governança e Fundamentos da Sustentabilidade"; "Desempenho e Responsabilidade Ambiental, Segurança e Saúde no Trabalho"; e "Gestão de pessoas e Responsabilidade social".

Neste primeiro capítulo, apesar do título, não se aborda nada sobre sustentabilidade. Apenas é realizado uma explicação de como está ocorrendo a transição no modelo de gestão da organização e da formação do novo comitê executivo.

No segundo capítulo, definem que:

Para a indústria aeronáutica, as questões ambientais estão diretamente ligadas ao desempenho do produto. Devido às particularidades do transporte aéreo, os aviões consomem considerável quantidade de combustível, razão pela qual a eficiência na operação é fundamental para reduzir os impactos ao meio ambiente, especialmente na contribuição para a emissão de gases do efeito estufa. A busca por melhor desempenho está ligada aos nossos esforços para alcançar contribuições mais amplas ao meio ambiente, procurando tornar todo o conjunto da atividade aeronáutica mais sustentável (RELATÓRIO EMBRAER, 2009, pg. 65).

Relaciona-se diretamente as questões ambientais com a eficiência dos produtos aeronáuticos para redução na emissão de poluentes. Posicionam a tecnologia como fator central para a busca da Embraer pela promoção da sustentabilidade.

Reforçam a presença de selos e certificações da empresa já apresentadas em relatórios anteriores, e abordam algumas iniciativas tomadas

pela empresa para a promoção da sustentabilidade ambiental de seus processos, produtos e serviços. Porém, não dão detalhes de tais programas e de como eles promovem a sustentabilidade. Dentre esses programas está uma iniciativa de recuperação ambiental que promoveu o reflorestamento de 26 hectares na unidade Gavião Peixoto. Houve ainda a criação de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) pela Embraer na cidade de Botucatu, a fim de criar uma área de preservação ambiental privada.

A partir de gráficos comparativos dos últimos 3 anos, apresentam como evoluíram na eficiência do uso de recursos como metais, água e energia elétrica, e também como diminuíram o descarte e emissão de poluentes.

Trazem também os benefícios distribuídos aos funcionários, como seguro-saúde, participação nos lucros, programas voltados ao bem-estar no trabalho. Reiteram as atividades do IEEP na contribuição da Embraer para a comunidade.

Pode-se dizer que pela primeira vez a Embraer relaciona sustentabilidade com dimensões econômicas, sociais e ambientais. Abordam que há outras duas dimensões a complementam: a governança corporativa e a atuação política positiva. Porém, nada de profundidade ou argumentação de como essas novas dimensões promovem a sustentabilidade.

Há agora um código de ética e conduta na empresa. Criou-se um comitê de Ética e de Auditoria, além de um canal de denúncias geridos por uma empresa independente. Apresenta novas iniciativas relativas à segurança no trabalho, prevenção de riscos e saúde no trabalho.

Os tópicos que abordam sobre sustentabilidade são:

- Governança e Fundamentos da Sustentabilidade => pgs. 35 até 41.
- Desempenho e Responsabilidade Ambiental, Segurança e Saúde no Trabalho => pgs. 59 até 67.
- Gestão de Pessoas e Responsabilidade Social => pgs. 67 até 79.

Totalizando 25 páginas de 89 do relatório. Apesar do elevado número de páginas, há muitas imagens e gráficos ao longo dos tópicos. Não há a promoção de nenhum debate ou apresentação de um conceito de sustentabilidade que seja

defendido pela empresa. O que a Embraer entende por sustentabilidade fica implícito, igual aos relatórios anteriores.

5.2.9 Relatório Embraer 2010

O décimo primeiro relatório corporativo da Embraer é apresentado em 2011 com algumas alterações em relação aos anos anteriores.

Há uma condensação de vários temas relacionados as dimensões de sustentabilidade em um único capítulo chamado "Desempenho Socioambiental". Aqui cita o conceito de ecoeficiência como uma filosofia norteadora de suas políticas e iniciativas, bem como de desenvolvimento de produtos tecnológicos e aeronaves. Apresentam a distribuição de benefícios concedidos aos funcionários. Elaboraram um quadro comparativo de admissões e demissões entre os anos 2008-2009-2010. Apontam ainda que há uma baixa rotatividade entre seus funcionários, menor que 6%.

Igualmente aos anos anteriores, apresentam gráficos com o uso de recursos, eficiência produtiva, diminuição no descarte e emissão de poluentes.

Apresenta diversos programas implementados voltados principalmente a: promoção dos direitos humanos, iniciativas educacionais voltadas para a comunidade, selos e certificações, relação com funcionários e *stakeholders*, capacitação e remuneração do público interno, preservação e recuperação ambiental promovida pela empresa, projetos sociais, entre outros. Novamente, são citações breves sem muitos detalhes.

Há um novo projeto voltado para o desenvolvimento de biocombustíveis, como a bioquerosene, liderado pelo Embraer.

Neste relatório, reiteram a participação da Embraer no ISE-B3 e na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE). Em 2010, passaram a integrar o DJSI (Dow Jones Sustainability Index).

Tais dados foram apresentados no capítulo "Desempenho Socioambiental", cuja tamanho é de 32 páginas de 92 do relatório, iniciando na página 56 e finalizando na página 88 (a partir da página 80 apresenta demonstrações de resultado do balanço social Ibase).

Apesar do crescente número de páginas dedicadas a temas relacionados à sustentabilidade, não um aumento no número de contribuições inéditas ou na promoção de um entendimento do que é sustentabilidade para a

Embraer. Há apenas um aumento na apresentação de números dos programas que financiam ou realizam, sem aprofundar-se no conceito de sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável.

5.2.10 Relatório Embraer 2011

O décimo segundo relatório corporativo da Embraer segue o mesmo padrão do ano anterior para a apresentação de temas relacionadas a sustentabilidade como o uso de gráficos comparativos entre os anos anteriores, apresentação do uso de recursos, emissão e descarte de poluentes, iniciativas educacionais e culturais voltadas para a comunidade, apresentação de seus selos e certificações, o desenvolvimento de novas tecnologias para a promoção da sustentabilidade, participação no ISE-B3, no *Dow Jones Sustainability Index (DJSI)* e sua adesão às diretrizes do GRI pelo quarta ano consecutivo.

Aborda-se que a empresa está entre as 150 melhores empresas das revistas *Você S.A.* e *Exame*, e ainda, está entre as melhores empresas do *Great Place To Work* da Revista *Época*.

Trazem em "Desempenho social" pela primeira vez a gestão do clima organizacional. Traz ainda um gráfico de distribuição do investimento em benefícios no ano de 2011, bem como uma descrição de várias ações tomadas em suas campanhas para promoção da Saúde, Segurança e Qualidade de vida, realizadas por meio da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA).

Neste capítulo, consta ainda ações de qualificação, treinamento, gestão de carreira, respeito às leis trabalhistas e compromisso com a sociedade. "Desempenho Ambiental" contém programas de desenvolvimento de novas tecnologias para promover o melhor uso de recursos, a diminuição de emissão de poluentes e de produção de rejeitos, promoção e proteção à biodiversidade.

Os tópicos que abordam sobre sustentabilidade são:

- Desempenho social => pgs. 48 até 58 = 10 páginas de 76
- Desempenho ambiental => pgs. 58 até 68 = 10 páginas de 76

Totalizando 20 páginas de 76 do relatório.

5.2.11 Relatório Embraer 2012

O décimo terceiro relatório traz uma significativa mudança na nomenclatura dos capítulos. Agora, são menos diretos e mais subjetivos.

Capítulos anteriormente nomeados diretamente pelo tema que tratavam (Como "Desempenho (2010)" ou "Desempenho Econômico-Financeiro" (2009)" ou "Desempenho e Financeiro (2011)" agora é "Principais Números da Embraer (2012)". Outros como "Segmentos de Negócio e Desempenho Operacional (2009)" ou "Cenário e Estratégia (2010)" ou "Desempenho Operacional (2011)" tornaram-se "Buscamos a Excelência Empresarial (2012)".

Os tópicos sobre sustentabilidade como "Responsabilidade Social e Ambiental (2008)", "Governança e Fundamentos da Sustentabilidade; Desempenho e Responsabilidade Ambiental, Segurança e Saúde no Trabalho; Gestão de Pessoas e Responsabilidade Social (2009)", "Desempenho Socioambiental (2010)", "Desempenho Social; Desempenho Ambiental (2011)", agora estão em "Construímos um futuro sustentável (2012)".

Pela primeira vez há menções e subtópicos dedicados à temas relacionados com sustentabilidade no capítulo "Apresentação" e no capítulo "Mensagem do Diretor-Presidente".

Em dezembro de 2012 é aprovada a reformulação do Comitê de Sustentabilidade, na qual: "Foi revisada a composição do órgão e foram reestruturados seus objetivos para que, cada vez mais, os aspectos socioambientais e de governança e transparência sejam incorporados às decisões estratégicas da Embraer, nos mais altos níveis de tomada de decisão." (RELATÓRIO EMBRAER, 2012, pg. 6).

Há 26 menções à palavra "sustentabilidade" no relatório todo, e no capítulo dedicada a sustentabilidade há apenas três. A primeira refere-se a assinatura de um pacto de sustentabilidade da indústria aeronáutica. As duas restantes referem-se a participação no ISE-B3 e no *Dow Jones Sustainability Index (DJSI)*.

Neste tópico denominado "Construímos um futuro sustentável", mantêm-se o padrão. Na apresentação de programas educacionais e culturais, resgatam o que já fora apresentado em anos anteriores em questão da atuação do IEEP e PPS. Em questões ambientais, abordam sobre o uso de recursos hídricos,

energia elétrica, emissão de poluentes, uso e descarte de metais e tintas continuam sendo expostas, mas por vias puramente quantitativas.

Aborda novamente sobre Responsabilidade Social e as ações do IEEP (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa) e do PPS (Programa de Parceria Social). Cita pela primeira vez uma iniciativa sustentável ecológica, com a capacitação de profissionais em tecnologias sustentáveis e de plantio e preservação da flora com a construção do Museu da Flora Nativa, e em um espaço de 250 mil m² será dedicado à construção do Centro de Educação Ambiental.

Há ainda uma nova iniciativa, um programa de educação ambiental em estruturação que visa promover atividades como:

- Visitas e trilhas monitoradas;
- Resgate e valorização histórica, econômica, cultural e ambiental da região;
- Implantação do Museu da Flora Nativa, com o plantio de espécies nativas, viveiro de mudas e hortas;
- Oficinas de capacitação para professores da rede pública de ensino;
- Oficinas de qualificação profissional para a comunidade.

Trazem a ecoeficiência como princípio a ser empregado na produção de aeronaves e tecnologias.

O capítulo que trata de sustentabilidade é chamado de “Construímos um futuro sustentável”, iniciado na página 110 e finalizado na página 130, totalizando 20 páginas de 140 do relatório.

5.2.12 Relatório Embraer 2013

Neste décimo quarto relatório produzido pela Embraer, repete-se o nome do capítulo dado em 2012 destinado à sustentabilidade: “Construímos um futuro sustentável”. Porém, neste relatório a dimensão social da sustentabilidade é tratada no tópico “Nossa gente é o que nos faz voar”.

Em “Nossa gente é o que nos faz voar” apresenta-se majoritariamente indicadores quantitativos de como está a satisfação dos funcionários, sua

formação e capacitação, número de acidentes no ambiente de trabalho, quantidade de horas ofertadas pela Embraer em treinamentos e capacitações.

No capítulo “Construímos um futuro sustentável” é apresentado pela primeira vez um entendimento explícito do que é sustentabilidade para a Embraer em dois momentos conforme apresenta o Relatório Embraer (2013, pg. 54):

A gestão sustentável é parte essencial da estratégia da Embraer, que acredita que o bom desempenho de seus negócios está intrinsecamente vinculado aos cuidados com o meio ambiente e a sociedade.

A Embraer busca conduzir seus negócios alinhando os objetivos econômicos aos aspectos socioambientais, sempre visando satisfazer clientes e gerar valor para acionistas e empregados.

Considera aspectos econômicos, ambientais e sociais como parte da gestão sustentável. Porém, posiciona os aspectos socioeconômicos como prioridades em relação ao ambiental ao dizer que atua visando a satisfação de clientes, ao mesmo tempo em que busca gerar valor aos acionistas e empregados.

Ao abordar sobre Responsabilidade Ambiental, a única novidade foi discorrer sobre a projeção de novos jatos (E-Jets E2) que produzem menos poluentes e são construídos com materiais diferenciados. Houve uma mudança significativa neste relatório em relação aos anos anteriores: o uso de recursos e o descarte e emissão de poluentes não são apresentados de forma extensa e quantitativa conforme anos anteriores, apenas de forma breve (em poucas linhas).

Ainda sobre Responsabilidade Ambiental, explica que é realizada por meio da política MASS (Meio Ambiente, Saúde e Segurança no Trabalho), guiando a gestão por meio da ecoeficiência. Tratam do Programa de Desenvolvimento Integrado do Produto Ambientalmente Sustentável (DIPAS), lançado em 2001 busca cumprir metas ambientais no desenvolvimento de novas aeronaves, serviços e tecnologias.

O mesmo acontece com Responsabilidade Social, que pouco aparece, sem apresentar nenhuma novidade. Resgata-se a atuação do Instituto Embraer de Educação e Pesquisa (IEEP) e do Programa de Parceria Social (PPS).

Sendo este o 6º relatório consecutivo produzido pela Embraer sob as diretrizes da GRI, reforça que: "A Embraer busca conduzir seus negócios

alinhando os objetivos econômicos aos aspectos socioambientais, sempre visando satisfazer clientes e gerar valor para acionistas e empregados" (RELATÓRIO EMBRAER, 2013, pg. 54).

Trata-se de sustentabilidade no capítulo "Construímos um futuro sustentável" páginas 70 até 82, 12 páginas de 89. No documento verifica-se que há um erro no índice. O capítulo "Construímos um futuro sustentável" inicia-se na página 70 e encerra-se na página 76. Totalizando 6 páginas de 89.

5.2.13 Relatório Embraer 2014

Para o décimo quinto relatório corporativo da Embraer uma novidade é observada na apresentação de "Metas do Plano Diretor de Sustentabilidade", nunca demonstrado em relatórios até então. Divide-se por "temas materiais", para cada tema material há um "indicador" responsável por monitorar seu andamento e há uma "meta" que apresenta o resultado esperado.

No capítulo "Pessoas", abordam sobre a configuração de seu corpo de funcionários (sexo, formação, números de contratados e desligados, tipos de empregos e de contratos), desenvolvimento, relações sindicais e diversidade.

No capítulo "Parceiros" esclarecem que seus fornecedores e outros parceiros são escolhidos a partir de aspectos como "[...] competitividade de custos, qualidade, confiabilidade, capacidade técnica e produtiva, responsabilidade socioambiental, saúde financeira, logística, riscos, certificações e experiência" (RELATÓRIO EMBRAER, 2014, pg. 66).

Em "Pessoas", o relatório apresenta o número de colaboradores contratados, capacitados e recrutados internamente para cargos superiores. Apresenta ainda a representatividade de homens e mulheres em diversos tipos de cargos dentro da Embraer. Pela primeira vez, trazem a proporção entre os salários mais altos e os mais baixos da Embraer por país em 2013 e em 2014.

"Parceiros" traz o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF), criado em 2011. Nele a Embraer instaurou um conjunto de diretrizes exigidas de seus fornecedores como: "liderança empresarial, planejamento estratégico, gestão financeira, gestão de projetos, gestão de estoque e gestão de pessoas, além da realização de semanas kaizens" (RELATÓRIO EMBRAER, 2014, p. 67).

Quando tratam de "Sociedade e meio ambiente" o fazem por meio do conceito de ecoeficiência. Sempre relacionando sustentabilidade com eficiência no uso de recursos em seus processos produtivos e com a diminuição na emissão de poluentes e descarte de resíduos. Apresenta programas já abordados em 2011, 2012 e 2013. Nenhum novo programa é apresentado. Volta a apresentar a emissão de poluentes, o uso de energia e recursos hídricos a partir de gráficos comparativos dos últimos três anos (em relação a data do relatório).

Ao discorrerem sobre meio ambiente, resgatam seus programas de reflorestamento e preservação ambiental, já citado em 2012.

Aborda sobre sustentabilidade nos seguintes capítulos:

- Pessoas = pgs. 48 até 64 (16 páginas).
- Parceiros = pgs. 64 até 68 (4 páginas).
- Sociedade e meio ambiente = pgs. 68 até 80 (12 páginas).

Totalizando 32 páginas de 88 do relatório.

5.2.14 Relatório Embraer 2015

O décimo sexto relatório corporativo da Embraer apresenta suas contribuições sobre sustentabilidade nos capítulos denominados "Crescimento sustentado", "Gestão de Talentos" e "Responsabilidade socioambiental".

Em "Crescimento sustentado", trata-se de responsabilidade econômica do crescimento da Embraer e de suas parceiras. Há ainda dados sobre compliance, gestão de riscos e desenvolvimento sustentável (mas não se aprofunda neste último, apenas o cita). Ou seja, é apenas uma demonstração de resultados do exercício financeiro da Embraer com algumas demandas já apresentadas como as diretrizes para gestão de fornecedores.

"Gestão de Talentos" resgata seu compromisso com os funcionários em criar um bom clima organizacional e desenvolvimento contínuo dos empregados, com programas de treinamentos e incentivos, visando a qualidade de vida de seus funcionários, prezando pela saúde e segurança.

"Responsabilidade socioambiental" é o capítulo no qual novamente é exposto as ações do Instituto Embraer e de seus programas de parcerias para promoção de ações voltadas à responsabilidade social da empresa para com a

comunidade e a sociedade. Nenhum novo programa ou iniciativa é apresentado. Novamente, gestão dos recursos do processo produtivo, gestão hídrica e gestão energética são apresentadas com quadros comparativos de 2013-2014-2015.

E novamente, traz a ecoeficiência como princípio norteador do desenvolvimento de tecnologia e de produtos, para apresentar seu compromisso com o meio ambiente.

Os tópicos que abordam sobre sustentabilidade (ou temas relacionados) são:

- Crescimento sustentado => pgs. 26 até 36 (10 páginas)
- Gestão de Talentos => pgs. 46 até 54 (8 páginas)
- Responsabilidade socioambiental => pgs. 54 até 64 (10 páginas)

Totalizando 28 páginas de 89 do relatório.

5.2.15 Relatório Embraer 2016

Em seu décimo sétimo relatório corporativo, a Embraer traz contribuições sobre sustentabilidade nos capítulos chamados “Pessoas”, “Parceiros” e “Sociedade e meio ambiente”.

Diferentemente do que apresentado nos capítulos "Pessoas (2014)" e "Gestão de Talentos (2015)", o capítulo "Pessoas (2016)" é curto e objetivo, buscando pontuar as ações tomadas referentes a valorização dos profissionais, gestão do clima organizacional e do desenvolvimento de pessoas, bem como preocupação com saúde e segurança dos funcionários.

O capítulo "Parceiros (2016)" apresenta apenas um resumo de resultados positivos obtidos pelos parceiros na cadeia de suprimentos, sem menção a sustentabilidade ou ecoeficiência.

"Sociedade e meio ambiente (2016)" apresenta pela primeira vez nos relatórios anuais da Embraer sobre os ODS da ONU que a empresa segue: 4 (Educação de Qualidade); 5 (Igualdade de Gênero); 9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura); 10 (Redução das Desigualdades).

Os capítulos que abordam sobre sustentabilidade e seus respectivos tamanhos são:

- Pessoas => pgs. 34 até 38 (4 páginas).
- Parceiros => pgs. 38 até 40 (2 páginas).

- Sociedade e meio ambiente => pgs. 40 até 44 (4 páginas).

Totalizando 10 páginas de 76 de relatório.

Uma das causas para o pequeno número de págs. em todos os capítulos é o deslocamento de todas as tabelas numéricas com demonstrações de resultados para o capítulo "Anexo" que se inicia na página 44. É o único relatório desde 2008 que não possui um capítulo específico para exposição das tabelas numéricas referentes ao GRI. O GRI e suas tabelas são apresentadas junto com demais tabelas no capítulo "Anexo".

É um relatório mais objetivo e sucinto, sem exposições prolongadas e sem novidade alguma sobre sustentabilidade e suas iniciativas relacionadas.

5.2.16 Relatório Embraer 2017

Há algumas grandes novidades apresentadas no décimo oitavo relatório corporativo da Embraer. Os capítulos que tratam sobre sustentabilidade são: "Gestão da sustentabilidade", "Desempenho social", "Desempenho Ambiental" e parte do "Anexo GRI".

Pela segunda vez desde 2000, a Embraer traz uma contribuição teórica explícita sobre o que entende por sustentabilidade. Dessa vez o faz por meio de um conceito denominado materialidade.

Em "Gestão da sustentabilidade", apresentam um gráfico para explicar o conceito de materialidade da empresa sobre sustentabilidade. A materialidade é a capacidade da empresa de manter e evoluir ano após ano em 8 dimensões. Segundo o Relatório Embraer (2017) as 8 dimensões são:

1. Saúde, segurança e bem-estar;
2. Recursos naturais e resíduos;
3. Ética, transparência e compliance;
4. Sustentabilidade econômica e financeira;
5. Segurança do produto;
6. Desenvolvimento de pessoas;
7. Pesquisa, desenvolvimento e inovação;
8. Emissões atmosféricas.

A partir de um gráfico abordam sobre o Plano de sustentabilidade para até 2020, com metas a serem alcançadas em cada uma das 8 dimensões.

No capítulo "Desempenho social" trazem ações referentes a Gestão de pessoas (atração; desenvolvimento; saúde e segurança), sobre monitoramento e Gestão de Parceiros com o auxílio da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) por meio do Programa de Desenvolvimento da Cadeia Aeronáutica (PDCA, já citada em relatórios anteriores).

Há ainda a exposição dos investimentos sociais realizados pela Embraer, e números sobre alunos formados nos IEEP e número de discentes contemplados com bolsas ofertadas pela Embraer; bem como a quantia investida em iniciativas sociais, organizações e programas de voluntariados pelo mundo.

"Desempenho ambiental" traz novamente a ecoeficiência da Embraer no uso de recursos, na produção de rejeitos e emissão de gases, bem como o ciclo de vida de seus produtos.

No capítulo "Anexo GRI", apresentam um quadro do Plano Diretor de Sustentabilidade, no qual 15 aspectos da sustentabilidade são apresentados com seus respectivos indicadores e metas a serem acompanhadas e cumpridas.

Estes aspectos da sustentabilidade segundo o Relatório Embraer (2017) são:

1. Ética;
2. Atração, desenvolvimento e retenção de recursos humanos;
3. Segurança do produto;
4. Gestão de substâncias químicas;
5. Gestão da cadeia de suprimentos;
6. Controle de exportações;
7. Novos negócios, produtos e serviços sustentáveis;
8. Gestão de recursos naturais e resíduos;
9. Emissões atmosféricas;
10. Direitos humanos e trabalhistas;
11. Saúde e segurança do trabalhador;
12. Transparência e comunicação;
13. Gestão do ciclo de vida ambiental do produto;
14. Desenvolvimento socioeconômico local;

15. Pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Os capítulos e seus respectivos tamanhos são:

- Gestão da sustentabilidade = pgs. 20 até 23 (3 páginas)
- Desempenho social = pgs. 26 até 29 (3 páginas)
- Desempenho ambiental = pgs. 29 até 31 (2 páginas)
- Anexo GRI = pgs. 35 até 38 (3 páginas)

Totalizando 11 páginas de 70 de relatório.

Seguindo o formato do ano anterior, há uma diminuição no tamanho de todos os capítulos do relatório, uma vez que os gráficos comparativos foram deslocados para os capítulos “Anexo GRI” e “Sumário de conteúdo da GRI”.

5.2.17 Relatório Embraer 2018

Os formatos mais objetivos e enxutos dos anos de 2016 e 2017 são mantidos no décimo nono relatório corporativo da Embraer. Temas relacionados com sustentabilidade podem ser encontrados nos seguintes capítulos: Subtópicos denominados: “Sustentabilidade”, “Para as pessoas”, “Para o meio ambiente” e “Para parceiros e comunidades”.

O relatório de 2018 apresenta uma diferente formatação: a nomenclatura dos capítulos é genérica e dividida em subtópicos. A sustentabilidade e seus temas relacionados estão espalhados pelo relatório. Não há numeração de páginas no sumário.

Em “Sustentabilidade” retoma o conceito e seu gráfico sobre materialidade, e suas metas. A apresentação numérica ou descritiva dos resultados obtidos no ano em cada uma de suas 8 dimensões é feita novamente, mas em uma tabela que relaciona cada dimensão a um ODS da ONU.

O Relatório Embraer (2019) citou o compromisso da Embraer com 3 ODS: 4; 5 e 9. No relatório de 2018, os ODS mencionados no relatório são 3 (Saúde e bem-estar), 8 (Trabalho decente e Crescimento econômico), 9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura), 12 (Consumo e produção responsáveis), 13 (Ação contra a mudança global do clima) e 16 (Paz, justiça e instituições eficazes). Porém, ao longo do relatório, mais especificamente no capítulo “Sumário de conteúdo da GRI”, observa-se a relação de iniciativas da Embraer com mais de 8 ODS diferentes, o que gera uma certa incerteza acerca de quais

são os ODS focos da Embraer. Citam que em 2018, a Embraer foi incluída pelo nono ano consecutivo no Dow Jones Sustainability Index (DJSI).

"Para as pessoas" traz números de pessoas formadas e apoiadas pelas iniciativas sociais da Embraer e do Instituto Embraer, citados no relatório de 2017.

No capítulo "Para o meio ambiente" cita a ecoeficiência da empresa no uso de recursos, nos resíduos e emissões de gases do efeito estufa gerados.

Em "Para parceiros e comunidades" aborda-se o mesmo conteúdo do capítulo "Desempenho Social (2017)", mas com números atualizados para o ano de 2018.

Não há capítulos exclusivos para sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, apenas subtópicos curtos e dispersos ao longo do relatório. Não há gráficos e relatórios quantitativos neste relatório nem no corpo do texto ou em seus anexos pela primeira vez desde 2000.

Em todos os seus capítulos, abordam seus temas de forma rápida e sem muitas demonstrações práticas de operacionalização da teoria ou gráficos comparativos como fez anteriormente.

Os tamanhos das partes que tratam sobre sustentabilidade no relatório são:

- Sustentabilidade => pgs. 23 até 25 (2 páginas)
- Para as pessoas => pgs. 29 até 32 (3 páginas)
- Para o Meio Ambiente => pgs. 32 até 33 (1 página)
- Para parceiros e comunidades => pgs. 33 até 35 (2 páginas)

Totalizando 8 páginas de 43 do relatório.

Neste relatório os ODS da ONU não são descritos ou apresentados anteriormente, constam apenas as numerações de cada na tabela mencionada. Também não apresentam a imagem dos ODS da ONU.

5.2.18 Relatório Embraer 2019 e 2020

Não foram elaborados e divulgados relatórios corporativos da Embraer referentes aos anos de 2019 e 2020. Nenhuma razão aparente foi encontrada para tal ausência. Uma possível razão foi os atritos e uma interrupção no acordo entre Embraer e Boeing em 2020, que pode ter afetado os indicadores da

empresa. Há ainda a ocorrência da pandemia de Covid-19. Fora estes fatores, nada foi encontrado na mídia convencional, nas mídias sociais ou nas páginas da Embraer, que corroborassem para alguma justificativa da ausência de relatório em ambos os anos.

5.2.19 Relatório Embraer 2021

Em 2022, é divulgado o vigésimo relatório corporativo da Embraer referente ao ano de 2021. Nele é apresentado um capítulo que trata de assuntos relacionados a sustentabilidade, chamado “ESG - Compromisso com o FUTURO”.

Pela primeira vez a Embraer aborda em seu relatório sobre o ESG como um princípio norteador de suas políticas ambientais e sociais. Apresenta um plano de metas sociais, ambientais e tecnológicas de 2022 até 2050.

As metas são divididas em três categorias: E (para metas voltadas ao Meio ambiente); S (para Diversidade, Inclusão e Educação); G (Governança).

Há também pela primeira vez um link para se acessar os indicadores de sustentabilidade da Embraer, um documento de 45 páginas cujo conteúdo é exclusivamente sobre Sustentabilidade. Apresenta metas e produtos norteados pela ecoeficiência e seu comprometimento na diminuição de uso de recursos, produção de resíduos e emissão de gases de efeito estufa.

Pela primeira vez, há uma exposição das metas de sustentabilidade expostas em uma única página com uma imagem:

Imagem 5. Metas de sustentabilidade da Embraer (2021)



Fonte: Relatório Embraer (2021).

Há uma exposição de novos produtos (aeronaves) com novas tecnologias em favor do meio ambiente (elétricos e compatíveis com combustíveis sustentáveis de aviação). Aborda sobre diversidade na sociedade e em seu corpo de funcionários.

Resgata as ações sociais expostas nos relatórios de 2017 e 2018. Novas iniciativas em prol da educação e da diversidade foram lançadas e expostas: "EMBRACE" (um movimento de representação de grupos minorizados com mais de 600 membros). Trouxe ainda as ações da Embraer em meio à pandemia de Covid-19 e suas ações relacionadas a transparência e ética.

Este capítulo "ESG – Compromisso com o futuro" começa na página 15 e se encerra na página 32, totalizando 17 páginas de 62.

5.2.20 Indicadores de Sustentabilidade Embraer 2021

Primeiro e único relatório exclusivamente voltado para Sustentabilidade emitido pela Embraer. Os capítulos deste relatório são "Indicadores Ambientais", "Indicadores Sociais" e "Indicadores Governança". Porém, é um relatório majoritariamente dedicado a exposição quantitativa de indicadores, no qual há

pouco texto e detalhamento de cada uma das dimensões e seus respectivos indicadores.

"Indicadores Ambientais" é dividido em: 1-Energia; 2-Água; 3-Emissões; 4-Efluentes e resíduos. "Indicadores Sociais" é dividido em: 1-Segurança, saúde e bem-estar; 2-Treinamento e educação; 3-Diversidade e igualdade de oportunidades; 4-Comunidades locais - contribuições filantrópicas; 5-Atração e retenção de talentos; 6-Avaliação socioambiental de fornecedores.

"Indicadores GOVERNANÇA" é dividido em: 1-Ética e Compliance; 2-Processos Judiciais; 3-Gerenciamento de riscos associados ao uso de materiais críticos; 4-Segurança do produto. Apresentam breves descrição em cada subtópico, seguidos de tabelas numéricas com resultados alcançados.

As tabelas apresentam formatos: comparativos entre anos anteriores e 2021; comparativos entre os sexos masculino e feminino. O subtópico "6-Avaliação socioambiental de fornecedores" e o capítulo "Indicadores GOVERNANÇA" são momentos do relatório nos quais não há a presença de tabelas numéricas.

Há em ambos os casos uma descrição de iniciativas e processos realizados pela Embraer para promoção dos itens referentes. Um conteúdo inédito pode ser encontrado dentro de "4-Segurança do Produto" no qual apresenta-se pormenorizado a filosofia e as ações da Embraer para avaliações de contratos, compras, engenharia e certificação de aeronaves, recebimento de produtos, não conformidades e seu tratamento, treinamento, e as diretrizes sobre segurança de aeronavegabilidade e segurança nas operações de produtos.

No restante, apresenta-se números atualizados de iniciativas anteriormente apresentadas em 2017 e 2018. Este relatório possui 45 páginas no total, sendo o único dedicado a sustentabilidade. Nenhuma contribuição teórica é oferecida por este documento. Sendo suas contribuições puramente numéricas, mostrando a evolução das metas da Embraer nos últimos anos.

5.2.21 Sobre as narrativas encontradas nos relatórios de sustentabilidade

Observa-se que nos quatro primeiros anos de produção de relatórios corporativos, de 2000 até 2004, apenas em 2001 apresentam alguma menção à sustentabilidade.

Em 2005, abordam sobre as certificações e selos conquistados pela Embraer e que atuam enquanto símbolos, “evidências” de que a Embraer está comprometida com a sustentabilidade e atua enquanto um promotor da mesma. Revela ainda que a partir deste ano de 2005, a Embraer está na lista do ISE-B3 pela primeira vez.

Porém, em 2006 verifica-se um fato inusitado: na parte do relatório dedicada a sustentabilidade o conteúdo de 2006 é idêntico ao conteúdo de 2005. Tanto em tamanho, quanto em organização textual, ambos os anos são iguais. Isso pode indicar que a sustentabilidade não está entre as maiores prioridades para a empresa e seu relatório, como a Embraer apresenta. E neste ano de 2006, a empresa continua listada no ISE-B3.

No ano de 2007, a Embraer reitera seus selos e certificações. Pela primeira vez aborda sobre o IEEP (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa) e sua iniciativa PPS (Programa Parceria Social) apoiado no entendimento: ONGs, empregados voluntários e IEEP.

Ao tratar sobre o ano de 2008, a Embraer reformula seu relatório, uma vez que neste ano adota-se as diretrizes do GRI para elaboração de relatórios e exposição de iniciativas e de dados da empresa. Com capítulos dedicados exclusivamente a iniciativas que se relacionam com a sustentabilidade. Mas, são capítulos quantitativos com gráficos comparativos de desempenho nos últimos anos (2006-2007-2008) sobre: emissão de poluentes, uso de recursos hídricos e energia elétrica. Há ainda o posicionamento da sustentabilidade como norteador do processo produtivo de novas tecnologias, produtos e serviços.

Em 2009 a ecoeficiência passa a ser uma justificativa constante nos relatórios. Para a Embraer, neste relatório, a tecnologia será a responsável por mudar o mercado de aeronaves, com produtos mais eficientes, menos poluentes e com menor demandas de recursos para serem produzidos, além de mais seguros e oferecerem melhores experiências aos clientes. Isso pode ser observado na seguinte narrativa contida neste relatório:

Para a indústria aeronáutica, as questões ambientais estão diretamente ligadas ao desempenho do produto. Devido às particularidades do transporte aéreo, os aviões consomem considerável quantidade de combustível, razão pela qual a eficiência na operação é fundamental para reduzir os impactos ao meio ambiente, especialmente na contribuição para a emissão de gases do efeito estufa. A busca por melhor desempenho está ligada aos nossos esforços para alcançar contribuições mais amplas ao meio ambiente, procurando tornar todo o conjunto da atividade aeronáutica mais sustentável (RELATÓRIO EMBRAER, 2009, pg. 65).

Ou seja, a sustentabilidade é também uma justificativa para que a produção e comercialização de novas tecnologias e aeronaves possam prosseguir com seu crescimento. Ainda em 2009, há a criação de um Código de Ética dentro da Embraer.

A partir de 2010, há sempre a apresentação de gráficos comparativos entre os 3 anos anteriores ao dos relatórios, nos quais apresentam a evolução das metas de diminuição da emissão de poluentes, uso de recursos hídricos, uso de energia elétrica, descarte de materiais e tintas, recuperação de florestas, número de alunos impactados pelos projetos educacionais da Embraer, número de áreas de preservação privadas mantidas pela Embraer, entre outros.

São comparativos quantitativos. Não há em nenhum relatório quaisquer tipos de argumentações de como tais iniciativas se relacionam com a sustentabilidade. A Embraer não apresenta o que entende por sustentabilidade por um período de 17 anos. Somente em 2017 apresentam uma contribuição teórico para o conceito de sustentabilidade por meio do conceito de “materialidade”.

A partir de 2014, abordam sobre a composição do corpo de funcionários quanto a idade e sexo por cargos.

Porém, uma constante nos relatórios é a relação entre sustentabilidade e o desenvolvimento de novos negócios. Tanto nos vídeos, quanto nos relatórios, a sustentabilidade é sempre posicionada de tal forma nas comunicações da Embraer, que ela é entendida como o princípio norteador do processo produtivo da empresa.

A sustentabilidade é mobilizada nas narrativas de tal forma que crie no imaginário das pessoas a mensagem de que os investimentos em novas tecnologias, a produção de aeronaves e serviços e o aumento da comercialização destes novos produtos são necessários para que haja a

promoção da sustentabilidade. Para substituir produtos e tecnologias obsoletos que agridem o meio ambiente e que não promovem experiências únicas às pessoas, são necessários estes novos produtos. Protege-se a dimensão econômica da empresa e seu crescimento a partir do uso das questões sociais e ambientais. Isso é observado pelo conceito de materialidade exposto em 2017. Este conceito explicita que a sustentabilidade é a capacidade de se desenvolver ao mesmo tempo em 8 direções:

1. Saúde, segurança e bem-estar;
2. Recursos naturais e resíduos;
3. Ética, transparência e compliance;
4. Sustentabilidade econômica e financeira;
5. Segurança do produto;
6. Desenvolvimento de pessoas;
7. Pesquisa, desenvolvimento e inovação;
8. Emissões atmosféricas.

A partir do momento em que a Embraer consegue converter os itens 1, 2, 3, 6 e 8 em vantagens competitivas ofertadas por seus produtos, ela assegura os itens 4, 5 e 7 que são os motores da geração de valor para a empresa e seus acionistas.

Em momento algum, de quaisquer um dos relatórios, observa-se algum argumento que possa prejudicar a dimensão financeira da empresa em prol da sustentabilidade.

Apesar dos investimentos em projetos sociais, culturais e ambientais, pode ser que são ações que buscam pela promoção da marca, e ainda, objetivam cumprir os requisitos mínimos exigidos pelo GRI e pelos Índices de Sustentabilidade das bolsas nas quais a Embraer encontrava-se.

Uma possível evidencia disso é a interrupção da produção dos relatórios de corporativos da Embraer logo após sua segunda exclusão do ISE-B3, em 2018. Nos anos de 2019 e 2020 não foram publicados quaisquer relatórios pela empresa. Vale ressaltar que neste mesmo período houve atritos e o rompimento do acordo entre a Embraer e a Boeing. Este fato pode ter impactado significativamente os indicadores da Embraer, e por isso, pode-se ter optado em

não produzir tais relatórios, uma vez que não era mais obrigatório a divulgação de dados pela Embraer estar fora do ISE-B3.

A partir de 2016, os relatórios passam a ser mais objetivos e enxutos, com os gráficos quantitativos sendo posicionados ao final do relatório, nos tópicos “Anexos” ou “Anexos GRI”. E a tendência de diminuição do tamanho e da profundidade dos temas expostos segue até o ano de 2021.

Em 2021, apresentam um programa de ESG e uma imagem com as metas e suas respectivas datas a serem cumpridas em prol da sustentabilidade. Nada profundo ou com muitos detalhes.

A seguir, realiza-se uma análise das narrativas a partir da sociologia bourdieusiana e da literatura sobre sustentabilidade apresentada.

5.3 Análise bourdieusiana das narrativas levantadas

Conforme apresentado no capítulo 3.5 Análise das informações, a análise do presente capítulo seguirá a tabela procedimental abaixo:

Tabela 4. Tabela procedimental

ETAPAS	Ação teórica	Ação metodológica
I	Discussões Teóricas: Sociologia Bourdieusiana, Narrativas, Sustentabilidade, Mundialização e Símbolo.	Selecionar as narrativas sobre sustentabilidade emitidas pela Embraer.
II	Discussão Teórica: ortodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Identificar, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, as que podem ser consideradas como a ortodoxia sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
III	Discussão Teórica: heterodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Distinguir, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, as que podem ser consideradas como a heterodoxia sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
IV	Discussão Teórica: allodoxia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Apresentar, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, manifestações allodóxicas sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
V	Discussão Teórica: doxosofia à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Reconhecer, dentre as narrativas selecionadas e analisadas, declarações doxosóficas sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
VI	Discussão Teórica: guardiões da ordem simbólica à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Expor, a partir das narrativas selecionadas e analisadas, os guardiões da ordem simbólica da sustentabilidade enunciada pela Embraer.

VII	Discussão Teórica: doxa à luz da sociologia bourdieusiana e sustentabilidade enquanto um símbolo.	Descrever, à luz da sociologia bourdieusiana, a doxa sobre a sustentabilidade enunciada pela Embraer.
------------	---	---

Fonte: elaborado pelos autores.

A Etapa I foi realizada no capítulo 5.1 e 5.2. As Etapas II, III, IV, V, VI e VII foram trabalhadas a seguir.

5.3.1 A ortodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer

A partir da leitura, interpretação e descrição dos vídeos e dos relatórios da Embraer, foi possível observar que seu entendimento de sustentabilidade está implícito em suas narrativas.

A ortodoxia para Bourdieu (1990, 1996, 2009, 2011, 2012) é a narrativa dominante que reforça e é reforçada pela doxa. São narrativas que se apoiam naquilo que é entendido como dominante em relação a um tema polêmico (BOURDIEU, 1990, 2012).

A Embraer posiciona a sustentabilidade enquanto um ideal de equilíbrio entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais. Para isto, visam gerar valor para clientes e acionistas, promovem iniciativas de preservação ambiental por meio da gestão de uso de recursos hídricos e energia elétrica, criam e financiam programas sociais voltadas para a educação e cultura com o IEEP.

Porém, algo recorrente em sua comunicação é a apresentação do desenvolvimento de novas tecnologias e produtos como algo necessário para a promoção da sustentabilidade no futuro.

É uma visão tecnocêntrica de sustentabilidade que coloca a tecnologia como a responsável pelas soluções dos problemas contemporâneos. A sustentabilidade é a justificativa para que haja o desenvolvimento tecnológico e econômico possa prosseguir sem interrupções (LÉLÉ, 1991).

Esta visão tecnocêntrica da Embraer é justificada a partir da recorrência de uma narrativa que relaciona sustentabilidade com eficiência produtiva, com produtos mais “amigos” da natureza, tanto em seus vídeos no YouTube quanto nos relatórios corporativos. Nos relatórios de 2005 até 2021 há a apresentação de aeronaves que promovem a sustentabilidade. Nos vídeos de YouTube os 29 vídeos que apresentam narrativas ortodoxas mostram aeronaves “sustentáveis” como o futuro da aviação.

Outro fator relevante presente nos relatórios é a gestão de recursos hídricos, de energia elétrica e de descarte de materiais no processo produtivo. A Embraer posiciona tais iniciativas como “provas” de que a sustentabilidade é parte central na gestão da empresa e no desenvolvimento de novos produtos. A preocupação ambiental é uma das dimensões explicitadas por Elkington (1994) e que trata do cuidado das empresas com os impactos ambientais que podem promover.

Ao tratar das iniciativas do IEEP e outras iniciativas de financiamento educacional para jovens e para o público interno, a Embraer revela sua atuação social rumo a sustentabilidade. Também abordado por Elkington (1994), a dimensão social das empresas pode ser traduzida como a busca das empresas por promover o desenvolvimento de sua comunidade, em especial das pessoas.

A inclusão, diversidade e representatividade foram expostos nos relatórios a partir de 2011, e são citados nos dois maiores vídeos sobre sustentabilidade: “Sustainability in Action” e “#Embraer #ESG Flight Plan Full Live Event / Evento ao vivo completo #Embraer Plano de Voo #ESG” com mais de 50 minutos de duração cada. Apresentam programas de contratação e inclusão de pessoas, demonstram o perfil de seu corpo de funcionários por cargo e por escolaridade. Abordam ainda sobre as metas de atingir uma maior diversidade no perfil da empresa nos próximos anos. Mais uma apresentação de iniciativas da dimensão social da sustentabilidade, conforme trouxe Elkington (1994).

A narrativa da Embraer sobre sustentabilidade só aparece nos relatórios a partir de 2005, mesmo ano em que a Embraer entrou no ISE-B3. Isso pode indicar que alguns entendimentos da Embraer podem ser, na verdade, imposições do ISE-B3.

Conforme traz Zanoni et al. (2021), as narrativas sobre sustentabilidade da Vale S.A. e da Samarco também apresentavam iniciativas, programas, imagens e propagandas que abordavam a sustentabilidade como um equilíbrio entre as dimensões social-ambiental-econômica enquanto participavam do ISE-B3.

Houve algumas poucas variações da narrativa da Embraer ao longo dos anos, mesmo com suas exclusões. Novas iniciativas e programas foram inseridos ao longo dos anos, mas nenhuma mudança brusca de entendimento e

de direcionamento da empresa foi percebida. Mesmo com a adoção das diretrizes do GRI em 2008 e com o início de sua participação no *Dow Jones Sustainability Index (DJSI)* em 2010, não houve alterações bruscas na narrativa da empresa. Houve uma alteração relevante nos relatórios, no número de conteúdos mostrados e no modelo de exposição de dados.

Mas percebe-se um aumento no número de programas e ações voltados a promoção da sustentabilidade. Não se pode afirmar com certeza até que ponto o GRI e o DJSI influenciaram em tais iniciativas. Porém, verifica-se que anteriormente a adesão a tais instituições, a Embraer já possui alguns dos programas como o IEEP, a gestão de resíduos e recursos, vídeos e relatórios promovendo as novas aeronaves voltadas para a emissão zero de carbono e uso de combustíveis sustentáveis de aviação, suas certificações e selos.

Porém, a partir de 2014, seis anos após a adesão ao GRI e quatro anos após a adesão ao DJSI, há algumas mudanças significativas no relatório como a apresentação do Plano Diretor de Sustentabilidade. Em 2016 a exposição de dados passa a ser mais sucinta, com a apresentação dos ODS da ONU e quais objetivos a Embraer iria seguir. Em 2017 o Plano Diretor de Sustentabilidade foi apresentado no capítulo “Anexo GRI”, o que pode indicar que tal iniciativa é uma demanda do GRI.

Em suma, a ortodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer pode ser um resultado de pressões externas do ISE-B3, do GRI e da DJSI. O ISE-B3 é a fonte mais provável de pressão na formação do entendimento de sustentabilidade da Embraer, uma vez que após a adesão ao índice, o relatório corporativo da Embraer passou a abordar sobre sustentabilidade. Após a adesão ao GRI, o relatório da Embraer passou por algumas mudanças na exposição de dados e no número de conteúdos sobre sustentabilidade apresentados. O que pode indicar uma segunda fonte de imposição sobre a empresa.

A ortodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer é uma sustentabilidade tecnocêntrica, que atua para a promoção do equilíbrio entre os pilares sociais-ambientais-econômicos. É a reprodução de um ideal euro-americano de sustentabilidade, na qual a tecnologia é central na promoção de um mundo mais sustentável. A Embraer se utiliza da sustentabilidade para justificar o desenvolvimento de novas tecnologias que irão promover um mundo melhor. Ao mesmo tempo, a tecnologia é a justificativa para a comercialização

de novos produtos. Tais produtos, graças a esta tecnologia, são promotores de sustentabilidade por serem mais eficientes e menos poluentes. Conforme traz Lélé (1991), a sustentabilidade tecnocêntrica entende a sociedade como inerte e incapaz de promover mudanças significativas em seu modo de vida, exceto por meio da tecnologia e seus avanços.

5.3.2 A heterodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer

Há algo ainda mais íntimo, velado e que permeia a comunicação da Embraer quando se trata de sustentabilidade: ela é mobilizada enquanto um equilíbrio entre os três pilares (econômico-social-ambiental) que é uma representação do ideal euro-americano de sustentabilidade (O'CONNOR, 2000; QUIJANO, 2005; TAYLOR, 2000).

Segundo Bourdieu (1990, 1996, 2009, 2012) a heterodoxia é uma narrativa que vai contra a abordagem dominante, que a enfrenta ou a contraria. Em alguns casos, busca deslegitimá-la e substituí-la como a narrativa dominante. Apresenta também uma resistência contra a dominação e a imposição da doxa, buscando alterar o que campo deve entender sobre o tema polêmico em debate.

Ao tratar de sustentabilidade, a Embraer raramente o fez discutindo o conceito e expondo o que entende por sustentabilidade. O fez apresentando seus produtos tecnológicos e suas iniciativas sociais e ambientais para a operacionalização da sustentabilidade.

Uma fala marcante da Embraer sobre o que pensam ser relacionado com sustentabilidade é dada apenas 9 anos depois do início da produção de relatórios. E ainda, abordam apenas sobre a questão ambiental e não a sustentabilidade em si:

Para a indústria aeronáutica, as questões ambientais estão diretamente ligadas ao desempenho do produto. [...]. A busca por melhor desempenho está ligada aos nossos esforços para alcançar contribuições mais amplas ao meio ambiente, procurando tornar todo o conjunto da atividade aeronáutica mais sustentável (RELATÓRIO EMBRAER, 2009, pg. 65).

Aqui torna-se evidente que a sustentabilidade, para a Embraer, está diretamente conectada com Ecoeficiência. A sustentabilidade é mobilizada como

uma necessidade a ser satisfeita por meio da produção e comercialização de aeronaves mais modernas, garantindo assim o lucro.

No Relatório Embraer (2013, pg. 54) é dito:

A gestão sustentável é parte essencial da estratégia da Embraer, que acredita que o bom desempenho de seus negócios está intrinsecamente vinculado aos cuidados com o meio ambiente e a sociedade.

A Embraer busca conduzir seus negócios alinhando os objetivos econômicos aos aspectos socioambientais, sempre visando satisfazer clientes e gerar valor para acionistas e empregados.

Conforme traz Layrargues (2017) os conflitos teóricos dentro do campo ambiental facilitam a atuação de organizações na divulgação de narrativas verdes, nas quais se posicionam como sustentáveis sem ao menos definir o que entendem por sustentabilidade de uma forma explícita.

A Embraer em momento algum define o que entende por sustentabilidade. Isso facilita o processo de criação de uma imagem verde para a empresa, uma vez que sem uma definição sólida, a empresa não se compromete com possíveis ações consideradas por outras perspectivas como “insustentáveis”. Há ainda a dificuldade de posicionar a Embraer como insustentável, uma vez que não há muitos detalhes em suas narrativas sobre seus programas e seus processos produtivos.

Layrargues (2017) argumenta que as organizações se utilizam de conceitos vagos e abstratos de sustentabilidade para facilitar sua blindagem contra possíveis críticas e ataques. Posicionam em suas narrativas diversas ações que buscam relacionar com a sustentabilidade para justificar e sustentar o posicionamento de empresa comprometida com a sustentabilidade. Porém que suas ações podem revelar conflitos entre o que é narrado pelas empresas e o que é feito (LAYRARGUES, 2017).

O posicionamento de Layrargues (2017) pode ser verificado em dois vídeos da Embraer, respectivamente de 2013 e 2015, denominados “EMBRAER – IPANEMA” e “IPANEMA 203”. Apresentam uma mensagem que vai contra o que a própria Embraer apresenta: são produtos voltados à aplicação de agrotóxicos. Ou seja, a Embraer também desenvolve produtos e tecnologias para demandas que não corroboram com suas metas ambientais. Corrobora-se assim com a constatação de ANDRADE et al., (2013) de que em momentos de

crise ou de conflito de interesses, as empresas priorizam unicamente sua saúde financeira mesmo que em detrimento das demais dimensões.

As contribuições da Embraer para a sustentabilidade são, em alguns momentos, nada claras. Em alguns relatórios, não há detalhes dos programas e apresentação de seus números em relação a anos anteriores. Há ainda, como em 2019 e 2020, com a interrupção do acordo com a Boeing e um ano após sua segunda exclusão do ISE-B3 em 2018, nos quais não houve relatórios produzidos e divulgados.

Conforme O'Connor (2002) e Schweickart (2010), as empresas trazem um conjunto de ações ambientais e sociais para promover a empresa como uma marca comprometida com a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável. Porém, suas reais intenções são econômicas, nas quais se utilizam da sustentabilidade para justificar a continuidade de suas operações. Em alguns casos, a sustentabilidade é relacionada com seus produtos e serviços de tal forma que promove uma narrativa que convence as pessoas de que seus produtos e serviços são promotores da sustentabilidade, e que sem eles, não se alcançará a sustentabilidade, tornando-os indispensáveis para o futuro da sociedade (O'CONNOR, 2002; SCHWEICKART, 2010).

Portanto, há alguns elementos apresentados pela Embraer que não corroboram com a ortodoxia apresentada em suas narrativas, e nem com a ortodoxia da literatura que debate sobre sustentabilidade.

Sendo a ortodoxia da literatura sobre sustentabilidade o entendimento dominante sobre sustentabilidade, a heterodoxia é aquilo que vai na contramão da narrativa dominante.

No caso da Embraer, a heterodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da empresa é uma sustentabilidade ecoeficiente anti-ecologista. Baseia-se no uso da sustentabilidade apenas como uma cortina para que o público não possa visualizar o que está sendo feito nos bastidores do palco.

A sustentabilidade, conforme apresenta O'Connor (2002), Schweickart (2010) e Layrargues (2017), é utilizada como justificativa para que os processos internos e a geração de valor e lucro possam continuar. As empresas entrelaçam a sustentabilidade, as demandas levantadas por movimentos sociais verdes com seus produtos. Para defender seu processo produtivo e sua geração de lucro, as empresas passam a incorporar as demandas levantadas por tais movimentos

sociais, oferecendo soluções tecnológicas ou iniciativas sociais e ambientais voltadas à responder ataques e críticas de ambientalistas. Porém, divulgam tais propostas de uma forma não muito clara para a sociedade. A Embraer em seus relatórios e vídeos focam exaustivamente em suas novas tecnologias e aeronaves e em como elas promovem soluções sustentáveis para o futuro da sociedade. Porém, processos e produtos que contribuem para a poluição do planeta, para a desigualdade social e para a degradação ambiental não são abandonados pela empresa: só são substituídos quando uma opção economicamente melhor é elaborada.

O anti-ecologismo manifesta-se aqui na estratégia da Embraer em reunir diversas ações desconexas como um conjunto estruturado para a promoção da sustentabilidade. Porém, não abordam quais são os impactos sociais, ambientais e econômicos causados por sua atuação nos locais em que se instala. Suas iniciativas e produtos apresentados como promotores de sustentabilidade não estão diretamente relacionados com os impactos que a empresa causa. Sua estratégia é apostar na realização e divulgação de um grande número de políticas e ações voltadas para o bem-estar social e o meio-ambiente a fim de criar uma imagem de empresa engajada, mesmo que seja uma cortina de fumaça para velar suas atividades e seus impactos (LAYRARGUES, 2017).

5.3.3 A allodoxia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer

Bourdieu (1972, 2012) traz a allodoxia como uma forma elaborada de promover a desinformação ou ainda, um equívoco na relação entre diferentes informações, criando afirmações falsas.

No caso da Embraer, não houve elementos e narrativas que possam ser classificadas como allodoxias. Tanto em seus vídeos, quanto em seus relatórios, não promovem a desinformação e não realizam equívocos na correlação entre diferentes elementos e narrativas.

Vale ressaltar que apresentar a allodoxia pode ser tanto ortodoxa quanto heterodoxa. Porém, não foi possível verificar narrativas allodóxicas na divulgação de informações da Embraer. Uma possível explicação são as possíveis pressões sofridas pela Embraer na elaboração e divulgação de

informações. Instituições como GRI, ISE-B3, DJSI, entre outras, podem promover um rigoroso ambiente para elaboração e divulgação de informações.

5.3.4 A doxosofia sobre sustentabilidade nas narrativas da Embraer

A doxosofia em Bourdieu (1972) é o emprego de termos técnicos, linguagem culta, dados ou pesquisas, fora de contexto de tal forma que possa apresentar uma narrativa com aparência gramatical ou vocal mais robusta, permeada de cientificidade. Visa-se conferir maior confiabilidade à narrativa. É o uso malicioso ou equivocada da ciência e do conhecimento científico na construção de narrativas (BOURDIEU, 1972).

Nas narrativas da Embraer, não houve citações a nenhum tipo de conteúdo científico como estudos, publicações, livros, nada. Alguns poucos conceitos como materialidade, sustentabilidade e ecoeficiência são empregados, mas não citam suas fontes e o que a Embraer entende por tais conceitos. Somente o conceito de materialidade é apresentado e definido.

A doxosofia caracteriza-se pelo emprego equivocado de tais conceitos em narrativas. Pode ser verificado nas narrativas da Embraer que os conceitos de sustentabilidade e ecoeficiência foram utilizados de forma equivocada pela empresa ao não apresentarem as fontes com os autores que as criaram ou posteriormente debateram e ressignificaram estes conceitos. Há ainda o equívoco de não definirem seu entendimento quanto ao uso de tais conceitos: o que a Embraer entende por sustentabilidade e ecoeficiência?

Empregando em suas narrativas estes conceitos sem a devida clareza e suas referências, a empresa pode induzir o leitor ao erro, ou ainda, pode construir uma narrativa equivocada.

O conceito de sustentabilidade para a Embraer não é definido ao longo de 21 anos de relatórios sendo publicados. Nos vídeos, não a discutem ou debatem em questão de conceituação. Não é diferente com o conceito de ecoeficiência.

A doxosofia da Embraer é o emprego dos conceitos de sustentabilidade e ecoeficiência em narrativas para posicionar a Embraer como uma empresa socialmente responsável.

5.3.5 Os guardiões da ordem simbólica da sustentabilidade narrada pela Embraer

Os guardiões da ordem simbólica são agentes e estruturas capazes de dizer o que é legítimo ou não, como algo deve ser entendido ou não. Possuem a capacidade de exercer violência e dominação simbólica suficientes para impor a doxa e a ortodoxia (BOURDIEU, 1972, 1977).

Aqui os vídeos institucionais e os relatórios corporativos, num primeiro momento, podem parecer os guardiões da ordem simbólica. Afinal, são os meios de comunicação oficiais, com poder de representação da Embraer. Possuem força simbólica suficiente para impor a doxa e a ortodoxia do campo. São eles os responsáveis por disseminar para o público interno e para a sociedade o que a empresa entende por algum tema.

Porém, os vídeos e os relatórios corporativos são elaborados e aprovados pelos guardiões da ordem simbólica. Aqueles que realmente exercem o poder de disseminação e imposição da doxa e da ortodoxia são os diretores, o corpo diretor, o ISE-B3 e o GRI.

O corpo diretor e seus diretores são responsáveis pela aprovação e pela desaprovação do que poder dito em nome da Embraer e o que não pode ser relacionado a ela. Podem mudar o foco da gestão da empresa e reposicionar a organização em relação ao que entendem por sustentabilidade como irão veicular informações sobre ela.

Tal poder de direção não é irrestrito, possuindo ainda alguns compromissos com outras entidades. Por um tempo, o ISE-B3 atuou enquanto um guardião da ordem simbólica da sustentabilidade narrada pela Embraer. De 2005 até 2017 (exceto em 12/13), a participação da Embraer no ISE-B3, influenciou no entendimento sobre sustentabilidade da Embraer, uma vez que há diretrizes no ISE-B3 a serem seguidas, como a criação, financiamento e apresentação de iniciativas e programas voltadas para a promoção da sustentabilidade em suas dimensões sociais e ambientais. Porém, a partir de 2018 a Embraer saiu do ISE-B3 e não voltou até o ano de 2022. Logo, o ISE-B3 não atua mais enquanto um guardião da ordem simbólica da sustentabilidade narrada pela Embraer.

A Embraer aderiu ao GRI em 2008 e até o momento presente (2022) segue suas diretrizes. Devido as diretrizes do GRI em impor que as empresas apresentem:

- Indicadores ambientais de seus programas criados ou financiados;
- Indicadores sociais de inclusão, diversidade, programas educacionais e iniciativas culturais;
- Indicadores financeiros da empresa;
- Apresentação e alinhamento com os ODS da ONU;
- Entre outros.

Logo, o GRI possui o poder de impor um entendimento de sustentabilidade nas empresas que seguem suas diretrizes. A Embraer, após sua adesão em 2008, passou a apresentar tais indicadores em seus relatórios. Então, teve de adaptar algumas iniciativas e políticas por conta do GRI.

Enquanto o GRI for capaz de oferecer vantagens competitivas ou algum elemento que permita a Embraer usá-lo como forma de diferenciação perante a sociedade, legitimando-se como uma empresa responsável, a Embraer confere a ela o poder de dizer o que é sustentabilidade em seu nome.

Em suma, os guardiões da ordem simbólica da sustentabilidade narrada pela Embraer em 2022 são os diretores (o corpo diretor) e o GRI.

5.3.6 A doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer

O conjunto de elementos naturalizados e consolidados como garantidos em um campo configuram o conceito bourdiesiano de doxa. São os elementos que fundamentam e são reforçados pela ortodoxia (BOURDIEU, 1990, 1996, 2009, 2011, 2012).

Nas narrativas da Embraer sobre sustentabilidade A ortodoxia é uma sustentabilidade tecnocêntrica, que atua para a promoção do equilíbrio entre os pilares sociais-ambientais-econômicos. Porém, essa narrativa só se faz dominante devido ao seu alinhamento com a doxa.

Elementos como ecoeficiência, tecnocentrismo, sustentabilidade ambiental-social-econômica, futuro sustentável e responsabilidade configuram a doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer.

A ecoeficiência é um elemento presente em todos os relatórios e nos 29 vídeos que tratam sobre sustentabilidade. Suas aeronaves e sua capacidade de serem produzidas com menor número de recursos, além de serem mais eficientes em questões energéticas e emitirem menor quantidade de poluentes são sempre apresentadas como formas de promover a sustentabilidade, e, atuam ainda como demonstração de que a Embraer se preocupa com o planeta, com a sociedade, com o meio-ambiente e com o mercado da aviação. Foram analisados 21 relatórios e 34 vídeos ao longo de 13 anos e a empresa constantemente argumenta que suas aeronaves são diferenciadas e promotoras de um futuro sustentável na aviação. Em seus relatórios, a Embraer posiciona sempre o uso de recursos hídricos, o uso de energia, o uso de matéria-prima, o descarte de resíduos, sempre de forma a mostrar a evolução constante da empresa e sua crescente eficiência em assuntos relacionados com o meio-ambiente e uso de recursos.

O tecnocentrismo é o posicionamento da Embraer em colocar a tecnologia como pilar central para a promoção de um futuro sustentável. A partir do desenvolvimento de tecnologias, novos produtos e serviços mais eficientes e mais “amigos” das pessoas e da natureza podem ser produzidos, substituindo produtos e serviços obsoletos, poluentes e ineficientes. Além disso, a tecnologia é capaz de oferecer novas soluções e mudanças no estilo de vida contemporâneo, reconfigurando assim a sociedade e guiando-a para um modelo de sociedade sustentável. Na aviação, acredita que as novas tecnologias podem melhorar os serviços, diminuir a agressão ao planeta, ao mesmo tempo em que os custos da aviação são reduzidos.

A sustentabilidade ambiental-social-econômica é um entendimento basilar nos documentos produzidos pela Embraer. Sempre abordam sobre sustentabilidade a partir de suas iniciativas sociais e ambientais, bem como relacionando-as com a saúde financeira da empresa. Ao seguirem as diretrizes do GRI, devem necessariamente obedecer às diretrizes de participar de programas sociais e ambientais, e demonstrar indicadores de como tais programas estão caminhando, bem como apresentar seus dados financeiros. Há

ainda as participações em outros índices financeiros como o ISE-B3 e o DJSI que corroboram para a incorporação e reprodução do conceito dominante de sustentabilidade, que conforme expõe O'Connor (2002), é o ideal euro-americano de sustentabilidade e seu equilíbrio entre as três dimensões do *Triple Bottom Line*.

Futuro sustentável é um elemento que não é diretamente apresentado ou abordado como assunto central em nenhum relatório ou vídeo. Mas, as iniciativas sociais e ambientais, bem como as produções tecnológicas inovadoras, estão sempre voltadas para um ideal de futuro sustentável no qual as aeronaves não emitem carbono, usam 100% de biocombustíveis sustentáveis de aviação, que possuem processos produtivos limpos, com processos cotidianos eficientes em questão de uso de recursos e matérias-primas. O futuro sustentável é uma constante na justificativa do porquê das ações do presente. Este futuro sustentável é a razão que justifica o presente, o crescimento, o investimento em novas tecnologias e os programas sociais e ambientais de hoje.

Por fim, mas, não menos importante, a Responsabilidade é apresentada como um posicionamento intrínseco à Embraer. É apresentada como uma necessidade de qualquer organização que se preocupa com a sociedade e seu futuro. Responsabilidade é a preocupação no presente em realizar ações e investir em soluções para os resolver os problemas do presente, visando alcançar um futuro melhor para as próximas gerações. É assumir para si o protagonismo na luta para resolver os problemas causados pela insustentabilidade. É demonstrar uma preocupação em assumir o posto de responsável por resolver problemas e promover o desenvolvimento de todos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Conferência de Estocolmo de 1972 e o Relatório de Brundtland apresentado de 1987 posicionaram a sustentabilidade como um tema relevante a ser debatido pela sociedade, por tratarem de questões ambientais negligenciadas pelas atividades econômicas das empresas até então.

Movimentos verdes passam então a surgir e a crescer, pressionando o Estado e as organizações para que incluam em seus diretrizes de gestão questões relacionadas à sustentabilidade (PIERRI, 2001). Num primeiro momento, a sustentabilidade é tratada puramente como um conjunto de questões ambientais, baseadas nos impactos ambientais causados pela atuação das organizações na exploração de recursos naturais e descarte de resíduos no meio-ambiente (PIERRI, 2001; TAYLOR, 2000).

Porém, os movimentos verdes passam a incorporar questões sociais em suas narrativas, aumentando assim a abrangência do conceito de sustentabilidade, tornando-se movimentos sociais verdes (PIERRI, 2001; TAYLOR, 2000). Essa absorção de novas dimensões pelo conceito de sustentabilidade promoveu uma série de conflitos teóricos no campo que debate o que é sustentabilidade. Diversas perspectivas sobre sustentabilidade emergem a partir dos trabalhos de vários autores, promovendo a construção de um campo conflituoso e de um conceito inacabado (LAYRARGUES, 2017).

Neste campo, emergem alguns conceitos dominantes que tratam a sustentabilidade como um equilíbrio entre as dimensões ambientais, sociais e econômicas. Popularizado por John Elkington (1994), esta perspectiva de sustentabilidade é uma abordagem adotada pelos índices empresariais de sustentabilidade de bolsas como o ISE-B3 (ISE-B3, 2021a) e instituições como o GRI (GRI (2022)). Conforme evidenciado por O'Connor (2002), Schweickart (2010) e Layrargues (2017), a sustentabilidade como equilíbrio entre esses três pilares é o *mainstream* no campo que debate sobre o que é sustentabilidade.

Porém, ainda há conflitos nesta área para a proposição de novos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. E este conflito se estende para além do embate teórico, e passa a envolver a academia, as organizações e os movimentos sociais verdes (LAYRARGUES, 2017).

Este conceito dominante de sustentabilidade como um equilíbrio entre as três dimensões apresenta um problema: não definem com precisão o que de fato é sustentabilidade e como ela pode ser colocada em prática. Ou seja, há uma dificuldade em, a partir deste conceito, julgar algo como sustentável, insustentável ou não-sustentável (LAYRARGUES, 2017).

As organizações se aproveitam disso para se promoverem como estruturas promotoras de sustentabilidade, e assim, buscam construir uma imagem verde. Essa imagem verde é sustentada a partir da divulgação de iniciativas e políticas sociais e ambientais que não necessariamente solucionam ou amenizam os impactos causados pelas atividades dessas organizações. Muitas vezes estão desconexas com a realidade das operações das empresas, porém, são apresentadas de tal forma e em tamanha quantidade que mobiliza o imaginário social a entendê-las como organizações responsáveis, impossíveis de não serem sustentáveis (LAYRARGUES, 2017).

Há ainda organizações que aderem aos índices de sustentabilidade de bolsas de valores ou instituições que “promovem” a sustentabilidade, como o ISE-B3 e o GRI.

É o caso da Embraer, uma organização do setor aeronáutico, que participou do ISE-B3 entre 2005 e 2017 (ficando de fora da carteira do índice de 2012/13), que aderiu ao GRI em 2008 e continuou até 2021 (não há dados sobre 2022).

O presente trabalho buscou pesquisar sobre o conceito de sustentabilidade para a Embraer a partir da sociologia bourdieusiana.

Para Bourdieu (1990, 1991, 2012) as narrativas de agentes e estruturas apresentam elementos tidos como garantidos, utilizados para conferir às narrativas maiores probabilidade de garantir o êxito de agentes e estruturas em suas movimentações em busca de dominação. Estes elementos configuram o que Bourdieu entende pelo conceito de doxa. A doxa também é construída a partir de narrativas de agentes e estruturas (como as organizações).

Buscou-se então identificar e descrever qual a doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer.

Pesquisou-se em 21 relatórios corporativos da Embraer desenvolvidos entre 2000 e 2021, e em mais de 600 vídeos de YouTube do canal oficial da Embraer, por narrativas sobre sustentabilidade e como ela é entendida e

veiculada pela empresa. Nestas narrativas, objetivou-se identificar a ortodoxia, a heterodoxia, a allodoxia, a doxosofia, os guardiões da ordem simbólica, a por fim, para responder ao problema de pesquisa: a doxa sobre sustentabilidade para a Embraer.

Verificou-se que há uma reprodução do ideal euro-americano de sustentabilidade, que se apoia no entendimento de sustentabilidade como um equilíbrio entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais.

A doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer é configurada pelos elementos: ecoeficiência, tecnocentrismo, sustentabilidade ambiental-social-econômica, futuro sustentável e responsabilidade configuram a doxa sobre sustentabilidade construída pela Embraer.

Percebe-se que a Embraer, apesar dos extensos relatórios produzidos entre 2000 e 2015, e dos relatórios enxutos produzidos a partir de 2016, não apresentam contribuições teóricas sobre o conceito de sustentabilidade. Também não argumentam de forma aprofundada como suas iniciativas promovem a sustentabilidade, apenas estabelecem relações pontuais e superficiais.

Apresentam e reforçam em suas divulgações que seus produtos são dotados de novas tecnologias que promovem a sustentabilidade. Posicionam a tecnologia como um elemento central para a transformação do setor aeronáutico, em prol de um futuro sustentável.

Reforçam sobre a eficiência no uso de matéria-prima, no uso de recursos hídricos, no uso de energia elétrica e no descarte de resíduos e rejeitos de seus processos produtivos. A ecoeficiência é constatada como um elemento presente em suas narrativas, buscando colocar a Embraer como uma empresa que adequa suas operações e seus produtos em busca de um mundo melhor.

Não foi possível avaliar como o conceito de materialidade é seguido pela Embraer, uma vez que é citado, mas não relacionado a nenhum de seus programas em suas oito dimensões.

A Embraer possui diversas iniciativas sociais e programas ambientais, citados aos longos dos documentos analisados. Porém, não argumenta como tais movimentações promovem a sustentabilidade, ou como elas solucionam ou amenizam os impactos causados pelas operações da empresa.

As narrativas sobre sustentabilidade da Embraer são reproduções do ideal euro-americano de sustentabilidade. Ou seja, importam os entendimentos e a forma de promover a sustentabilidade na prática do eixo euro-americano. O problema em fazê-lo é não adaptar tanto o entendimento quanto as práticas às particularidades da região em que atua: um local fora de tal eixo, com diferentes problemas culturais, sociais, ambientais e econômicos. A promoção da sustentabilidade que não se relaciona e não se adapta à região pouco pode promover mudanças e melhorias.

Isso é resultado do processo de mundialização exposto por Bourdieu (1998, 2001). Sendo a mundialização o processo de unificação cultural, social e econômica do mundo, ela atua na destruição das produções sociais, econômicas e culturais fora do eixo euro-americano, e os substitui pelos produtos e soluções promovidas pelo eixo, colonizando materialmente e simbolicamente o restante do mundo. Porém, conforme constata Bourdieu (2001), este processo tende a provocar um outro processo: a criação de novos problemas nos países pobres fora do eixo-euroamericano que não foram previstos e não podem ser solucionados pelos modelos vendidos pelos países dominantes.

Estes novos problemas são oportunidades de geração de lucro para as organizações euro-americanas, que possuem o capital financeiro e intelectual (que são escassos nos países pobres) necessários para construir e vender soluções, gerando assim a manutenção da dominação simbólica dos países ricos sobre os países pobres. É a reconfiguração da condição metrópole-colônia.

Neste caso, a Embraer importa o conceito de sustentabilidade produzido pelo eixo euro-americano, negligenciando as produções regionais sobre sustentabilidade e sobre os problemas econômicos, sociais e ambientais da localidade na qual se encontra. Apesar das iniciativas, não necessariamente elas são soluções para os problemas das regiões auxiliadas pela Embraer.

Há também outro ponto relevante: suas ações voltadas para a comunidade e para o meio-ambiente não são relacionadas com as operações da empresa para que se possa avaliar até que ponto a Embraer soluciona, ameniza ou até erradica os impactos que ela mesma promove onde atua.

Só foi possível identificar e descrever a doxa e o conceito de sustentabilidade para a Embraer após extensa pesquisa de descrição e interpretação de seus materiais produzidos ao longo de mais de uma década.

Ou seja, está implícito em suas narrativas, não há clareza e uma definição precisa e “oficial” do que entendem por sustentabilidade. Isso facilita o processo de blindagem da marca contra críticas e ataques.

Para estudos futuros, sugere-se uma pesquisa de campo para conhecer as operações da Embraer e seus impactos, e então, estabelecer relações com as ações apresentadas pela Embraer em seus documentos oficiais. Pode-se assim, observar qual a relação entre impactos causados por seu processo produtivo e ações realizadas e voltadas para tais impactos.

Referências

ANDRADE, Lélis Pedro et al. Determinantes de adesão ao Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&FBOVESPA e sua relação com o valor da empresa. **Brazilian Review of Finance**, v. 11, n. 2, p. 181-213, 2013.

ANPEI. **Embraer integra o Índice Dow Jones de Sustentabilidade pelo oitavo ano consecutivo**. 2017. Disponível < <https://anpei.org.br/embraer-integra-o-indice-dow-jones-de-sustentabilidade-pelo-oitavo-ano-consecutivo/>>. Acesso em: 27 de março de 2022.

B3. Índice de Sustentabilidade Empresarial. 2020. Disponível em: < https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/indice-de-sustentabilidade-empresarial-8AE490C8761BBCDB01761EA822C50302.htm>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

B3. Índice de Sustentabilidade Empresarial. 2022. Disponível em: < https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise.htm>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

BARTHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U.; GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. SPE, p. 97-126, 2015.

BEATO, Roberto Salgado; DE SOUZA, Maria Tereza Saraiva; PARISOTTO, Iara Regina dos Santos. Rentabilidade dos índices de sustentabilidade empresarial em bolsas de valores: um estudo do ISE/Bovespa. **INMR-Innovation & Management Review**, v. 6, n. 3, p. 108-127, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, 239 p.

BORIM-DE-SOUZA, Rafael et al. Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory: proposing styles of reasoning for an unknown metropole. **Cross Cultural Management**, 2015.

BORIM-DE-SOUZA, Rafael et al. An objective hermeneutic approach to qualitative validation. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, 2020.

BOAS, Taylor C.; GANS-MORSE, Jordan. Neoliberalism: From new liberal philosophy to anti-liberal slogan. **Studies in comparative international development**, v. 44, n. 2, p. 137-161, 2009.

BOURDIEU, P. 1972. Esquisse d'une théorie de la pratique. Geneva: Librairie Droz, 272 p.

BOURDIEU, Pierre. The economics of linguistic exchanges. **Social science information**, v. 16, n. 6, p. 645-668, 1977.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62, n. 1, p. 69-72, 1986.

BOURDIEU, P. **The logic of practice**. Stanford university press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Thinking about limits. **Theory, Culture & Society**, v. 9, n. 1, p. 37-49, 1992.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **Contrafogos**: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. 152 p.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2004.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Tradução: Maria Ferreira. Revisão: Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Ed. Brasiliense. 2ª Reimpressão, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1, p. 247-256, 2014.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago und London: The University of Chicago Press, 1992.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo**: Metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Falhas e possíveis crimes foram causa de vazamentos de rejeitos minerais em Barcarena (PA), conclui comissão**. 2018. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/noticias/547869-falhas-e-possiveis-crimes-foram-causa-de-vazamento-de-rejeitos-minerais-em-barcarena-pa-conclui-comissao/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

CARNEIRO, A.; BARROS, A. Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. **Revista de Contabilidade e Organizações**. v. 30,p. 14-23, 2017.

CAVOK. **Embraer abre dois novos Centros de Excelência em Portugal**. 2012. Disponível em: < <https://www.cavok.com.br/embraer-abre-dois-novos-centros-de-excelencia-em-portugal/>>. Acesso em 11 de janeiro de 2022.

COFFEY, A. Analyzing documents. In: FLICK, U. **The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis**. London: Sage Publications,p. 367-379, 2014.

CZARNIAWASKA, B. **Narratives in Social Science Research: introducing qualitative methods series**. Sage Publications, 2004.

DOS SANTOS, Theotonio. **Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Insular Livros, 2020.

EMBRAER. **Crescimento da área de Serviços & Suporte. 2021**. Disponível em: <<https://embraer.com/br/pt/9268-crescimento-da-area-de-servicos-suporte>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

EMBRAER. **Estrutura Organizacional**. 2022. Disponível em: <<https://ri.embraer.com.br/show.aspx?idCanal=aP/kOwXXSsdAYdpob5lbsg==>>. Acesso em: 12 de junho de 2022.

ELKINGTON, John. Towards the sustainable corporation: Win-win-win business strategies for sustainable development. **California management review**, v. 36, n. 2, p. 90-100, 1994.

FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**, v. 10, p. 323-348, 2004.

FORJAZ, Maria Cecilia Spina. As origens da Embraer. **Tempo Social**, v. 17, p. 281-298, 2005.

GLADWIN, T. N.; KENNELLY, J. J.; KRAUSE, T. S. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management**, v. 20, n. 4, p. 874-907, 1995

GRANDI, Thais Paola; JASINSKI, Vanessa Pereira; ANDREOLI, Cleverson Vitorio. SUSTENTABILIDADE NAS EMPRESAS: UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO DE VALOR ECONÔMICO PELA ADOÇÃO DO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL (ISE). **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 9, n. 4, p. 761-779, 2020.

GRI. Global Reporting Initiative. 2022. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/standards/>>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2022.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Consultas de Autuações Ambientais e Embargos**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://servicos.ibama.gov.br/ctf/publico/areasembargadas/ConsultaPublicaAreasEmbargadas.php>>. Acesso em: 30 dez. 2021.

IDEIA SUSTENTÁVEL. **Índice de Sustentabilidade Empresarial aponta as corporações mais comprometidas com o desenvolvimento sustentável na bolsa de valores**. 2020. Disponível em: <<https://ideiasustentavel.com.br/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise-2020/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

INFOMONEY. **Índice de Sustentabilidade Empresarial ISE**. 2021. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/ise/>>. Acessado em: 20 de setembro de 2021.

ISE-B3. **DIRETRIZES DO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL (ISE B3)**. 2021a. Disponível em: <<https://www.b3.com.br/data/files/F6/B2/FB/2C/6B6AA71096B63AA7AC094EA8/Diretrizes%20do%20ISE.pdf>>. Acesso em: 19 de março de 2022.

ISE-B3. **Como participar**. 2021b. Disponível em: <<http://iseb3.com.br/como-participar>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

ISE-B3. **Carteiras e questionários**. 2022a. Disponível em: <<http://www.iseb3.com.br/carteiras-e-questionarios>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2022.

ISE-B3. **Listagem**. 2022b. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/regulacao/estrutura-normativa/listagem/>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

ISE-B3. O que é ISE. 2022c. Disponível: <<https://iseb3.com.br/o-que-e-o-ise>>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

JACK, Gavin; WESTWOOD, Robert. **International and cross-cultural management studies: A postcolonial reading**. Springer, 2009.

KOONTZ, Harold. The management theory jungle. **Academy of Management journal**, v. 4, n. 3, p. 174-188, 1961.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; ANTI-ECOLÓGICO, Binômio. Antiecológismo no Brasil: reflexões ecopolíticas sobre o modelo do desenvolvimentismo-extrativista-predatório e a desregulação ambiental pública. **Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade. Caxias do Sul: EDUCS**, p. 325-356, 2017.

LÉLÉ, Sharachchandra M. Sustainable development: a critical review. **World development**, v. 19, n. 6, p. 607-621, 1991.

LUCCHESI, Claudio. **O vôo do impossível: A história do Bandeirante, o avião que gerou a Embraer**. Rota Cultural Editora. 2019.

MARSH, David; FURLONG, Paul. A skin not a sweater: ontology and epistemology in political science. **Theory and methods in political science**, v. 2, p. 17-41, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Boitempo editorial, 2015.

MEBRATU, Desta. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environmental impact assessment review**, v. 18, n. 6, p. 493-520, 1998.

MERRIAN, S. B. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. San Francisco, USA: Jossey-bass, 2009.

MILNE, Markus J.; KEARINS, Kate; WALTON, Sara. Creating adventures in wonderland: The journey metaphor and environmental sustainability. **Organization**, v. 13, n. 6, p. 801-839, 2006.

MISES, Ludwig Von. **A ação humana**. LVM Editora, 2017.

MUNCK, Luciano; GALLELI, Bárbara; SOUZA, Rafael Borim de. Competências para a sustentabilidade organizacional: a proposição de um framework representativo do acontecimento da ecoeficiência. **Production**, v. 23, p. 652-669, 2013.

O'CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible? **Papeles de población**, año 6, n. 24, p. 9-35, abr./jun. 2002.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2022.

PEARCE, D. Environmental economics: an elementary introduction. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

PIERRI, Naína. El proceso histórico y teórico que conduce a la propuesta del desarrollo sustentable. In: PIERRI, Naína; FOLADORI, Guillermo. **Sustentabilidad? Desacuerdos sobre el desarrollo sustentable**. 1ª ed. Montevideo, Uruguay: Trabajo y Capital, 2001, p. 27-75.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.
REED, M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S.R; HARDY, C.; NORD, W.R. (Orgs.) Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2007, p.61-97.

REDCLIFT, M. R.; WOODGATE, G. (Ed.). **The international handbook of environmental sociology**. Edward Elgar Publishing, 2010.

- RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. LeBooks Editora, 2018.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social, métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.
- SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.
- SACHS, I. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SCHWEICKART, D. Is sustainable capitalism possible? **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 2, n. 5, p. 6739-6752, 2010.
- SILVA. Ozires. **Nas asas da Educação: A trajetória da Embraer**. Elsevier. 2008.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações-Adam Smith: Vol. I**. LeBooks Editora, 2020.
- ROWE, C. J.; BROADIE, S. (Ed.). **Nicomachean ethics**. Oxford University Press, USA, 2002.
- TAYLOR, D. E. The rise of the environmental justice paradigm: Injustice framing and the social construction of environmental discourses. **American behavioral scientist**, v. 43, n. 4, p. 508-580, 2000.
- UOL. **Boeing negocia parceria com Embraer**. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/12/21/boeing-negocia-parceria-com-embraer.htm>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2022.
- UOL. **MPF cobra devolução de mais de R\$ 21 bilhões por fraudes no BNDES em benefício da JBS**. 2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/12/10/mpf-cobra-devolucao-de-mais-de-r21-bilhoes-por-fraudes-no-bndes-em-beneficio-da-jbs.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.
- VAARA, Eero; SONENSHEIN, Scott; BOJE, David. Narratives as sources of stability and change in organizations: Approaches and directions for future research. **Academy of Management Annals**, v. 10, n. 1, p. 495-560, 2016.
- VALOR ECONÔMICO. Embraer vence desafios de privatização. 2014. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2014/12/12/embraer-vence-desafios-da-privatizacao.ghtml>>. Acesso em: 11 de junho de 2022.
- WBCSD. WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. **A eco-eficiência: criar mais valor com menos impacto**. Lisboa: WBCSD, 2000.
- ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. "Deixa eu te contar uma coisa...": Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, 2013.
- ZANONI, Beatriz Lima et al. Capitals and decisions about sustainability in a Brazilian ecocide organization: a narrative analysis based on Bourdieusian sociology. **Management Research: Journal of the Iberoamerican Academy of Management**, 2021.

ANEXOS

ANEXO A - LISTA DE RELATÓRIOS CORPORATIVOS DA EMBRAER

RELATÓRIO EMBRAER. 2000. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2001. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 8 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2002. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2003. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2004. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2005. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2006. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2007. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2008. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2009. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2010. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2011. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2012. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 1 de março de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2013. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 16 de março de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2014. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 24 de março de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2015. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 2 de abril de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2016. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2017. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2018. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

RELATÓRIO EMBRAER. 2021. Disponível em: < <https://ri.embraer.com.br/outras-informacoes/relatorios-anuais/>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

ANEXO B – LISTA DE VÍDEOS DO YOUTUBE DA EMBRAER

#ATMUS: A história de uma cooperação que protege vidas. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=0eL8ijAUAyw>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

#Embraer #E2 #TechLion: o rei da eficiência. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=jNNMAVZ6bSw>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

#Embraer #ESG Flight Plan Full Live Event / Evento ao vivo completo #Embraer Plano de Voo #ESG. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d8qoMlcPsg8>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

#Embraer. Right for the world ahead. Right now. / Preparados para o Futuro. Agora. 2021. Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZx-XYj8KS4>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

Alitalia and Embraer - The Power of E. 2011. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=micuOybZKHo&ab_channel=Embraer>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Azul+Verde - Renewable jet fuel - YouTube. 2012. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sgltN8cx7sl&ab_channel=Embraer>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

BE THERE. 2010. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=WMC2YJzflr4&ab_channel=Embraer>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Demonstrador Elétrico. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=LPAPt5kDwpU>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

EMBRAER - IPANEMA - YouTube. 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=lh9XViMLZmg&ab_channel=Embraer>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Embraer | Sustentabilidade em Ação. 2022. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=v36eUq2Hfqq>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021

Embraer e a produção de componentes dos respiradores. 2020. Disponível:
<<https://www.youtube.com/watch?v=-yFmUgwE2BE>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: Colégios Embraer & Desenvolvimento Pessoal e Profissional. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OQIFWz2-mns>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: Colégios Embraer & Educação de Alta Qualidade. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=s518RzA8g5w>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: Colégios Embraer & Sonhos Possíveis. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=j3F4AieOmcQ>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: O Papel Transformador da Educação. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=JsBCEVRcykl>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: PEE e a Engenharia do Futuro. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=o6RqEffyaeo>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

Embraer ESG: PEE & Realização do Voo dos Sonhos. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=usRtA99qqtI>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

Embraer: Para um mundo diferente. 2020 Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NRoAHK5IF-l>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Engenharia da Mudança: Energias Renováveis. 2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Q1SK2_JjHnw>. Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

ESG Flight Plan: Futuro Sustentável. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=s0rxabWnaJE>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

ESG Flight Plan: Melhores Momentos. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=dPZ2i-9dkl0>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

Human Centered | Ambiente de cabine mais saudável. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=-H1xY21XZdw>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2021

Iniciativas de Sustentabilidade da EMBRAER. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=mDI3zjQxAsI>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Insights for a different world: episode 3 – Sustainability. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=1910BoMP2p8>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2021.

Instituto Embraer. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M1NXarubjF4>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Instituto Embraer. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlWRgnduJ_w>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Instituto Embraer | 20 anos. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=0Z1qotrIVJw>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2022.

IPANEMA 203. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QIbkpHTB8t8>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

Jornada Saudável. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eJ6nQPU3WgE>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

Perspectivas de Mercado 2021: Tendência Ambiental. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=vSPqrgMe4vk>>. Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

Sustainability in Action. 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=R_a6KcCyDzM>. Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

Sustainability in Action: Teaser. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=x3c4uARD5MI>>. Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

Sustentabilidade em Ação - Melhores Momentos. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QcPyZ4MaYvg>>. Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

Viajar é uma experiência sensorial. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=tY0NMzNk82s>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.